

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO – MESTRADO EM GEOGRAFIA
CAMPUS DE AQUIDAUANA**

**A TERRITORIALIDADE DO TURISMO NA CIDADE DE GUIA LOPES
DA LAGUNA – MS: O CASO DA AVENIDA SANTA TEREZINHA**

ALAÍDE BRUM DE MATTOS

AQUIDAUANA – MS

2009

ALAÍDE BRUM DE MATTOS

**A TERRITORIALIDADE DO TURISMO NA CIDADE DE GUIA LOPES DA LAGUNA
– MS: O CASO DA AVENIDA SANTA TEREZINHA**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação - Mestrado em Geografia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - Campus de Aquidauana, como exigência final para obtenção do título de Mestre em Geografia, sob orientação da Prof^a Dr^a Edima Aranha Silva.

AQUIDAUANA – MS

2009

ALAÍDE BRUM DE MATTOS

**A TERRITORIALIDADE DO TURISMO NA CIDADE DE GUIA LOPES DA LAGUNA
- MS: O CASO DA AVENIDA SANTA TEREZINHA**

Dissertação de Mestrado apresentada à Banca Examinadora em 30 de junho de 2009 e foi considerada aprovada.

BANCA EXAMINADORA

1. _____

Prof^a. Dr^a Edima Aranha Silva
Orientadora

2. _____

Prof. Dr. Francisco José Avelino Júnior
Membro da Banca

3. _____

Prof^a Dr^a. Mercedes Abid Mercante
Membro da Banca

*A*os moradores de Guia
Lopes da Laguna-MS, os
verdadeiros guardiões da
memória desse lugar.
DEDICO

AGRADECIMENTOS

Ao Senhor do Universo por permitir minha existência.

À equipe de professores do Curso de Mestrado em Geografia da UFMS – Campus de Aquidauana, em especial à Prof^a Dr^a Ângela Maria Zanom, Prof. Dr. Miton Augusto Pasquotto Mariani, Prof. Dr. Tito Carlos Machado de Oliveira, Prof. Dr. Arnaldo Yoso Sakamoto, Prof. Dr. Francisco José Avelino Júnior, que com dedicação contribuíram para esta conquista.

À minha orientadora Prof^a Dr^a Edima Aranha Silva, pela paciência e dedicação que dispensou no decorrer do Mestrado.

À Prof^a Dr^a Mercedes Abid Mercante e ao Dr. Francisco José Avelino Júnior, pela gentileza e participação no Exame de Qualificação que indicaram outras possibilidades para melhorar o trabalho.

À Danielli Rodrigues Amorim Campos, Secretária do Programa de Mestrado em Geografia, pelo atendimento sempre gentil e atencioso.

À Patrícia Helena Milani, que de forma sempre atenciosa colaborou na digitalização e organização dos mapas e figuras do trabalho.

Aos meus filhos, Ana Lúcia, Luciana, Sibelle, André Luiz e Danilo, que sempre apostaram nos desafios e na possibilidade de novas conquistas.

Ao meu filho André Luiz de Mattos Flores que, amorosamente, colaborou na superação de minhas limitações nesta etapa de estudos.

“O lugar é o quadro de uma referência pragmática ao mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade”.

(MILTON SANTOS, 2006, p. 320.)

RESUMO

O presente trabalho objetivou estudar a territorialidade turística na área urbana do município de Guia Lopes da Laguna - MS, onde vários equipamentos de apoio e serviços ao turismo estão se instalando de forma cada vez mais representativa, para prestação de serviços e atendimentos aos fluxos itinerantes, que se deslocam em contínuos movimentos, atraídos pelas comunidades receptoras da Serra da Bodoquena e do Pantanal Sul. Quanto aos procedimentos teórico-metodológicos, além de pesquisa bibliográfica para o embasamento das categorias território e territorialidade, desenvolveram-se trabalho de campo na Avenida Santa Terezinha, espaço que se formou a partir da junção das BR 060 e BR 267. Para analisar a apropriação desse espaço pelo turismo, mapearam-se os empreendimentos da Avenida Santa Terezinha, que prestam atendimento ao fluxo de turistas de passagem ao local. Por meio de entrevistas, estabeleceu-se contato com os proprietários desses estabelecimentos para obter informações quanto ao processo de consumo desse espaço pelo turismo, bem como dados para avaliação das transformações promovidas em relação à dinâmica espacial do território urbano lagunense. Também se investigou a interação entre a Avenida Santa Terezinha com as rotas turísticas da Serra da Bodoquena e do Pantanal Sul. Considera-se que este trabalho é de grande relevância no conjunto de estudos referentes às territorialidades definidas pelo turismo no estado de Mato Grosso do Sul.

Palavras chave: Guia Lopes da Laguna-MS; Turismo; Território; Avenida.

ABSTRACT

This study investigated the territorial tourism in the urban area of the municipality of Guia Lopes da Laguna - MS, where several facilities and support services to tourism are installing on a more representative, to provide services and care to mobile flows, moving in continuous movements attracted by receiving communities of the Bodoquena Valley and the South Pantanal for theoretical and methodological procedures, and literature to the basement of territory and territoriality developed categories of field work on Avenue Santa Terezinha, space that is formed from the combination of BR 060 and BR 267. To examine the ownership of this area for tourism, tracks are ventures of Avenue Santa Terezinha, providing care to the flow of tourists from crossing to the site. Through interviews, contact was established with the owners of these establishments to obtain information about the process of consumption that area for tourism, as well as data for evaluation of changes implemented in relation to the spatial dynamics of urban territory lagunense. It also investigated the interaction between Avenue Santa Terezinha with the tourist routes of the Bodoquena Valley and the South Pantanal. It is considered that this work is of great importance in all studies concerning territorialities defined by tourism in the state of Mato Grosso do Sul.

Key words: Guia Lopes da Laguna-MS; Tourism; Territory; Avenue.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Mapa dos territórios turísticos de MS: Pantanal Sul e Serra da Bodoquena.....	34
Figura 02: Vias de acesso à Serra da Bodoquena e ao Pantanal Sul.....	39
Figura 03: Mapa da localização do município de Guia Lopes da Laguna.....	41
Figura 04: Foto Ponte Velha - Rio Miranda.....	42
Figura 05: Foto Confluência rios Santo Antônio/Miranda.....	42
Figura 06: Foto Pesca no Rio Santo Antônio.....	43
Figura 07: Foto Foco Assoreamento do Rio Miranda.....	43
Figura 08: Mapa recursos hídricos de Guia Lopes da Laguna	45
Figura 09: Planta Urbana de Guia Lopes da Laguna.....	47
Figura 10: Foto Igreja São José (Centro Velho).....	48
Figura 11: Foto Avenida Visconde de Taunay.....	48
Figura 12: Foto Residencial Visconde de Taunay.....	48
Figura 13: Foto Monumento da Retirada da Laguna.....	48
Figura 14: Foto Intersecção das BR 060 e BR 267.....	57
Figura 15: Foto BR 060 e acessos rodoviários.....	58
Figura 16: Foto BR 267 e acessos rodoviários.....	58
Figura 17: Foto BR 060 e acessos rodoviários.....	58
Figura 18: Foto BR 060, BR 267e MS 382.....	58
Figura 19: Guia Lopes da Laguna – expansão do espaço urbano.....	63
Figura 20: Representação esquemática da Avenida Santa Terezinha.....	64
Figura 21: Foto Hotel Reis.....	67
Figura 22: Foto Lanchonete e Churrascaria Trevão.....	67
Figura 23: Foto Lokar – Locadora de veículos e guinchos.....	67
Figura 24: Foto Serviços de reparos mecânicos.....	67
Figura 25: Gráfico Guia Lopes da Laguna: nível de importância do turismo.....	70
Figura 26: Gráfico Guia Lopes da Laguna: área interferência urbana do turismo	72
Figura 27: Gráfico COMTUR: nível de importância.....	72
Figura 28: Gráfico Guia Lopes da Laguna: fatores influenciadores do turismo....	76
Figura 29: Gráfico Associação Comercial: nível de importância.....	77
Figura 30: Gráfico Guia Lopes da Laguna: postura poder empresarial local.....	77

Figura 31: Serra da Bodoquena e Pantanal Sul: ranking turístico.....	81
Figura 32: Gráfico BR 060 e BR 267: serviços de apoio ao turismo.....	82
Figura 33: Gráfico Avenida Santa Terezinha: qualidade serviços de apoio ao Turismo.....	82
Figura 34: Gráfico CEITUR: opinião turistas itinerantes.....	83

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Evolução da população lagunense (1950/2007).....	46
Quadro 2: Guia Lopes da Laguna: distâncias e vias de acesso aos polos econômicos e turísticos do Pantanal e Serra da Bodoquena.....	59
Quadro 3: Avenida Santa Terezinha – Estrutura urbana e serviços de apoio turismo.....	65

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CEITUR: Centro de Informações Turísticas

CER - 3: Companhia de Estradas de Rodagem nº 3

CIDEMA: Comitê Intermunicipal Integrado dos Rios Miranda e Apa

COMBRATUR: Comissão Brasileira de Turismo

COMTUR: Conselho Municipal de Turismo

COOPERLAG: Cooperativa Lagunense

EMBRATUR: Empresa Brasileira de Turismo

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

OMT: Organização Mundial de Turismo

UEMS: Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

PDTUR: Plano de Desenvolvimento Turístico Sustentável

LISTA DE ANEXOS

Anexo 1: Formulário 1 - Entrevista com os residentes de Guia Lopes da Laguna.....	112
Anexo 2: Formulário 2 - Entrevista com grupo de empreendedores da Avenida Santa Terezinha.....	115
Anexo 3: Formulário 3 - Entrevista fluxo itinerante da Avenida Santa Terezinha.....	118

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS
LISTA DE QUADROS
LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS
LISTA DE ANEXOS

INTRODUÇÃO	15
1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	19
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	22
2.1 A categoria espaço.....	24
2.2 Sobre o território e territorialidade.....	27
3 GUIA LOPES DA LAGUNA NO CONTEXTO DAS TERRITORIALIDADES TURÍSTICAS DE MATO GROSSO DO SUL	31
4 ASPECTOS HISTÓRICOS E GEOGRÁFICOS	41
5 A DINÂMICA TERRITORIAL DO TURISMO NO ESPAÇO URBANO	54
5.1 As vias de circulação e o fluxo turístico.....	56
5.2 Apropriação do território pelo turismo na Avenida Santa Terezinha.....	60
5.2.1 Os equipamentos urbanos e serviços de apoio ao turismo.....	62
5.3 O turismo na concepção dos lagunenses.....	68
5.3.1 O turismo para os residentes.....	68
5.3.2 Os empreendedores e o turismo.....	74
5.3.3 O lugar para os turistas.....	78
6 PLANEJAMENTO E GESTÃO DO TURISMO NO ESPAÇO URBANO LAGUNENSE	84
6. 1 Planejamento – uma estratégia para a construção de novos cenários.....	84
6. 2 A gestão do turismo na Avenida Santa Terezinha.....	88
6. 3 Propostas e diretrizes para o turismo lagunense.....	96
CONSIDERAÇÕES FINAIS	103
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	106
ANEXOS	

INTRODUÇÃO

Este estudo analisa a dinâmica espacial decorrente do turismo no espaço urbano de Guia Lopes da Laguna/MS, com enfoque particularizado para a Avenida Santa Terezinha, onde mais de 40 empreendimentos prestam serviços de apoio aos fluxos turísticos que se deslocam com destino aos núcleos receptores de seu entorno, localizados nas áreas naturais da Serra da Bodoquena e do Pantanal Sul.

Para fundamentar a temática do estudo em questão, o conceitual teórico foi de substancial importância, bem como a pesquisa documental que nos possibilitou obter dados sobre o município lagunense. Ao que se aliou o trabalho de campo, que possibilitou a coleta de dados necessários para se realizar amplo estudo sobre a territorialidade turística no espaço urbano do município de Guia Lopes da Laguna, bem como observar a sua interação com as rotas turísticas da Serra da Bodoquena e do Pantanal Sul.

O crescimento do turismo como atividade econômica, sobretudo no período pós-industrial, tem conferido novas funções e formas aos espaços que são consumidos como destinos turísticos. Em geral, os espaços produzidos para o desempenho de função turística se estendem de forma complexa por extensas áreas limítrofes, formando os chamados 'territórios turísticos', que possuem como células vitais os núcleos emissores e receptores, aos quais se agregam áreas periféricas e adjacentes, por onde se deslocam os fluxos turísticos, partindo de suas origens aos seus destinos e vice versa.

Igual processo também se configurou no estado sul-mato-grossense, notadamente na década de 1990, em consequência da descoberta de atrativos turísticos naturais e culturais nas terras que compõem os principais domínios naturais do estado. Inegavelmente, esse fato contribuiu para consolidar a Serra da Bodoquena e o Pantanal Sul, como os destinos turísticos mais procurados do estado de Mato Grosso do Sul.

Inicialmente, a posição conquistada pelo estado no mercado turístico globalizado esteve atrelada apenas aos interesses econômicos. Todavia, com o desenvolvimento e a expansão do turismo pelos mais variados territórios, observou-se o alto grau de complexidade e sobreposições que a atividade promove, visto que

permeia por diferentes segmentos além do econômico, destacando-se entre estes a mobilidade espacial cujo estudo é de domínio da ciência geográfica.

Dessa forma, os territórios turísticos que se configuraram no contexto sul-mato-grossense, conferiram nova feição aos lugares e redefiniram novos papéis a eles. Nessa nova perspectiva espacial para e pelo turismo, redescobriu-se o município lagunense, que nessa dinâmica passou a desempenhar a função específica de interligar dois destinos turísticos, visto que, a sua volta estão concentrados os núcleos receptores da Serra da Bodoquena e os pontos de acesso aos destinos do Pantanal Sul.

Atualmente, o turismo de pesca e o turismo de natureza são os segmentos responsáveis pelos deslocamentos nas áreas de fluxos turísticos nas quais se insere o município de Guia Lopes da Laguna. Tendo uma de suas vias urbanas absorvida na sua totalidade pelos fluxos desses dois segmentos, o município evidencia nova função nesse contexto, o que pressupõe a necessidade de se avaliar com respaldo científico a nova dinâmica desse espaço.

Entretanto, a inexistência de um referencial teórico próprio do turismo reforça a busca em outras áreas do conhecimento humano para o estudo e a investigação dos fenômenos turísticos, objetivando a construção de um referencial que possa apontar caminhos teóricos capazes de elucidar as transformações provocadas nos diferentes espaços por onde a atividade se desenvolve. Transitando por diferentes áreas das ciências humanas, e recorrendo a variados aportes teóricos, o turismo tem encontrado na geografia, por excelência, os referenciais para fundamentar cientificamente as suas abordagens espaciais, o que Cruz (2003) explica afirmando que o turismo é a única prática social que consome elementarmente o espaço.

A falta de conhecimentos sobre as imbricações espaciais do turismo e seus efeitos nos processos de ordenamento e (re)ordenamento do território tem sido tônica de grande preocupação e estudos de relevância por parte dos geógrafos. Nesse sentido tem se destacado a contribuição teórica da geografia na área do turismo, tanto em relação ao estudo de sua dinâmica, quanto em relação à organização do espaço para uso turístico.

Como nos alerta Rodrigues (1996), o turismo, fenômeno típico da sociedade pós-industrial, expande-se em nível planetário, não poupando nenhum território, sejam desertos, montanhas, penhascos, crateras vulcânicas, ilhas, rios, mares, oceanos, ou outros espaços que estão sendo consumidos pela lucratividade que a

atividade turística propicia ao homem. Todavia, há outras implicações sérias, pois o turismo dispõe da capacidade de promover as mais complexas sobreposições entre os elementos que captura para franquear o seu crescimento, entre eles, está o território que produz ou reproduz para desenvolver as mais variadas atividades através de diferentes modalidades e escalas.

Segundo Cruz (2000), a nova organização socioespacial que o turismo é capaz de criar, “implica em mudanças, transformações, adaptações e novas relações”, o que confere novo sentido à vida da comunidade receptora, inclusive induzindo-a para a promoção de uma relativa modernidade em seu contexto local. Cruz afirma que é na escala local que o fenômeno se manifesta territorialmente, pois é no território que se estabelece toda a materialidade das suas relações e interações (Idem, p.12). Essa premissa deverá nortear o estudo em pauta, procurando esclarecer todas as interações que o turismo vem provocando no espaço lagunense.

Além disso, o interesse pelo estudo do espaço urbano lagunense se traduz numa inquietude voltada para a questão do planejamento territorial em todos os seus aspectos. Aliás, assunto polêmico no estado de Mato Grosso do Sul devido a sua própria tradição histórica de ocupação territorial. Por toda a extensão geográfica de Mato Grosso do Sul, há disparidades regionais quer seja do ponto de vista econômico quer político e social. Equacionar essas diferenças confere ao geógrafo, por excelência, grande responsabilidade e o desafio de repensar o espaço e sua dinâmica para uma sociedade ambientalmente sustentável.

Por não ser ainda considerado uma ciência social cujo estudo esteja metodicamente estruturado e ordenado, o turismo emprega métodos e conceitos da maioria das ciências sociais já consolidadas. Sobre o assunto, entre outros, Castrogiovanni (apud GASTAL, 2002, p.131) se manifesta:

Na verdade, a atividade turística não facilita a conduta científica: por suas ansiedades existenciais, ela transita em diferentes lastros teóricos, apropriando-se dos diversos arcabouços científicos e, com isto, dificultando a construção de um objeto próprio cognoscível.

Objetivando promover uma abordagem teórica, procurou-se pautar nesta discussão, alguns dos principais nomes da Geografia, bem como do Turismo e áreas afins, no sentido de respaldar nossas reflexões quanto ao processo de organização e dinâmica do turismo no espaço sul-mato-grossense, de forma particularizada, no espaço urbano do município de Guia Lopes da Laguna.

A pesquisa se constitui de cinco blocos assim distribuídos: no primeiro estão os Procedimentos Metodológicos, onde se expôs passo por passo o conjunto de processos ou fases empregadas na investigação, na busca de conhecimento para elucidar o objeto de estudo que motivou o tema da dissertação. O item dois apresenta a Fundamentação Teórica: onde se procurou discutir os conceitos de espaço e de território, bem como analisar a categoria território como espaço de relações sociais e de poder. A terceira parte apresenta Guia Lopes da Laguna no contexto das territorialidades turísticas de Mato Grosso do Sul, e tratou de uma abordagem teórica sobre a origem e a formação das territorialidades turísticas do Pantanal Sul e da Serra da Bodoquena, preocupando-se em clarear a posição do município lagunense no contexto da nova territorialidade causada pelo turismo no território sul-mato-grossense. Na parte quatro consta a caracterização geográfica, socioeconômica e histórica do município lagunense: realização de breve análise dos aspectos geográficos e históricos do município e suas atividades socioeconômicas. No item cinco, a dinâmica espacial do turismo em Guia Lopes da Laguna, que tratou de estudo para a compreensão da dinâmica espacial do turismo e seus efeitos no território do município de Guia Lopes da Laguna. E, por fim, se apresentam as considerações finais.

Os resultados obtidos com este trabalho poderão contribuir para o ordenamento e o uso do espaço pelo e para o turismo, de modo que a atividade possa dinamizar-se de forma equilibrada e contribuir para o processo de desenvolvimento sustentável do município, o qual vem ocorrendo de forma desestruturada tanto do ponto de vista econômico, quanto do social e do ambiental.

1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Por se tratar de um estudo de caso, procurou-se adequar a este estudo os procedimentos metodológicos compatíveis com esta modalidade de pesquisa que, por sua natureza, induz a ampla investigação de informações e levantamento de dados sobre o objeto de estudo que, neste caso, se identifica como sendo a territorialidade do turismo no espaço urbano lagunense.

Os estudiosos em geral, entre estes, Gil (1996), consideram o estudo de caso como sendo o método mais indicado para a investigação de um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto real, no qual os limites entre o fenômeno e o contexto não são claramente percebidos. E, também, porque esse procedimento é caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um ou mais objetos, de maneira que permita o seu amplo e detalhado conhecimento. (Idem, p.58-60).

Na busca de aportes teóricos para validar cientificamente o tema proposto neste estudo, realizou-se levantamento bibliográfico, cuja abordagem contemplasse a temática estudada, viabilizando estabelecer nexos entre a Geografia e ciências afins, especialmente com o Turismo.

Foi na Geografia e seus diferentes ramos de estudos que se estruturou a base teórica desta pesquisa, uma vez que as questões inerentes ao espaço e ao território são de pertinência dessa área do conhecimento humano. Por esse motivo, as primeiras leituras e estudos de textos foram os que clarearam a compreensão dos conceitos de espaço e território, seguindo-se do conhecimento teórico produzido para o entendimento da formação de territórios e territorialidades e todas as suas implicações, especialmente as que estudam as interações e as relações sociais com o território.

Desse modo a revisão bibliográfica possibilitou vislumbrar o entendimento do objeto de estudo e sua complexidade, pautando-nos em Santos (2005, 2006), Raffestin (1993), Dollfus (1982), Isnard (1982), Haesbaert (2006), Rodrigues (1996/1997), Cruz (2000), Coriolano (1998, 2005), Boullón (2000), entre outros.

Realizou-se a busca de documentos que norteassem a compreensão dos fatos ocorridos e conflitos vivenciados na comunidade lagunense. Para isso, baseou-se em levantamento e análise de estudos, planos e projetos realizados sobre a área

de estudo, identificação das fontes de pesquisas por diferentes órgãos públicos do âmbito federal, estadual e municipal, além de diversas entidades privadas.

Também foi realizado o levantamento de fontes secundárias inerentes ao tema da pesquisa e que fazem referência ao local, tais como livros, artigos, revistas, jornais, suplementos, folhetos, artigos, monografias, dissertações e outros.

O inventário turístico do município realizado por ocasião de estudos anteriores trouxe consideráveis contribuições e esclarecimentos para essa nova etapa da pesquisa. Seus resultados indicaram as prioridades a se desenvolver no trabalho de campo nesse momento, que consistiu nas atividades práticas realizadas na área de abrangência da pesquisa, entre as quais se destacaram as seguintes ações: contato direto com a realidade local através de visitas técnicas ao espaço urbano do município e sua periferia – escolas públicas, repartições públicas, associações e instituições, bairros periféricos, áreas de lazer, e outros espaços visitados; levantamento de dados em instituições públicas e privadas, e por empreendimentos de hospedagem, alimentação, lazer e entretenimento, agenciamento e transporte e serviços de apoio ao turismo em geral; inventário e mapeamento dos equipamentos e serviços de apoio ao turismo instalados na Avenida Santa Terezinha; registro fotográfico do espaço urbano do município – todos os espaços urbanos do distrito sede do município foram fotografados no sentido de se documentarem todos os elementos mais significativos da urbanidade lagunense; registro fotográfico do corredor da Avenida Santa Terezinha – fotografaram-se os equipamentos e serviços de apoio ao turismo, as vias de fluxo do espaço em estudo, seus equipamentos – vias pavimentadas, placas de sinalização e vias de acesso ao município.

Na intenção de levantar dados e informações para subsidiar a pesquisa, apenas com o emprego dessas técnicas e estratégias, conseguiu-se reunir dados e informações sobre o município lagunense. Oficialmente, dispõe-se de pouco material e banco de dados sobre a localidade, e destes a maior parte está sob o controle de órgãos municipais e estaduais que não dispõem de sistema organizado e atendentes especializados para disponibilizá-los ao público interessado.

Possivelmente, tenham sido as entrevistas o procedimento metodológico mais importante para validar esta pesquisa, visto que possibilitou um contato direto com os residentes, como os proprietários dos equipamentos e empreendimentos turísticos e com os turistas itinerantes que, entrevistados, puderam avaliar o assunto

da pesquisa, transferir informações, ousar críticas, além de fazer sugestões e pedir esclarecimentos.

Os resultados obtidos com a aplicação dos questionários e entrevistas possibilitaram o estudo da dinâmica espacial do turismo na Avenida Santa Terezinha. Em virtude da importância dessa ferramenta que se utilizou para o levantamento de dados, optou-se por anexar os respectivos modelos na Lista de Anexos.

Finalmente, os dados obtidos na pesquisa de campo foram submetidos à análise e tabulação de acordo com sua importância para o estudo. Com essas informações se compuseram quadros e tabelas que poderão auxiliar estudos posteriores sobre a mesma temática. Também, foram utilizados recursos cartográficos, cobrindo dessa forma a deficiência de material nesse gênero, notadamente de mapas temáticos que pudessem auxiliar nas diferentes interpretações do espaço estudado. E, por último, a elaboração de gráficos que traduzem a leitura das entrevistas realizadas, cujas mensagens foram decisivas para avaliação da dinâmica espacial no território do turismo lagunense.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O tema “A territorialidade do turismo na cidade de Guia Lopes da Laguna – MS: o caso da Avenida Santa Terezinha” pressupõe ampla discussão teórica, sobretudo na área do conhecimento geográfico e do conhecimento turístico, bem como áreas interdisciplinares. O conhecimento interdisciplinar contido em muitas áreas das Ciências Sociais, como ocorre no campo da Economia, Administração, Sociologia, História, entre outras, podem contribuir para validar a presente dissertação que tem como preocupação essencial discutir e elucidar teoricamente o processo de formação de ‘território turístico’ no espaço lagunense, inserido no contexto das territorialidades turísticas que se conhece como Serra da Bodoquena e Pantanal Sul, domínios considerados exponenciais entre as áreas naturais de Mato Grosso do Sul.

Devido ao crescimento vertiginoso alcançado pelo turismo nos últimos tempos, notadamente, os geógrafos, antropólogos, sociólogos, economistas, administradores, psicólogos e turismólogos concentram esforços no sentido de aprofundar investigações e estudos, a fim de explicar o fenômeno turístico. Revestida do mesmo propósito, a Geografia tem se posicionado como um dos mais importantes alicerces para analisar e explicar teoricamente o motivo que faz com que o turismo tenha o ‘espaço’ como seu principal objeto de consumo. Além disso, a Geografia observa e estuda as formas de apropriação do espaço para e pelo turismo, analisa seus efeitos na dinâmica espacial e procura entender seu papel nos novos arranjos territoriais que normalmente se observam na economia globalizada.

Apesar de recente e apresentando fluxos numericamente suportáveis, o turismo vem ocorrendo em muitos espaços do Estado de Mato Grosso do Sul sem os cuidados que a atividade requer em relação às alterações territoriais que comumente provoca. Aliás, nota-se grande carência de estudos no sentido de avaliar a dinâmica espacial desse fenômeno no Mato Grosso do Sul, principalmente, em se tratando de investigações científicas que demonstram preocupações com os tipos de espaços turísticos que se formaram, e, igualmente os que se estão em perspectivas de futuras projeções.

Entre os que se debruçam para estudar a complexidade do turismo nas suas diferentes áreas de envolvimento, há os que procuram investigar a sua faceta econômica e analisar seus efeitos multiplicadores na economia. Por outro lado, há

os que se preocupam em estudar os fatores motivadores e as sensações causadas pelas práticas turísticas. Esse enfoque, que ultrapassa o viés econômico e alcança o social, despertou o interesse de estudiosos de outras áreas das Ciências Sociais, a exemplo dos sociólogos e psicólogos.

Ainda refletindo a dimensão do turismo, não podemos nos esquecer da vertente cultural que deve ser considerada na escala de valores na mesma proporção que as mencionadas anteriormente. Convém lembrar que o 'espaço' onde o turismo é produzido, é também um espaço cultural, uma vez que sofre a intervenção do trabalho físico e mental do homem, pois é nesse espaço que o homem sobrevive, produzindo e reproduzindo o seu saber com a técnica e o conhecimento de que são portadores desde tempos mais remotos, construindo, portanto, os diversos territórios.

Beni (2001, p. 87) se reporta aos estudiosos alemães Hunziker e Krapf, que em seus primeiros estudos estabeleceram a premissa de que sem cultura não há turismo. Dessa forma a Antropologia e a História, por excelência, buscam espaços de estudos para a compreensão do que seja o turismo, de que forma ele consome a cultura produzida pelo homem e quais os seus efeitos impactantes sobre o patrimônio cultural da humanidade.

O grande progresso alcançado pelo homem na modernidade, ao lado dos benefícios, trouxe também aspectos negativos. Na ânsia incontida pela obtenção de lucros a todo e qualquer custo, formataram-se modelos capitalistas de produção responsáveis consideravelmente pela deterioração dos ecossistemas naturais. Rodrigues (1996, p.19), entre inúmeros estudiosos alerta no sentido de que na sociedade globalizada o turismo acabou se transformando em uma das mais importantes formas de reprodução de capital e de captação de divisas no mercado internacional.

Igualmente, os geógrafos se preocupam com o assunto numa outra perspectiva, ou seja, a apropriação e o consumo do espaço pelo e para o turismo. Salientamos, entre outros, Cruz (2000), em cujo estudo traz como foco o território e o turismo, procurando interpretar as possibilidades e limites dos processos de (re) ordenamento de territórios movidos pelo turismo. Dessa forma se procurou esclarecer a questão do envolvimento da Geografia no estudo do turismo, visto que essa atividade se apropria do espaço para nele produzir ou reproduzir, portanto,

criando por muitos lugares do planeta os chamados ‘territórios turísticos’ que, por sua própria natureza e essência, se distinguem de uma localidade para outra.

Cruz (2000) ressalta, ainda, que o turismo concorre para o processo de transformação dos territórios dos quais se apropria, bem como favorece o surgimento precoce de novas formações socioespaciais. Ainda a esse respeito Nicolas (1996, p.39) afirma que o turismo possui a capacidade marcante “de criar e de transformar, e, inclusive, de valorizar, diferencialmente, espaços que não podiam ter valor no contexto da lógica de produção”.

Mediante o exposto, demonstra-se de forma clara que os pilares mestres desta dissertação deverá se assentar nas categorias espaço e território. Sem essa discussão conceitual não seria possível entender o turismo como prática social nas localidades por onde ele se desenvolve e, muito menos, reconhecer liame do turismo com a Geografia.

Dessa forma, considerou-se Santos (2006), Dollfus (1982), Isnard (1982), Raffestin (1993), Haesbaert (2006), entre outros, como os principais mentores das discussões referentes ao entendimento e interpretação do espaço geográfico ao qual se vincula o território.

Ao lado dos geógrafos, amparou-se em estudiosos do turismo, a exemplo de Rodrigues (1996, 1997, 2001), que tem aprofundado reflexões teóricas acerca do turismo e sua relação com a Geografia, notadamente no que diz respeito ao espaço do turismo no mundo globalizado. Na mesma temática, seguem-se Cruz (2003) e Coriolano (1998 2005).

2.1 A categoria espaço

Indiscutivelmente, há que se pensar o turismo no bojo das discussões geográficas. E, para tanto, iniciamos esta discussão com Santos (1986), que a respeito do assunto tem o seguinte posicionamento:

Se o turismo está no território, se faz à geografia do movimento, do espaço de comando, do uso competitivo dos lugares, da revalorização dos lugares, da racionalidade dos espaços, ele pertence à Geografia (SANTOS apud CORIOLANO, 2005, p. 95).

Buscou-se no mesmo autor o entendimento do espaço geográfico, pois, em nossas análises estamos considerando dois espaços naturais – Serra da Bodoquena

e Pantanal Sul que, apesar de distintos, se interpõem naturalmente, estabelecendo entre si as mais variadas relações, quer seja no âmbito de sua geografia física, quer econômica e humana. Além desses, há um terceiro espaço representando o município de Guia Lopes da Laguna – MS. Assim, as considerações a seguir, pareceram-nos adequadas para entender as relações espaciais que aí ocorrem:

As diferenças entre lugares são resultados do arranjo espacial dos modos de produção particulares. O valor de cada local depende de níveis qualitativos e quantitativos dos modos de produção e da maneira como eles combinam. (SANTOS, 1982, p. 14).

Com base na reflexão do autor, somos igualmente compelidos a ponderar que sendo o espaço detentor de categorias analíticas internas e externas, regidas coerentemente entre si, o somatório entre as duas produz o espaço geográfico com as características e peculiaridades que o individualiza em relação a uma localidade, região, país ou continente. Partindo dessa premissa é que Santos elaborou o seu conceito de espaço: “Um conjunto indissociável de sistemas de objetos e de sistemas de ações” (SANTOS, 2006, p. 21).

A respeito de igual temática, vejamos as considerações de Dollfus (1982), que interpreta o espaço geográfico como “esteio de sistema de relações, provocadas pelo ambiente natural (clima solo, relevo, vegetação) e pelas sociedades humanas responsáveis pela organização do espaço” (Idem, p. 8).

Na visão do mencionado autor, o espaço geográfico se faz e evolui a partir das relações por ele mantidas, afirmação que equivale às interferências no espaço que Santos (2006) classificou como categorias analíticas internas e externas. Dollfus (1982), também, afirma que essas relações ocorrem no interior de um quadro concreto: o da superfície da terra.

Entre as categorias externas do espaço consideradas por Santos, a da técnica, por excelência, mereceu estudo de relevância na interpretação do espaço geográfico. Para Santos (2006), o homem, a natureza e a técnica são elementos vitais para a construção do espaço, que na sua visão ganha feições diferenciadas de acordo com a evolução do conhecimento técnico humano. Na sua avaliação, as técnicas “são um conjunto de meios instrumentais com os quais o homem realiza sua vida, produz e, ao mesmo tempo, cria o espaço” (Idem, p. 29).

Santos (2006) adverte que, apesar de elemento importante na explicação da sociedade e dos lugares, a técnica isolada nada consegue explicar. Apenas as

formas como os sistemas técnicos de diferentes épocas que se combinam, é que explicam como se realizam as ações humanas nesse espaço. Dessa forma, fica evidente o entrelaçamento da técnica e do tempo no espaço, ao que o autor expõe: “o conteúdo técnico do espaço é, em si mesmo, obrigatoriamente, um conteúdo em tempo” (Idem, p. 45-46).

Interessante refletirmos também, o pensamento de Isnard (1982), que considera o espaço como um produto social onde se processam relações dialéticas com o meio, e onde, segundo ele, o homem adquire primeiramente um conhecimento empírico, seguindo-se de um conhecimento científico. O autor afirma que nessa prática efetuada ocorre a aprendizagem do meio e a descoberta das técnicas que permitem a solução dos obstáculos e o uso das potencialidades contidas no meio. Nessa aproximação que estamos buscando entre os teóricos em discussão, todos concordam com a colocação em seqüência:

Quanto mais elevado é o nível da técnica, mais a construção do espaço geográfico escapa aos constrangimentos do meio natural, mais livre fica o homem para realizar os seus projetos. (ISNARD, 1982, p. 60).

Ainda refletindo Isnard (1982, apud CARLOS, 1994, p. 24), que pondera em seus estudos as colocações do autor, é que se concluiu ser importante transcrever, com o intuito de fortalecer as reflexões sobre a criação do espaço e sua natureza:

A sociedade está inteira na criação de seu espaço. Aqui ela emprega todos os meios de ação que seu estágio civilizatório coloca à sua disposição, a força de trabalho de seus homens, a engenhosidade de suas técnicas, o suporte de suas crenças, de seu espírito, de suas ambições. Sociedade e espaço obedecem à mesma racionalidade [...]. A sociedade e seu espaço constituem um todo indissociável no sistema de interações onde a sociedade se cria criando o espaço.

Portanto, a organização dos espaços se dá de forma diferenciada, de acordo com o grau de conhecimento técnico e informacional que cada espaço conseguiu acumular ao longo da sua história. Sendo assim, nenhum espaço é igual ao outro, como afirma Dollfus (1982), o que frisa com veemência ao dizer:

Observa-se assim uma valorização ou desvalorização de determinados espaços geográficos, em função de condições naturais que, embora permaneçam inalteráveis, adquirem um valor e um significado variáveis de acordo com as sociedades, com seu nível técnico e econômico e com os objetivos que elas se propõem. (Idem, p. 41).

Santos (2006) considera esses espaços como 'espaços racionais', ou seja, espaços instrumentalizados. E afirma: "Os espaços da racionalidade funcionam como um mecanismo regulado, onde cada peça convoca as demais a se pôr em movimento, a partir de um comando centralizado" (Idem, p. 301). O autor pondera, ainda, que existem os espaços que são marcados pela ciência, os que são marcados pela tecnologia, os marcados pela informação, aqueles marcados por essa mencionada carga de racionalidade e há ainda outros espaços.

Ademais, salienta Santos (2006, p.304), há "os espaços do mandar", e há também "os espaços do obedecer". Portanto, cada lugar dentro dessa lógica ocupa um ponto no mundo globalizado, pois inegavelmente é o capitalismo que comanda o jogo da organização espacial.

2. 2 Sobre o território e territorialidade

Encerra-se esta discussão teórica se reportando ao 'território', categoria de estudo que se propôs realizar neste momento.

O primeiro ponto a se considerar, é que, embora interpretados como sinônimos, espaço geográfico e território são categorias de análise distintas entre si. Também convém lembrar a polissemia da palavra, pois, dela se utilizam a Antropologia, a Sociologia, a Psicologia, a Economia, a Política e a Geografia. Obviamente, será do conhecimento geográfico o significado de território que se pretende discutir, objetivando a compreensão das questões referentes às territorialidades e sua implicância na organização espacial de Mato Grosso do Sul, com particular interesse pelas territorialidades turísticas de Mato Grosso do Sul.

De acordo com as informações de Corrêa (2006, p.16-30), com a evolução da Geografia seus conceitos também sofreram influências das diferentes correntes do pensamento geográfico. Assim, desde 1870, quando a Geografia foi institucionalizada nas universidades europeias como disciplina, até o ano de 1950 predominaram os conceitos da chamada Geografia tradicional ou conservadora, dominada pelos geógrafos vinculados ao positivismo e ao historicismo. Nesse período, entre os conceitos de território preponderou o de Ratzel, que exerceu grande influência na Geografia Política e na Geopolítica do mundo pós-guerra.

Segundo Moraes (apud CORRÊA, 2006 p. 23), para Ratzel, o Estado era um organismo dependente do solo para a sua sobrevivência, não sendo possível

conceber Estado sem território (solo) e sem fronteira. Portanto, o Estado ratzeliano seria ao mesmo tempo dependente e gestor do solo, pois dele provinha a sua coerência. Dessa forma a política transforma o Estado em território investido de poder.

Para Corrêa (2006, p. 19-23), entre outros, a revolução teórico-quantitativa fundamentada no positivismo lógico na década de 1950 despolitizou a Geografia e introduziu profundas modificações na ciência geográfica. Ainda sob suas informações, só a partir de 1970 o conceito de território voltou a ter importância e reapareceu na Geografia Crítica com novo aspecto, representando não só o espaço do Estado, mas também o espaço dos diferentes atores sociais, manifestando o poder de cada um sobre a área de seus interesses. Esse período, segundo o autor, foi muito fértil para a Geografia, pois a década de 1970, além da Geografia Crítica sob as luzes do materialismo histórico e da dialética, viu também florescer o surgimento da Geografia Humanista, que é assentada nos pilares da subjetividade, da intuição, dos sentimentos, da experiência, do simbolismo e da contingência. (Idem, p. 23-32).

Embora modernamente sob os efeitos da globalização, o mundo estaria se “desterritorializando”, como afirma Haesbaert (2006), entre outros, mas como ele próprio diz: “decretar uma desterritorialização ‘absoluta’ ou o ‘fim dos territórios’ seria paradoxal” (Idem, p.20). O autor prossegue nos lembrando em suas interlocuções que o próprio conceito de sociedade implica sua espacialização, ou seja, precisa de um território.

Igualmente se posiciona Robert Ardrey (apud ISNARD, 1982, p. 30): “O homem é um animal territorial pela sua própria essência [...] o seu comportamento territorial é inerente a sua natureza e de origem evolutiva”. Lembrando Haesbaert (2006) novamente, quando reafirma: “não há como definir o indivíduo, o grupo, a comunidade, a sociedade sem ao mesmo tempo inseri-los num determinado contexto geográfico territorial” (Idem, p. 20).

A concepção que se tinha de espaço e território era de termos ambíguos, fato que gerou grandes discrepâncias nas análises, pois, embora correspondendo ao mesmo lugar, as duas categorias possuem campos de estudos diferenciados. Haesbeart (Idem, p.19), ao observar diversas concepções de território identificou um elemento que aparentou aproximar-se das idéias de controle, domínio e apropriação (políticos e/ou simbólicos) do espaço.

Uma abordagem clássica que tem contribuído para melhor esclarecer o assunto é a de Raffestin (1993), que diz que é essencial compreender bem que o espaço é anterior ao território. Para reforçar, informa ainda que o território se forma a partir do espaço, considerado pelo autor como resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático, aquele que realiza um programa em qualquer nível. Ao se apoderar de um espaço, concreta ou abstratamente, o ator 'territorializa' o espaço afirma o autor.

Com o propósito de demonstrar as relações marcadas pelo poder existentes no território, como fez Haesbaert (2006), Raffestin cita Lefebvre (1978), que mostra como se operam os mecanismos para passar do espaço ao território: "A produção de um espaço, o território nacional, espaço físico, balizado, modificado, transformado pelas redes, circuitos e fluxos que aí se instalam: rodovias, canais, estradas de ferro, circuitos comerciais e bancários, auto-estradas e rotas aéreas [...]" (RAFFESTIN, 1993, p. 143).

O território interpretado nessa perspectiva apresentada por Lefebvre, na opinião de Raffestin (Op. cit.), representa um espaço por onde se projetou um trabalho (sinergia e informação), e que, por conseqüência desencadeia relações marcadas pelo poder. Aliás, o significado da palavra território é de origem latina "territorium" – significando terra que pertence a alguém, o que de certa forma deixa implícita a idéia de poder. Por isso, o conceito de 'território' nos parece impregnado da noção de Estado, ou uma outra área submetida ao controle de um organismo político.

A idéia de poder, presente no conceito de território, também é tema de estudo de Souza (2006, p. 77-116), que entende território como um "espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder". Na interpretação do autor, a questão primordial sobre 'território' é saber o que se produz e quem produz em um dado espaço. Quais são as ligações afetivas ou de identidade que se estabelecem entre um grupo social e seu espaço. Quem domina ou influencia esse espaço. Quem domina quem nesse espaço e como se faz esse jogo (Idem, p. 78-82).

Enfim, Souza (Op. cit.) deixa claro que há uma relação de poder presente no território e, igualmente, uma hierarquia que o representa. Identificar cada ator e a sua posição na hierarquia desse poder facilita a compreensão e a interpretação do território que se deseja analisar e interferir. Segundo Souza, o conceito de território deve ser despido do seu manto de imponência que o adorna – o Estado, portanto,

carregado de carga ideológica, sendo representado pelo “território nacional” (Idem, p.81).

Diante das inovações e do progresso alcançado pelo homem, que atualmente utiliza o espaço sob a égide da técnica e da informação, ora territorializando, pouco depois desterritorializando ou (re) territorializando o espaço, Haesbaert (2006) aponta dois caminhos sobre a questão territorial:

Sobriam então duas possibilidades: ou admitir vários tipos de territórios que coexistiriam no mundo contemporâneo, dependendo dos fundamentos ligados ao controle e/ou apropriação do espaço, isto é, territórios políticos, econômicos e culturais, cada um deles com uma dinâmica própria, ou trabalhar com a idéia de uma nova forma de construirmos o território, se não de forma “total”, pelo menos de forma articulada/conectada, ou seja, integrada. Pelo menos ao nível individual ou de grupo, precisamos de alguma forma partilhar um espaço que, no seu conjunto, integre nossa vida econômica, política e cultural (Idem p.76).

A ‘desterritorialização’, que emerge entre uma das características marcantes da globalização, parece ter esfacelado o território, ou pelo menos a sua conotação já não é mais a mesma, em virtude das sobreposições territoriais que formam os chamados “territórios-rede”, espacialmente descontínuos, mas intensamente conectados e articulados entre si, que substituíram os “territórios-zona”, que mais dificilmente admitiam sobreposições. (Id. Ibid., 2006, p. 79).

Diante desse novo conjunto de territorialidade de mundo pós-industrial vamos encontrar o turismo que, pelas suas feições em relação ao consumo do espaço, perfeitamente se adapta à formação de territórios – os chamados territórios turísticos, que também já se desenharam e se reproduziram em Mato Grosso do Sul.

3 GUIA LOPES DA LAGUNA NO CONTEXTO DAS TERRITORIALIDADES TURÍSTICAS DE MATO GROSSO DO SUL

Para entender e apreender o conteúdo do espaço sul-mato-grossense se apoiou nos pressupostos teóricos de Santos (2006), que em seus estudos propõe “entender o espaço como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e de sistemas de ações”. Segundo o autor, o entendimento do espaço só é possível a partir desse conceito, ou seja, interpretando como ‘sistema de objetos’ toda a herança da história natural e todo o resultado da ação humana que se intentou no espaço; e como ‘sistema de ações’, o processo pelo qual o homem, através do seu trabalho, interfere sobre a natureza, modificando-a, e mudando a sua natureza íntima e conseqüentemente a sua natureza externa.

Partindo desse conjunto de princípios defendidos por Santos (Idem, p. 62-78), podemos afirmar que no espaço sul-mato-grossense a princípio não houve entre o Homem e a Natureza ações que pudessem modificar substancialmente o seu ambiente natural. Todavia, esse quadro vem se mostrando com significativas alterações nos últimos tempos, inclusive no que tange ao turismo, causando preocupações a considerável grupo de estudiosos e pesquisadores, entre os quais podemos citar Banducci Júnior & Moretti (2001) e Banducci (2006) que, em estudos realizados em dois espaços de ambientes naturais – Serra da Bodoquena e Pantanal, alertaram para os desastrosos danos que as ações turísticas desenvolvidas sem planejamento poderão causar aos ecossistemas.

Nos tempos contemporâneos estamos assistindo a uma corrida veloz das formas artificiais, sobrepondo-se às formas naturais e, sobre esse aspecto, vejamos o que Santos (2006) pondera:

No começo era a natureza selvagem, formada por objetos naturais, que ao longo da história vão sendo substituídos por objetos fabricados, objetos técnicos, mecanizados e, depois, cibernéticos, fazendo com que a natureza artificial tenda a funcionar como uma máquina (Idem, p.63).

Seguindo o raciocínio do autor em epígrafe, entende-se que cada lugar nada mais é do que o reflexo do conjunto de ações desenvolvidas no espaço e no tempo em diferentes circunstâncias, todas elas possuindo inegavelmente uma história. Isso nos esclarece sobre a formação dos territórios, e, em especial, do território sul-mato-

grossense que, assentado nos extensos latifúndios neles refletiu sua própria evolução histórica.

O autor frisa de forma constante em seus escritos, “que a propagação das técnicas ocorre de forma desigual no espaço” (Idem, p.42). Esse entendimento nos orienta no sentido de esclarecer o motivo pelo qual já se aproximando do século XXI, o espaço sul-mato-grossense aparentemente se mostrava fora do contexto do chamado mundo globalizado, ou seja, o momento em que passou a existir no mundo uma profunda interação entre a técnica e a ciência complementada pelos serviços da informação.

A respeito dessa interação no campo técnico e no campo científico, Santos (2006) esclarece que “quanto mais ‘tecnicamente’ contemporâneos forem os objetos, mais eles se subordinam às lógicas globais” o que fica mais bem esclarecido com as palavras que se seguem:

Como em todas as épocas, o novo não é difundido de maneira generalizada e total. Mas, os objetos técnicos informacionais conhecem uma difusão mais generalizada e mais rápida do que as precedentes famílias de objetos. Por outro lado, sua presença, ainda que pontual marca a totalidade do espaço. É por isso que estamos considerando o espaço geográfico como um meio técnico informacional (Ibidem, p. 240).

Dentro dessa perspectiva de mundo que se espelha no global, nenhuma sociedade, independente de seu estágio civilizatório escapará da nova ordem que rege o mercado atual, quer seja na sua base local, quer nacional ou internacional. Além da interação da técnica e da ciência, o sistema informacional da modernidade conecta o mundo com uma velocidade surpreendente, aproximando todos os lugares numa faixa simultânea de tempo. E, até por motivo de sobrevivência, somos compelidos a dar saltos para alcançar, ou pelo menos nos aproximar dos que estão à frente, ditando as normas e as regras do novo jogo do capital, sob o risco de criarmos ao longo do tempo uma subjugação econômica difícil de romper.

Desmembrado do território mato-grossense em 1977, o estado sul-mato-grossense esteve até tempos recentes preso à sua estrutura econômica tradicional assentada na pecuária e na agricultura. No entanto, novos cenários de transformações econômicas e sociais se evidenciaram no estado, como retrata o documento “Cenários e estratégias de longo prazo - MS 2020” que, após uma

análise do momento vivido, apontou cenários promissores para o futuro do estado de Mato Grosso do Sul.

Em virtude dessas transformações que vêm ocorrendo no estado, a busca por atividades econômicas alternativas aumentaram substancialmente, formando verdadeiras cadeias produtivas, envolvendo agroindústrias, serviços e comunicações. Entre essas atividades podemos destacar o turismo da forma como vem ocorrendo no Pantanal e na Serra da Bodoquena, ambientes naturais expressivos onde a atividade turística tem suscitado estudos por parte de inúmeros pesquisadores, entre outros, Moretti & Banducci Júnior (2001), Mariani (2003) Banducci (2006), Paixão (2006), Almeida (2007) e Aranha-Silva (2005).

Considera-se que a exploração turística nas terras do atual estado de Mato Grosso do Sul tenha se iniciado por volta da década 1960 com o turismo de pesca no Pantanal, como nos informa Almeida (2007, p. 26), que pontua os municípios de Corumbá, Miranda, Aquidauana, Coxim e Porto Murtinho como núcleos receptores que na época mais recebiam turistas para a prática da pesca amadora. Esse segmento prosperou a ponto de consolidar o Pantanal como um dos destinos mais procurados nacional e internacionalmente.

Durante a década de 1990, segundo Mariani (2003) e Vargas (apud Moretti 2001), na região da Serra da Bodoquena, mais especificamente no município de Bonito, ocorreu intenso processo de exploração da atividade turística. O relevo cárstico da região propiciou a formação de atrativos de excepcional beleza como a Gruta do Lago Azul, as Grutas do Padre Miguel, a Gruta do Urubu Rei, a Ilha do Padre, o Abismo Anhumas, o Buraco das Araras, o Buraco das Abelhas, a Lagoa Misteriosa, entre outros. (MARIANI, 2003, p. 09). Dessa forma se consolidou o destino turístico Serra da Bodoquena, que engloba os municípios turísticos de Bonito, Bodoquena e Jardim.

A apropriação pelo turismo desses espaços – Pantanal e Serra da Bodoquena, contribuiu para a formação de dois territórios turísticos representados na Figura 1, que apesar de sua proximidade geográfica são distintos entre si. Entre seus efeitos, o mais significativo está relacionado ao novo ordenamento e/ou (re) ordenamento do espaço, normalmente, tendo ‘turistificado’ vários lugares nele contido.

interligam de forma permanente (rodovias, ferrovias) ou temporariamente (rotas aéreas, rotas terrestres, redes de comunicação).

Analisando as considerações de Rodrigues (1996) e Souza (2006), podemos concluir que Guia Lopes da Laguna faz parte de um 'território rede do turismo', e que esse território representa um dos raios que interligam os nós representados pelos centros emissores e receptores (regionais, nacionais, internacionais). A partir dessa premissa, o estudo do assunto em debate começa a ficar desafiante, pois o que se pretende consiste em comprovar que esse município está incluído ao mesmo tempo nos 'territórios rede do turismo', conhecido como Serra da Bodoquena e Pantanal Sul.

O que Souza (Idem, p. 93-94) sugere como território descontínuo ou 'território rede do turismo' Raffestin (1993) classifica como "um sistema de malhas, nós e redes", pois para ele os deslocamentos dos turistas estabelecem um sistema de interações entre lugares, firmas instituições e indivíduos. Valendo-se da teoria de Rodrigues (1997, p.43), pode-se concluir que os lugares podem ser associados aos elementos do território turístico, ou seja, as áreas emissoras, as áreas de deslocamentos e as áreas receptoras. As instituições no caso devem ser correlacionadas com a supraestrutura do turismo, representada pelas organizações de âmbito local, regional, nacional e internacional (secretarias, conselhos e organizações no âmbito municipal, estadual, nacional e internacional). As firmas estão relacionadas aos produtos e serviços turísticos oferecidos para o consumo como hospedagem, alimentação, agenciamento e transportes, e, finalmente os indivíduos correspondem aos residentes e aos turistas.

O raciocínio teórico focalizado na realidade espelha Santos, que expõe os elementos constitutivos do espaço - homens, firmas, instituições, infraestrutura e meio ecológico, afirmando que "estes elementos se entrelaçam, fundem-se e se confundem, contêm-se uns nos outros e são por todos contidos, produzindo-se a totalidade" (Idem, p.65-70). O funcionamento dessa engrenagem é possível no turismo, sendo nesse ponto que acreditamos residir possibilidades reais de sobrevivência dessa atividade tão propalada na sociedade contemporânea.

Alguns autores, interessados na busca de novos conhecimentos no sentido de explicar com maior lucidez a lógica do ordenamento territorial das áreas apropriadas pelo turismo, desenvolveram teorias inovadoras e inusitadas que em muito contribuem para a quebra de paradigmas postos e impostos na sociedade

vigente. Entre esses, encontramos Rodrigues (1996, p. 65-77,) que discute a natureza do espaço turístico e o método para a sua análise, tomando os elementos do espaço, segundo Milton Santos, como embasamento teórico central de seus estudos. Prosseguindo, podemos nos referir à teoria do “não-lugares” de Carlos (1999, p. 25-36), que propala que o turismo produz no espaço um lugar que nega o local, sendo, portanto um ‘não-lugar’.

Na mesma expectativa de Carlos (1999), aparece Lucchiari (1998, p. 16), que no seu trabalho pertinente a urbanização turística sugere uma análise mais aprofundada da atividade turística, pois considera que esta seja “um dos vetores mais importantes para associar o mundo ao lugar, o global ao local”.

De fato Lucchiari nos sugere para ver o lugar como um elemento dinâmico, onde se presencia o movimento dialético constante existente entre o lugar e o mundo, resultante dos processos da sociedade atual. Na visão de alguns autores esse processo é visto como impacto negativo do turismo (destruição dos lugares), mas que a autora analisa por outro prisma, ou seja, como sendo um processo de construção de,

[...] novas formas contemporâneas de espacialização social por meio das quais estamos construindo novas formas de sociabilidade, mais híbridas e mais flexíveis [...] estabelece-se uma relação entre antigas paisagens e velhos usos e novas formas e funções, impulsionando a relação do lugar com o mundo, que o atravessa com novos costumes, hábitos, maneira de falar, mercadoria, modo de agir [...] Assim também, a identidade do lugar é constantemente recriada, produzindo um espaço social híbrido, onde o velho e o novo fundem-se dando lugar a uma nova organização sócio espacial (Idem, p.18).

A reflexão de Lucchiari (1998) é deveras inovadora, e se contrapõe aos paradigmas ultrapassados, que ainda persistem em nortear algumas sociedades contemporâneas do mundo globalizado. Refletindo de forma otimista, a teoria de Lucchiari nos permite visualizar um futuro promissor para a localidade lagunense, pois a sua presença no processo de territorialização turística é fato indiscutível. Apesar de sua condição secundária nesse processo de territorialização (corredor turístico), Guia Lopes da Laguna poderá, através do turismo, reverter sua imagem no estado, onde figura como município retraído economicamente e acometido de forte exclusão social.

Essa possibilidade se mostra de forma concreta no município lagunense. No entanto, é preciso que seus munícipes e seus administradores públicos se conscientizem da oportunidade ímpar que esse lugar vivencia no momento. Segundo Cara (1995), construímos nossa representação do mundo através de lugares. Em suas explicações o autor também coloca que lugares pouco conhecidos tornam-se 'território dos outros', onde não temos poder de atuação. Nos territórios turísticos, esse fenômeno ocorre freqüentemente, principalmente quando a população residente é excluída do processo de pensar ou repensar a organização do seu espaço.

Como exemplo, menciona-se Jardim, a vizinha cidade de Guia Lopes da Laguna, que se transformou em território turístico de Bonito, principal centro receptor do destino turístico Serra da Bodoquena. Quem divulga e vende Jardim e seus atrativos turísticos (Buraco das Araras, Recanto Ecológico Rio da Prata, Lagoa Misteriosa, Passo do Cure, Balneário do Seu Assis) é a unidade receptora de Bonito. Turistas estrangeiros e mesmo brasileiros de outros estados vão embora sem saber que consumiram turisticamente a cidade de Jardim.

O que ocorre com o município jardinense, também poderá ocorrer com Guia Lopes da Laguna, de forma até mais acentuada, pois nesse espaço estarão sendo instalados grandes complexos de equipamentos de hospedagem, de alimentação e transportes, construídos e administrados por redes empresariais nacionais e internacionais. Entretanto, na sua forma original, o Corredor da Avenida Santa Terezinha ainda está propiciando oportunidades de explorações lucrativas através do turismo à população local, notadamente aos de pequena renda.

Vários estudiosos do turismo desenvolveram teorias para o estudo do espaço turístico, mas a que se considerou pertinente neste momento refere-se à teoria de Boullón (2000). Segundo o autor, o espaço turístico corresponde à distribuição de forma hierarquizada dos atrativos turísticos, dos empreendimentos turísticos e da infraestrutura turística sobre o território de uma localidade turística.

A sua teoria consiste, portanto, em um sistema formado por elementos apresentados em escala descendente em relação ao tamanho de sua superfície: zona, área, complexo, centro, unidade, núcleo, conjunto, corredor, corredor de traslado e corredor de estada. Embora não explique as relações econômicas e políticas na produção desses espaços, mostra as correlações físicas existentes entre elas.

A teoria de Boullón (Idem, p. 97) considera duas categorias de corredor turístico: corredor turístico de traslado e corredor turístico de estada. No conceito do autor, os corredores turísticos de traslado constituem uma rede de caminhos e estradas de um país ou de uma região por onde se deslocam os fluxos turísticos para completarem seus itinerários. Entretanto, ressalta que condições peculiares são necessárias para que esse espaço possa exercer a sua função turística. Entre essas condições, o autor se reporta à instalação de equipamentos turísticos que assumem função estratégica para o desenvolvimento do turismo por estrada nos corredores de traslado. Esses equipamentos consistem fundamentalmente em postos de gasolina, borracharias, serviços de mecânica rápida para os automóveis, hotéis, locais para refeições e compras de artesanato ou produtos regionais.

Pautado na referida teoria, vislumbra-se que a informação de que a espacialização territorial para o turismo no município de Guia Lopes da Laguna deu-se provavelmente através da formação do Corredor da Avenida Santa Terezinha, e que o tipo de turismo que se prenuncia no local é o turismo itinerante ou de estrada, como também é conhecido.

Respaldando-se no aporte teórico de Pearce (2003, p.151-178), que analisa a evolução dos fluxos turísticos, na teoria de Boullón sobre o estudo do espaço turístico (2000, p. 69 -109), e nas considerações de Rodrigues (1996 e 1997), que analisa os elementos que integram o espaço para o uso turístico, elaborou-se uma representação esquemática dos deslocamentos dos fluxos turísticos itinerantes e as vias de acesso por onde se deslocam, tanto em relação aos destinos da Serra da Bodoquena como do Pantanal Sul, conforme se observa na Figura 2.

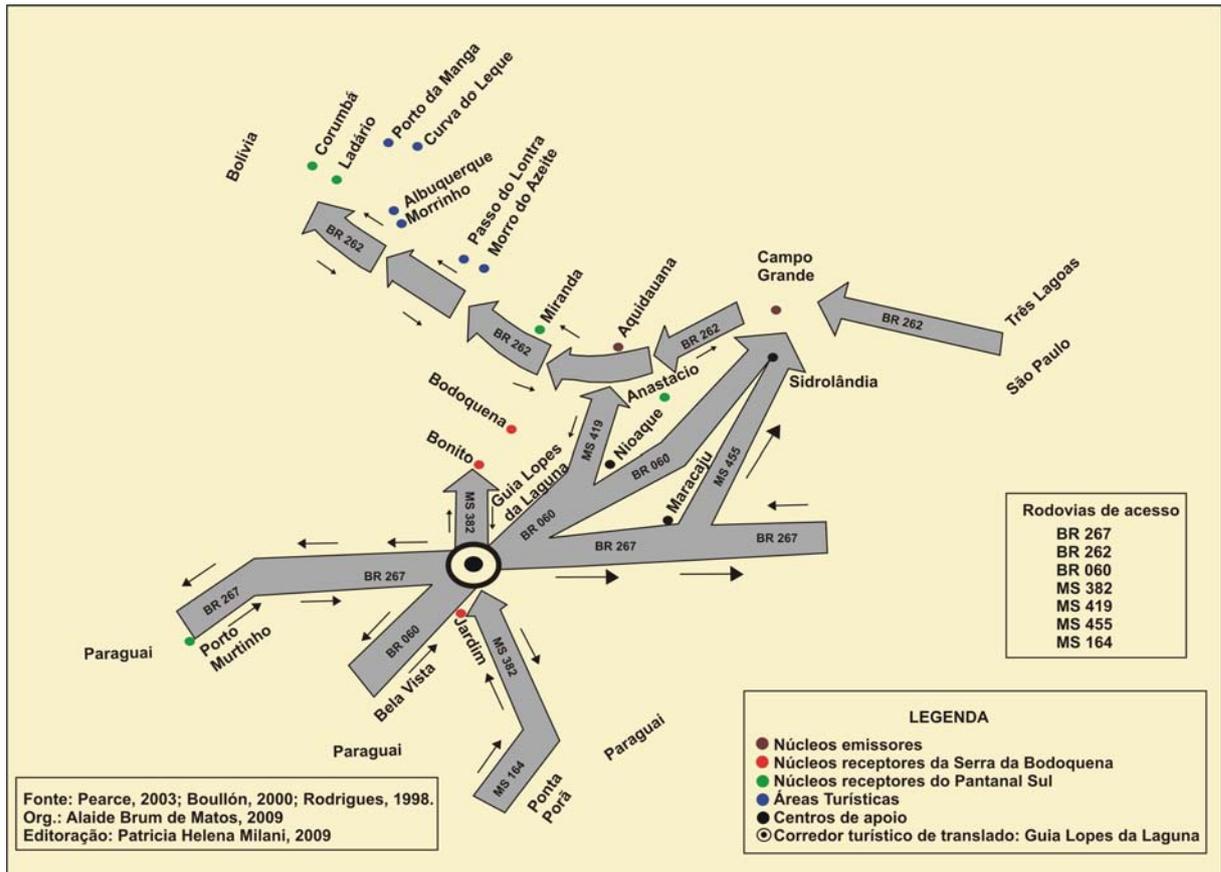


Figura 2: Esquema das vias de acesso à Serra da Bodoquena e ao Pantanal Sul

Essa representação auxilia no entendimento da espacialização do turismo nesses dois espaços sul-mato-grossenses, permitindo dimensionar as áreas apropriadas pelo turismo, identificar as localidades envolvidas no processo, distinguir o papel que cada uma exerce no novo cenário espacial provocado pela atividade turística. Além disso, é possível visualizar as conexões que se estabelecem entre os dois territórios – Serra da Bodoquena e Pantanal Sul, bem como a posição que Guia Lopes da Laguna ocupa nessa contextualização espacial.

Na estrutura desses espaços, conforme Figura 1, não há como deixar de considerar as vias de acesso representadas pelas estradas pavimentadas, que se constituem em equipamentos que favorecem as novas dinâmicas espaciais que ali se materializam. Santos (2005, p. 55) salienta que nas últimas décadas o território passou por expressivas mudanças em virtude de acréscimos técnicos que renovaram a sua materialidade, agregando-lhes novos valores e funções. O autor pontua as infraestruturas de irrigação e as barragens, os portos e aeroportos, as ferrovias e hidrovias, as instalações ligadas à energia elétrica, refinarias e dutos, as bases materiais das telecomunicações, entre outros, como os equipamentos que

possibilitaram maior circulação dos homens, dos produtos, das mercadorias, etc. Afirma, ainda, que os territórios na atualidade se distinguem de acordo com as possibilidades abertas a essa fluidez (Idem, p. 261).

Dessa forma, o traçado de novas estradas no estado de Mato Grosso do Sul e o aperfeiçoamento da estrutura das estradas que já existiam, além de favorecer maior circulação das pessoas, possibilitaram melhor circulação da produção e das ideias através dos novos sistemas de informações. Segundo Santos, quanto maior a implantação e aperfeiçoamento dos equipamentos dos diferentes sistemas da engenharia, bem como a intensidade do seu uso, maior será a fluidez efetiva do território.

Assim, o tema “A territorialidade do turismo na cidade de Guia Lopes da Laguna – MS: o caso da Avenida Santa Terezinha” nos parece suscitante, além de instigar o espírito da pesquisa e dos que se sentem interessados em participar efetivamente da construção do espaço sul-mato-grossense.

4 ASPECTOS HISTÓRICOS E GEOGRÁFICOS

De acordo com o IBGE (2008), Guia Lopes da Laguna se localiza na Grande Baixada do Paraguai, entre a escarpa ocidental da Serra de Maracaju e o Rio Miranda. Compõe, juntamente com os municípios de Bela Vista, Bodoquena, Bonito, Caracol Jardim e Nioaque, a Microrregião de Bodoquena, conforme Figura 3.

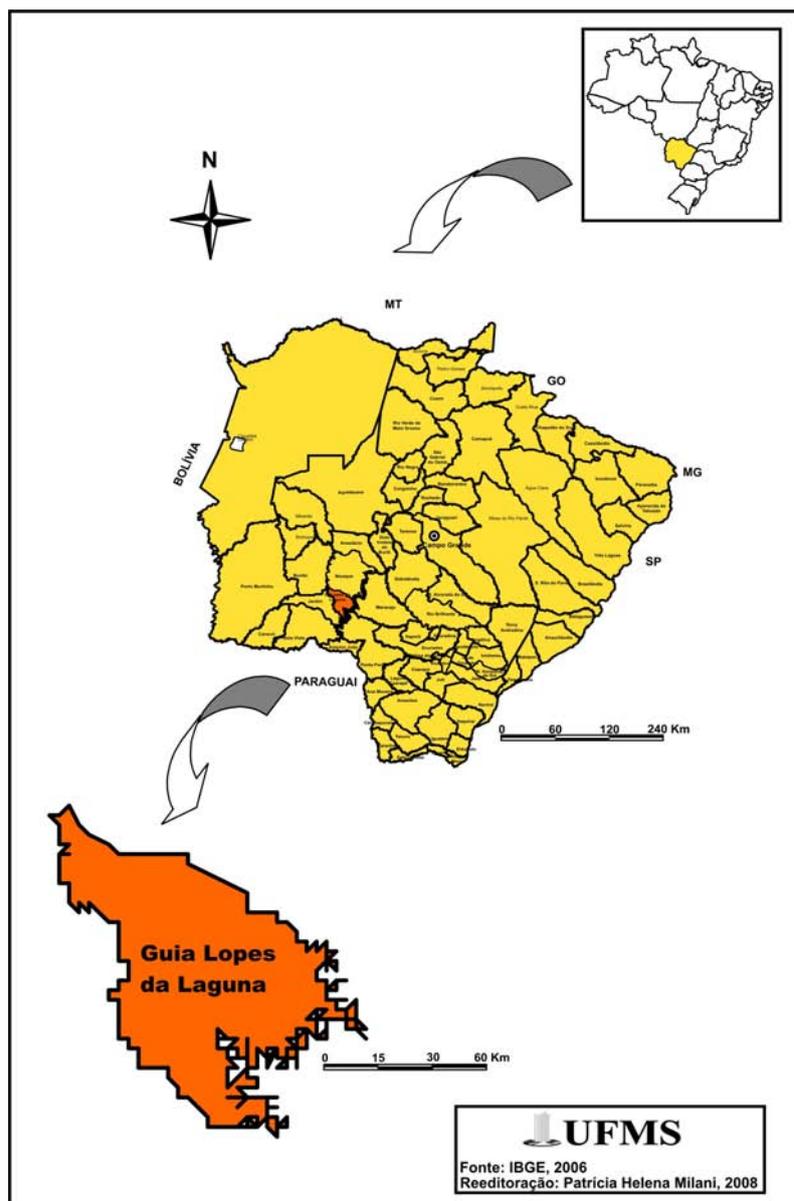


Figura 3: Mapa da localização do município de Guia Lopes da Laguna
Org.: Patrícia Helena Milani/UFMS, 2008.

Guia Lopes da Laguna estabelece limites com os municípios de Nioaque, ao Norte e Noroeste; Maracaju, a Nordeste; Ponta Porã, a Leste e Sudeste; Jardim, ao Sul e Sudoeste, e com Bonito, a Oeste e Noroeste.

Três elementos geográficos conferem singularidades ao território do município lagunense: 1) Escarpa da Serra de Maracaju - que estabelece limites com o município de Maracaju; 2) Rio Miranda - que banha a sede municipal e o separa dos municípios de Jardim e Bonito; 3) Rio Santo Antônio – que atravessa o seu território de leste a oeste, até sua confluência no Rio Miranda, que ocorre nas proximidades da Ponte Velha, como revelam as Figuras 4 e 5.



Figura 4: Ponte Velha - Rio Miranda
Fonte: Alaíde Brum de Mattos, 2008



Figura 5: Confluência rios Santo Antonio/Miranda
Fonte: Alaíde Brum de Mattos, 2008

A Ponte Velha é considerada como um dos monumentos mais expressivos da história do município, e está entre seus principais ícones históricos.

Em relação ao município, considera-se destaque relevante o fato de seu território estar inserido nas proximidades do contexto de dois ambientes naturais de extrema importância regional e mesmo em escala internacional: Pantanal Sul e Serra da Bodoquena. Apesar de apresentar parques recursos naturais para o turismo como rios de águas cristalinas, cachoeiras, cavernas e montanhas, o município desempenha importante função ambiental, notadamente do ponto de vista hidrográfico, fazendo parte da Bacia Hidrográfica do Rio Miranda e do Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio Miranda, participando ativamente do CIDEMA¹, que atua na gestão dessa bacia hidrográfica do estado.

¹ CIDEMA – Comitê Intermunicipal para o Desenvolvimento Integrado das Bacias dos Rios Miranda e Apa – é considerada uma das mais atuantes organizações de bacias hidrográficas do Estado de Mato Grosso do Sul. Territorialmente, abrange 75.000 Km² incluindo 26 municípios, totalizando 49% da área total do estado, abrangendo uma população em torno de 1.140.100 habitantes que corresponde a 51% da população do estado. Situa-se no limite inferior da Bacia do Alto Paraguai. (Folder explicativo CIDEMA e www.cidema.org.br - cidema@cidema.org.br)

A participação do município no CIDEMA assume relevância ambiental e confere privilégio ao município, visto que este não consegue coibir os abusos e a degradação ambiental sem o apoio de parcerias, fato registrado em cobertura fotográfica, que se realizou no local em agosto de 2008, como revelam as Figuras 6 e 7.



Figura 6: Pesca no Rio Santo Antonio
Fonte: Alaíde Brum de Mattos, 2008.



Figura 7: Focos de assoreamento do Rio Miranda
Fonte: Alaíde Brum de Mattos, 2008.

Na Figura 6 se flagrou uma tarde de lazer dos residentes às margens do Rio Santo Antônio, que se mostram fortemente pisoteadas, comprovando que a Mata Ciliar nesse trecho do rio dificilmente poderá ser recuperada. Na Figura 7, as banhistas se mostravam tranquilas com o seu passeio aquático, asseguradas pelo foco de assoreamento presente naquela localidade do rio. Muito longe de recriminar a recreação e o lazer da população residente e de visitantes, no entanto, as autoridades ambientais da comunidade, em parceria com órgãos ambientais de outras esferas, necessitam elaborar um plano sustentável para o desenvolvimento dessas atividades sem o comprometimento do meio ambiente.

As informações a respeito da localização e dos traços geográficos que caracterizam o município lagunense foram obtidas através da Enciclopédia dos Municípios Brasileiros - IBGE (1958, p. 190 - 193).

Com uma área de 1.210,472 km², Guia Lopes da Laguna se situa entre as coordenadas geográficas 21°27'51" S e 56°06'51" W, apresentando altitude média de aproximadamente 272 metros. Seu clima é caracterizado como Tropical Úmido com período prolongado de chuvas (setembro a março), e período de estiagem (abril a agosto). No inverno a temperatura mais baixa oscila entre 15° C e 20° C. Nesse

período há ocorrência de geadas. No verão a temperatura média oscila em torno de 30° C. As precipitações pluviométricas oscilam entre 1200 a 1500 mm anuais.

O relevo desse espaço é constituído de áreas planas, que resultam da acumulação fluvial sujeita às inundações periódicas. São registradas altitudes que variam entre 200 e 600 metros, sendo que as menores altitudes ocorrem a Nordeste do município e as maiores, a Sudeste. A Geomorfologia do território lagunense apresenta as seguintes regiões: 1) Planalto de Maracaju (Sudeste) - pertencente à região dos Planaltos da Borda Ocidental da Bacia do Paraná; 2) Depressão de Aquidauana - Bela Vista (Noroeste); 3) Piemontês da Serra de Maracaju (porção central) - pertencente à região da Depressão do Alto Paraguai.

A vegetação é formada por Cerrado Aberto com plantas de pequeno porte com caule fino e tortuoso e de folha grossa, Savana Arbórea Densa, mais conhecida como “cerradão” e formações florestais: Floresta Estacional Semidecidual, Floresta Estacional e Floresta Estacional Semidecidual. Contém grandes áreas recobertas por pastagens naturais onde se desenvolve a pecuária extensiva (Idem, p.191).

As terras do município lagunense estão inseridas na Bacia do Rio Paraguai, mas precisamente na sub-bacia do Rio Miranda, que abrange quase toda a sua área. Na malha hidrográfica que drena o município os principais rios são: Miranda, Santo Antônio, da Prata (05 km – na divisa com Bonito), Feio, Desbarrancado, Canindé (na divisa com Maracaju, em área de litígio entre os dois municípios), e Ariranha - na divisa com Nioaque. A Figura 8 mostra a disposição dos recursos hídricos do município.

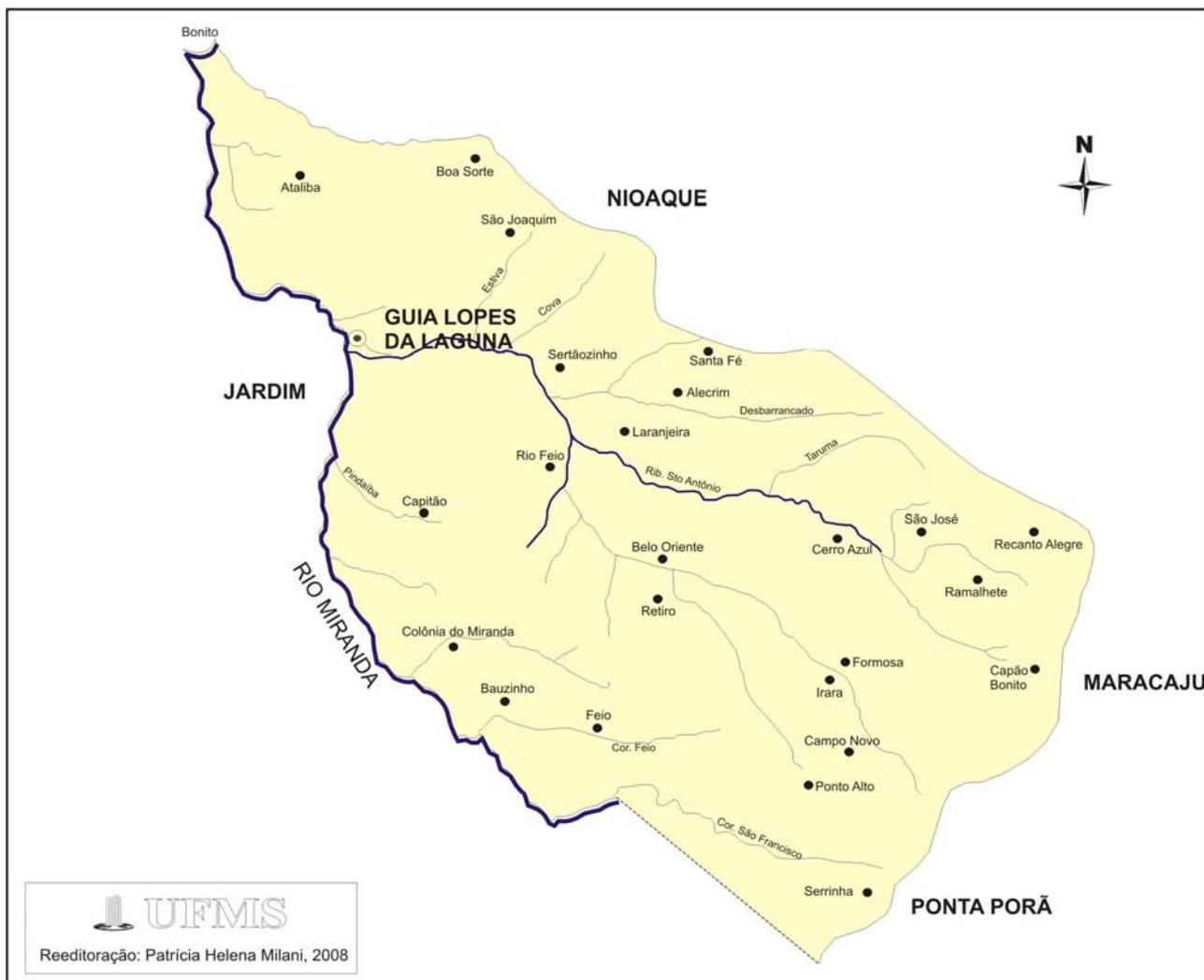


Figura 8: Recursos hídricos da Micro Bacia Hidrográfica de Guia Lopes da Laguna – MS.
Org.: Patrícia Helena Milani/UFMS, 2008.

O município possui abundantes recursos faunísticos, florísticos, paisagísticos e hidrográficos. O Rio Canindé, na divisa entre Guia Lopes da Laguna e Maracaju, pelas características apresentadas pode ser considerado rio de beleza cênica, tendo como principal atrativo natural a Cachoeira do Canindé, localizada em área territorial disputada entre os dois municípios: Guia Lopes da Laguna e Maracaju.

Segundo o IBGE (2008), o efetivo populacional do município é de 10.208 habitantes, o que confere ao município uma densidade demográfica de 8,43 hab/km², sendo que mais de 80% de sua população está concentrada na área urbana e, aproximadamente, 20% concentrados na área rural, principalmente nos assentamentos rurais.

De certa forma a questão demográfica do município, de acordo com o IBGE (2008), causa certa preocupação, pois é evidente a evasão de contingente humano do município, cuja migração pode ser motivada por falta de expectativas econômicas

e sociais por parte da população mais empobrecida. Em muitos documentos oficiais do município, constatou-se estimativa considerando o número de 12.555 habitantes no município de Guia Lopes da Laguna no ano de 2006.

No sentido de validar tal afirmação se elaborou o Quadro 1 com base nas pesquisas estatísticas e censos do IBGE.

Quadro 1 - Evolução da população lagunense (1950/2007)

ANO	POP. TOTAL	POP. URBANA	POP. RURAL
1950	2.665 hab.	617 hab.	2.048 hab.
1960	4.439 hab.	1.352 hab.	3.087 hab.
1970	5.733 hab.	3.320 hab.	2.413 hab.
1980	7.760 hab.	4.187 hab.	3.573 hab.
1991	9.167 hab.	7.058 hab.	2.109 hab.
1996	10.268 hab.	8.411 hab.	1.875 hab.
2000	11.115 hab.	9.061 hab.	2.054 hab.
2007	10.208 hab.	8.423. hab.	1.185 hab.

Fonte: IBGE, 2008.

Org.: Alaíde Brum de Mattos, 2008.

A população lagunense se mostra fortemente miscigenada, pois ainda conta com remanescentes indígenas das etnias Guarani, Kadiwéu e Terena, nativos que habitavam a região antes da ocupação pelos conquistadores. Há considerável número de descendentes das famílias dos Lopes (mineira) e dos Barbosas (paulista), as primeiras que se instalaram na região e que aí residem ainda hoje. Numerosas famílias de descendência paraguaia e de outros estados brasileiros se instalaram na região após o término da Guerra do Paraguai. Mais recentemente, migrantes paulistas, gaúchos, paranaenses e catarinenses, fixaram-se nos assentamentos rurais do município, atraídos por políticas municipais de colonização. E, por último, numerosas famílias coreanas estão se fixando nesse espaço sul-mato-grossense.

O município de Guia Lopes da Laguna possui apenas o distrito sede. Algumas lideranças políticas do local, preocupadas com o vazio demográfico do meio rural atraíram por meio de políticas de colonização, migrantes dos estados de São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul, e Santa Catarina, que se acomodaram nos assentamentos Colônia Santo Antonio (37 famílias), Colônia São José (moradores

aposentados), Colônia de Cascavel e Pedreira (moradores de baixa renda), Assentamento Rio Feio (72 lotes), e Assentamento Retirada da Laguna (94 lotes). Nessas localidades a população sobrevive da cultura de lavouras de subsistência, piscicultura, apicultura e pecuária leiteira. O Assentamento Retirada da Laguna é o único que conta com melhor estrutura, possuindo pesqueiro, bar, capela, rede de distribuição de água, poço artesiano e a Cooperativa Cooperlag, com destaque na produção de produtos derivados do leite. (MOREIRA DA SILVA, 2005, p. 72-75).

Com sua base econômica assentada na pecuária, Guia Lopes da Laguna acumula valores culturais característicos dessa atividade. Há ainda na região, inúmeras fazendas de gado que, além de responsáveis pelo processo de formação e ocupação desse espaço, detêm em seus domínios grande potencial de recursos naturais e culturais, os quais poderão ser utilizados para o incremento da atividade turística.

Outro fato marcante no município diz respeito ao conjunto de características urbanísticas do distrito sede – a cidade de Guia Lopes da Laguna. Nem o tempo e nem o progresso desordenado conseguiram alterar as principais expressões urbanísticas do local, tanto que Guia Lopes da Laguna mantém de forma inalterada o núcleo embrião de seu espaço urbano, pois, poucas alterações foram realizadas na parte antiga da cidade, na região próxima da chamada “Ponte Velha”. Na Figura 9 - Planta Urbana de Guia Lopes da Laguna – visualiza-se o atual traçado urbano da localidade.

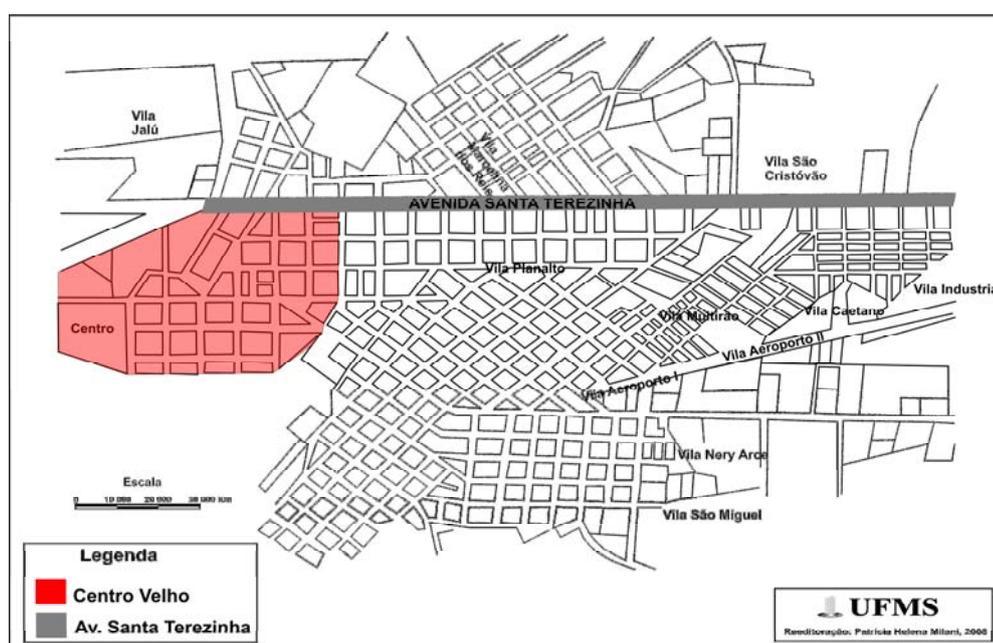


Figura 9: Planta urbana de Guia Lopes da Laguna
Org.: Patrícia Helena Milani/UFMS, 2008.

Observa-se em destaque a área do chamado ‘Centro Velho’ de Guia Lopes da Laguna, sendo essa, a forma primitiva do espaço urbano até a década de 1970.

No antigo centro da cidade permanecem as mesmas edificações residenciais e comerciais da década de 1960. Muitas edificações possuem características passíveis de avaliação, de acordo com as leis de tombamento. As Figuras 10 e 11, e as Figuras 12 e 13 revelam aspectos da urbanidade do chamado “Centro Velho”.



Figura 10: Igreja São José (Centro Velho)
Fonte: Alaíde Brum de Mattos, 2008.



Figura 11: Avenida Visconde de Taunay
Fonte: Alaíde Brum de Mattos, 2008.



Figura 12: Residencial Visconde de Taunay
Fonte: Alaíde Brum de Mattos, 2008.



Figura 13: Monumento da Retirada da Laguna
Fonte: Alaíde Brum de Mattos, 2008.

Refletindo preocupações com a organização do espaço lagunense, Moreira da Silva (2005) teceu considerações interessantes sobre a dinâmica espacial do espaço urbano do município, como se observa,

O município apresenta um conjunto de áreas que se formaram ao longo do tempo, cujas características internas de cada uma apresentam semelhanças e diferenças entre si, quanto a sua função,

espaço, organização e origem [...] um dos espaços mais antigos da área urbana é o que costumamos chamar de Centro Histórico ou “centro velho”, onde antigamente foi palco de todos os cenários urbanos da população: econômico, social, político e cultural [...] nessa área foram construídos os primeiros armazéns e comércio em geral, delineando assim um projeto de traçado de ruas e as residências normalmente da população mais abastada (Idem, p. 45).

O histórico da pecuária como forma de ocupação e povoamento das terras que hoje correspondem ao município lagunense, constitui-se em estudos imprescindíveis na História Regional, sendo retratado por inúmeros estudiosos e pesquisadores, entre estes, Corrêa Filho (1955), Silva (1989), Corrêa (1999), Campestrini (2002) e Guimarães (2001).

Contando com toda sorte de dificuldades, tais como territórios desconhecidos, transportes ineficientes e praticamente inexistentes, estradas carreteiras precárias, às vezes à espera de serem abertas a machado e equipamentos rústicos, surtos de doenças, a exemplo do impaludismo, assim como escassez de alimentos e tantas outras agruras, nada pode se constituir em empecilhos para a chegada dos criadores de gado nas terras do hoje município de Guia Lopes da Laguna, por onde desceram os sertanistas e irmãos Lopes – Joaquim Francisco Lopes, Gabriel Francisco Lopes e José Francisco Lopes, que juntos fizeram o reconhecimento da região, tomando posse de terras na cabeceira do Rio Apa.

No ano de 1846, Gabriel Francisco Lopes fundou nas proximidades do Alto curso do Rio Apa a Estância Monjolinho, trazendo de Santana do Paranaíba sua esposa – Rafaela Senhorinha Maria da Conceição Barbosa Lopes, que ficou mais conhecida como Dona Senhorinha. Mais tarde Gabriel Francisco apoiou seu sogro Antônio Gonçalves Barbosa para tomar posse de terras nas proximidades da região do Apa e fundar a Fazenda Jardim, com terras entremeadas pelas águas do Rio Miranda, estabelecendo sua sede à margem direita do rio. Dessa fazenda de criação de gado se originaram os municípios de Jardim e Guia Lopes da Laguna (GUIMARÃES, 1992, 2001), (GRESSLER & SWENSSON, 1988), (CAMPESTRINI, 2002).

Portanto, a pecuária, no território lagunense, é prática histórica e tradicional, sendo que na atualidade o município tem nessa atividade o principal pilar de sua economia. Além disso, o reflexo da atividade se faz notar na cultura local através dos costumes e hábitos da população, das festas populares e do artesanato local. Inclusive, a Associação do Clube do Laço de Guia Lopes da Laguna promove na

localidade uma das maiores festas regionais de Mato Grosso do Sul, que atrai considerável número de visitantes dos municípios vizinhos e de outros estados brasileiros. Há ainda a Festa de São José, tradicionalmente realizada no distrito sede, considerada como um dos maiores eventos da cidade, e que conta com o apoio total dos pecuaristas para a sua promoção.

Até mesmo o comércio lagunense gira em torno da pecuária, pois todas as transações comerciais dependem do sucesso dos fazendeiros de gado com a sua atividade. O comércio local conta com inúmeros estabelecimentos comerciais especializados, para atender ao consumo das atividades relacionadas à pecuária, tais como o fornecimento de sal, produtos veterinários, arame, arreios, pelegos, equipamentos completos para o encilhamento do cavalo, artigos apropriados para a vestimenta do vaqueiro, artigos para tocar e controlar a boiada e as ‘traias’ da cozinha de uma comitiva.

No território lagunense, notadamente no espaço urbano, as marcas de seu passado histórico ainda estão presentes, notadamente nas paisagens do setor que corresponde à parte mais antiga da cidade. Com algumas horas vivenciadas no local, percebe-se na memória de seus habitantes a presença dos momentos gloriosos de sua história, que o tempo ainda não conseguiu apagar.

Essa peculiaridade presente na paisagem cultural lagunense deve-se indiscutivelmente a quatro acontecimentos memoráveis de seu histórico: a) Fundação da Fazenda Jardim; b) Ocupação do território lagunense pelos paraguaios no início da Guerra do Paraguai; c) A Retirada da Laguna; d) Fundação do Patrimônio de Guia Lopes.

O episódio relacionado à fundação da Fazenda Jardim, em 1950, por Antônio Gonçalves Barbosa, resultou mais tarde na presença de dois ilustres moradores – José Francisco Lopes e Rafaela Senhorinha Maria da Conceição Barbosa Lopes, considerados efetivamente os primeiros moradores da região, ambos trazendo consigo os filhos do primeiro casamento, aos quais mais tarde se somariam os filhos concebidos da nova união.

A Fazenda Jardim foi muito próspera na ocasião e se tornou referência na região, sendo ponto de passagem obrigatório para qualquer tipo de incursão que se intentasse nessa área. Além disso, o seu proprietário José Francisco Lopes, que mais tarde seria cognominado de o “Guia Lopes”, membro de família desbravadora de sertões, conhecia como ninguém todos os territórios no entorno de sua

propriedade. Costumeiramente era convidado para servir de guia nas entradas oficiais realizadas pelos sertões dessas áreas de Mato Grosso do Sul. Com o propósito de ilustrar o feitio da personalidade sertaneja do “Guia Lopes”, cita-se Medeiros (2007), que transcreve os relatos de Dona Senhorinha:

Vivia a maior parte do tempo no campo, não só para caçar o gado alçado, como também para desbravar os sertões [...] conhecia de cor os arredores, léguas e léguas, guardando todos os detalhes da topografia dos rios, montes e outros sinais no campo e nas matas (Idem, p.69).

Quanto à ocupação do território lagunense pelas tropas paraguaias no início da Guerra do Paraguai (1864), os militares paraguaios coronel Izidoro Resquin e capitão Urbieta fizeram incursões pela região que resultaram na ocupação de Bela Vista, terras da Fazenda Jardim, Colônia do Miranda, Nioaque e Vila do Miranda (Guimarães & Campestrini, 1995). Parte dos combates comandados por Urbieta ocorreu em território do hoje município de Guia Lopes da Laguna, entre os rios Feio e Desbarrancado.

Segundo Dalmolin (2005), em algumas fazendas dessa área ainda existem os túmulos desses desconhecidos da história sul-mato-grossense. O pesquisador alerta que é preciso providências no sentido de tomar e mapear esses monumentos históricos, que fazem parte do Patrimônio Cultural de Mato Grosso do Sul. Aliás, o referido autor que é cidadão domiciliado na cidade de Guia Lopes da Laguna, tem empenhado esforços para resgatar o episódio e convencer as autoridades oficiais do município e do estado a respeito da importância dessas iniciativas.

Foi do território lagunense que partiu José Francisco Lopes, mais tarde o “Guia Lopes”, guiando as tropas comandadas pelo coronel Carlos de Moraes Camisão, que tinha como alvo atacar Laguna no território paraguaio. A malograda expedição contou mais uma vez com os conhecimentos do experiente prático para fazer o seu recuo, fato que transformou a retirada das tropas no episódio mais cruel da Guerra do Paraguai, envolvendo, além do território que hoje corresponde a Guia Lopes da Laguna, vários outros municípios de Mato Grosso do Sul. Segundo Taunay (1929), apesar do fracasso, a Retirada da Laguna consiste no feito mais heróico das tropas brasileiras durante a Guerra do Paraguai (GUIMARÃES, 1988).

Outro capítulo do histórico lagunense se reporta à origem do município. Em 1778 foi fundado o Presídio de Miranda às margens do Rio Miranda, que foi baliza

para as iniciativas administrativas da época e ponto de apoio das explorações e povoamento da circunvizinhança. Consta que os primeiros moradores oficiais do município foram José Francisco Lopes e Dona Senhorinha, que juntos prosperaram a Fazenda Jardim com a criação de gado. Depois dos Lopes chegaram os Barbosas, que já possuíam várias fazendas no Planalto de Maracaju, e resolveram descer a serra e se estabelecer nas terras que hoje correspondem ao município lagunense (GUIMARÃES, 2001, p. 103).

Em princípios do ano de 1937, por ocasião da construção das rodovias interligando Aquidauana a Porto Murtinho e a Bela Vista, a cargo da CER – 3 do Ministério da Guerra acamparam na margem direita do Rio Miranda, em terras da Fazenda Jardim, a 1ª companhia do 4º Batalhão de Sapadores, sob o comando do capitão Teodorico de Farias, dando origem ao Acampamento do Rio Miranda. Nessa ocasião se iniciou a construção da chamada ponte que hoje se conhece como Ponte Velha. (ENCICLOPÉDIA DOS MUNICÍPIOS BRASILEIROS, 1958, p.190-193).

O acampamento do Rio Miranda logo se transformou numa povoação, atraindo muitos moradores da região. Os primeiros que chegaram foram José Francisco Lopes (filho do Guia Lopes), Jaime Artigas, Basílio Barbosa, Aurélio Rodrigues de Souza, Ozias de Souza Santos e Osvaldo Monteiro, sendo que os dois últimos fundaram casas de comércio. Em um ano o povoado já contava com quatro casas de comércio e uma escola pública (Idem, 1958).

Entusiasmados com o crescimento do lugarejo os novos moradores incentivados e apoiados pelo capitão Teodorico de Farias, criaram no dia 12 de fevereiro de 1938 o Patrimônio de Guia Lopes, resolução que foi aprovada pelos moradores da localidade no dia 19 de março do mesmo ano, passando o novo patrimônio a fazer parte da comarca de Nioaque. Para responder pela direção do patrimônio, foi criada uma comissão constituída dos seguintes cidadãos: Macário Aristimunha, Osvaldo Monteiro e Bazílio Barbosa (Ibidem, 1958).

Pela Lei Federal nº 5.839, de 21 de setembro de 1943, o Patrimônio de Guia Lopes passou a integrar o Território Federal de Ponta Porã. Foi elevado a Distrito de Paz no dia 30 de setembro de 1948, com o nome de Guia Lopes de Laguna. Desmembrado de Nioaque, passou a município pela Lei Estadual nº 678, de 11 de dezembro de 1953.

Possivelmente, a falta de alternativas econômicas para o município lagunense contribui para a morosidade de seu desenvolvimento. Consideramos que possam

ser da competência das autoridades governamentais as providências necessárias para o desenvolvimento, ainda em desequilíbrio, desse município que possui potenciais a serem explorados.

5 A DINÂMICA TERRITORIAL DO TURISMO NO ESPAÇO URBANO LAGUNENSE

Esclarecer de que forma o turismo define e faz uso do território lagunense e identificar as imbricações espaciais que essa dinâmica estabelece com os territórios turísticos Serra da Bodoquena e Pantanal Sul, constituiu-se desde o início o propósito fundamental desta pesquisa.

Há que se concordar que abordagens com a temática aqui apresentada ganham relevância entre os estudos acadêmicos, notadamente na área da ciência geográfica, que nas últimas décadas vem assumindo o estudo do fenômeno turístico que se desenvolve sobre Influência dos elementos contidos nos espaços geográficos, como os recursos naturais, atrativos culturais, meios de transportes, setor de agenciamento da atividade, diferentes meios de hospedagem, variados equipamentos de alimentação, serviços bancários e do comércio, infraestrutura urbana, entre outros. Portanto, o turismo consiste numa atividade que tem como particularidade essencial o consumo do espaço.

Em suas considerações, Coriolano (1998) corrobora esse estudo, ao enfatizar:

A abordagem geográfica do turismo se explicita através da mobilização dos fluxos de visitantes, de capital, de trabalhadores prestadores de serviços, dos padrões de ocupação, das modificações do uso do espaço, das transformações no valor do solo urbano, produzindo nova ordem espacial (Idem, p. 20).

Na sua argumentação, a autora deixa entrever de forma nítida que o turismo é, antes de tudo, uma experiência geográfica, pois se trata de uma relação direta entre o homem e o ambiente. E, ao se apropriar do território, o turismo modifica substancialmente a paisagem ao seu redor dando origem a novas formas no espaço que, igualmente, assume novas funções, provocando novo ordenamento ou (re)ordenamento espacial. Portanto, a ação dinâmica do turismo incide nos elementos representados no espaço, assunto que requer estudos “sea por la evidencia empírica sea por la dedución, lãs reglas, modelos, y patrones que las rigen esta relación entre el turismo y el território” (NICOLAS, 1989 apud CORIOLANO, 1998, p. 21).

Com base nos pressupostos teóricos se reafirma o interesse do estudo do turismo como prática social de cunho geográfico. No entanto, sua abordagem geográfica não descarta seu estudo por outras áreas em que a atividade permeia,

destacando-se entre elas o aspecto econômico, largamente explorado no mundo globalizado.

A propósito, abordar a temática do turismo neste trabalho requer, no mínimo, uma análise do seu conceito entre os estudiosos e as organizações que se preocupam com as conseqüências de sua expansão e efeitos.

Segundo Rejowski (1996), o assunto já era preocupação dos estudiosos do Centro de Pesquisas Turísticas da Universidade de Berlim, que criou a Escola Berlinense de Turismo. É dessa época o conceito de Glücksman (1929), que considera o turismo como “ocupação do espaço por pessoas que afluem a uma determinada localidade, onde não possuem residência fixa”.

Moesch (2000, p.10) faz alusão ao conceito da ‘escola polonesa’, considerando Lesczyck responsável pela afirmação: “o movimento turístico é aquele no qual participam os que durante um certo tempo residem num certo lugar, como estrangeiros ou forasteiros e sem caráter lucrativo, oficial (de serviço) ou militar”. A mesma autora se reporta aos professores suíços Hunziker e Krapf (1942), que pregavam:

Turismo é o conjunto das relações e dos fenômenos produzidos pelo deslocamento e permanência de pessoas fora de seu local de domicílio, sempre que ditos deslocamentos e permanência não estejam motivados por uma atividade lucrativa (Idem, p.11).

Após a Segunda Guerra Mundial, o turismo ganhou expressão no mundo contemporâneo, contemplado pela conjugação de inúmeros fatores, entre os quais as conquistas trabalhistas que favoreceram ao trabalhador a aquisição do tempo livre e o direito ao lazer. Outro fator decisivo para a expansão do turismo trata da evolução dos sistemas de transportes e comunicações que encurtaram as distâncias e tornaram as viagens mais confortáveis. Desde então, aumentou consideravelmente o número de pessoas se deslocando de suas origens em busca de destinos ou refúgios, principalmente para se refazer dos estresses urbanos.

Com esse veloz crescimento do turismo nas últimas décadas, novas roupagens do mundo globalizado foram acrescidas a essa prática que acabou se transformando na forma mais elitizada do consumo de lazer do mundo moderno. Para esse novo ‘fazer turístico’ que se adequou à indústria do consumo, a atividade passou a envolver um conjunto muito grande de relações, influências, motivações, desejos e representações, como afirma Coriolano (1998, p. 29).

Diante da multiplicidade de suas feições, os estudiosos ampliaram as discussões sobre sua base conceitual. Segundo Moesch (2000, p.11), o conceito mais aceito internacionalmente é o da Organização Mundial do Turismo: “Soma de relações e de serviços resultantes de um câmbio de residência temporário e voluntário motivado por razões alheias a negócios ou profissionais”.

Inúmeros estudiosos, como Fuster (1974), Baptista (1990), Sessa (1983), De La Torre (1994), Andrade (1992), entre outros, teceram considerações conceituais sobre o turismo. No entanto, optou-se pela base conceitual da OMT para respaldar esta pesquisa, por ser simplificada e por atender a nossas investigações no que se refere à quantidade e qualidade dos fluxos turísticos que se deslocam pelo território lagunense.

Entendeu-se este breve apanhado sobre os fundamentos teórico-metodológicos do turismo como necessário para suscitar a compreensão da espacialização do turismo no espaço urbano do município lagunense, principalmente para aqueles cuja ótica de entendimento classifica como “lugar turístico” apenas os núcleos anfitriões dotados de infraestrutura, que detém os atrativos naturais e culturais e que hospedam os turistas durante o período de sua estada no local.

5.1 As vias de circulação e o fluxo turístico

Desde a sua origem (1938), Guia Lopes da Laguna se manteve como ponto de passagem para os municípios vizinhos. Essa situação permaneceu por, aproximadamente, quatro décadas, quando novos traçados rodoviários cruzaram por suas terras. No conjunto dessas obras de infraestrutura se construiu novo equipamento de passagem sobre o Rio Miranda, o que equivale dizer que a chamada ‘Ponte Velha’ perdera a sua função de dar acesso a alguns municípios da região como Jardim, Bela Vista, Caracol e Porto Murtinho.

No entanto, o novo traçado rodoviário contemplou outro espaço do conjunto urbano lagunense, cuja via principal é denominada Avenida Santa Terezinha. Segundo informações obtidas na Prefeitura Municipal, essa via conta com 3,8 km de extensão e seu traçado interrompeu o curso da BR 060 após a intersecção desta com a BR 267, como mostra a Figura 14.



Figura 14: Intersecção das BR 060 e BR 267
Fonte: Alaíde Brum de Mattos, 2008.

Sendo assim, nessa porção do território sul-mato-grossense a circulação de produtos, cargas, mercadorias e informações utilizam o território lagunense antes de chegar ao seu destino final. A propósito, a produção turística das áreas receptoras próximas de Guia Lopes da Laguna também utilizam o mesmo espaço para efetuar os deslocamentos de seus consumidores turistas.

Além das BR 060 e BR 267, outras malhas rodoviárias cruzam pela área urbana do município lagunense como é o caso da MS 382, que dá acesso a Bonito, principal núcleo receptor da Serra da Bodoquena. Valendo lembrar, que a MS 382 é um dos acessos que possibilita a ligação de Guia Lopes da Laguna com Ponta Porã município fronteiro localizado na divisa com o Paraguai. A essas importantes vias de acesso se acrescentam a BR 267, que interliga o município lagunense com Porto Murtinho, município fronteiro margeado pelo Rio Paraguai, considerado como último destino turístico do Pantanal Sul. Ainda, a MS 060 que no seu curso final atinge Bela Vista, cidade fronteira às margens do Rio Apa, que a separa da cidade paraguaia Bella Vista del Norte Paraguay.

Na área de estudos foram colhidas imagens da estrutura rodoviária e placas de sinalização que ilustram o traçado e o aparelhamento das vias de acesso da região, como se observa nas Figuras 15, 16, 17 e 18.



Figura 15: BR 060 e acessos rodoviários
Fonte: Alaíde Brum de Mattos, 2008.



Figura 16: BR 267 e acessos rodoviários
Fonte: Alaíde Brum de Mattos, 2008.



Figura 17: BR 060 e acessos rodoviários
Fonte: Alaíde Brum de Mattos, 2008.



Figura 18: BR 060, BR 267 e MS 382
Fonte: Alaíde Brum de Mattos, 2008.

Guia Lopes da Laguna através da BR 060 e da BR 419, que se sobrepõem na localidade de Nioaque, favorece acesso aos núcleos receptores do Pantanal Sul: Anastácio, Aquidauana, Miranda, Ladário e Corumbá, todos interligados pela BR 262.

Essa logística dos transportes dotada de estradas federais e estaduais pavimentadas contempla o município lagunense no aspecto turístico, entre outros, uma vez que por essas vias se efetuam os deslocamentos turísticos em direção à Serra da Bodoquena e ao Pantanal Sul.

Além dos deslocamentos para os destinos turísticos mais procurados na região, também estão ocorrendo novos fluxos com destino a Bela Vista, motivado pelo caráter fronteiriço da cidade e pelo potencial da pesca amadora no rio Apa.

Com o propósito de melhor dimensionar a importância desses fluxos e sua circulação no território em estudo, apresenta-se o Quadro 2.

Quadro 2 – Guia Lopes da Laguna – MS: distâncias e vias de acesso aos poos econômicos e turísticos do Pantanal Sul e da Serra da Bodoquena

GUIA LOPES DA LAGUNA	DISTÂNCIAS	RODOVIAS
1 PÓLOS ECONÔMICOS		
- Campo Grande	221 km	BR 060-BR 419, MS 060.
- Dourados	203 km	BR 060-BR 419, BR 267, MS 156.
- Três Lagoas	547 km	BR 262, MS 060, BR 060-BR 419
2 CIDADES TURÍSTICAS – PANTANAL SUL		
- Corumbá	404 km	BR 060-BR 419, BR 262
- Ladário	406 km	BR 060-BR 419, BR 262
- Miranda	190 km	BR 060-BR 419, BR 262
- Aquidauana	150 km	BR 060-BR 419, BR 262
- Anastácio	147 km	BR 060-BR 419, BR 262
- Porto Murtinho	210 km	BR 060-BR 419, BR 267
3 CIDADES TURÍSTICAS – SERRA DA BODOQUENA		
- Bonito	63 km	MS 382
- Bodoquena	133 km	MS 382, MS 178
- Jardim	05 km	BR 060
4 OUTRAS LOCALIDADES		
- Sidrolândia	153 km	BR 060-BR 419, MS 060
- Nioaque	50 km	BR 060-BR 419
- Maracaju	103 km	BR 060, BR 267
- Ponta Porã	180 km	MS 382, MS 164
- Caracol	149 km	BR 060, BR 267 e MS 384
- Bela Vista	89 km	BR 060, MS 060

Fonte: AGESUL, Mapa Político Rodoviário, 2008.

Org: Alaíde Brum de Mattos

A fluidez no e pelo território colabora para a expansão das atividades econômicas de um modo geral. Sendo assim, o turismo também cria ou se apropria de espaços para o deslocamento de seus fluxos, o que é determinado pela fixidez da atividade que estabelece que seu consumo seja feito no local de produção. Essa particularidade do turismo movimenta milhões de pessoas pelo mundo inteiro as quais utilizam diferentes modais de transportes para atingir o seu destino.

Portanto, a infraestrutura dos transportes ocupa papel de relevância na atividade turística. Apesar de o nosso estado não se encontrar totalmente aparelhado nesse setor, dispõe de uma malha rodoviária relativamente compatível com o grau de desenvolvimento da região em análise.

5.2 Apropriação do território pelo turismo na Avenida Santa Terezinha

Com a abertura de novas estradas aumentaram as facilidades de acesso a novos lugares da região, anteriormente considerados pelos viajantes como desconhecidas e distantes. Desde a década de 1970, excursionistas exploradores começaram a aparecer pela região da Serra da Bodoquena, e, em suas incursões tiveram contato com as belezas naturais da região o que motivou inúmeras viagens deles e de outros aventureiros nessa fase exploratória do turismo (VARGAS, 2001), (MARIANI, 2003), (CUNHA, 20007).

No início da década de 1990, a mídia, através de documentários exibidos em cadeia nacional, divulgou para o Brasil e para o mundo o Pantanal Sul e a Serra da Bodoquena, dois espaços de exponencial valor ambiental e belezas naturais. Daí em diante começou a exploração pelo turismo dessas duas áreas sul-mato-grossenses.

Segundo Knafou (1996, p. 70), a porção do espaço por onde o turismo encontra facilidades para se expandir conta com três fatores básicos e decisivos, que o autor denominou de “fontes de turistificação de lugares e territórios”. Essas fontes de turistificação são os turistas, o mercado e os planejadores e promotores territoriais do turismo. A conjugação desses fatores é que determina o aparecimento do lugar turístico, a sua inserção no mercado e o consumo do novo produto no mundo globalizado. Para Santos (2006, p. 337), seria a lógica do global refletida no local, pois, como diz o autor “a ordem global busca impor, a todos os lugares uma única racionalidade”.

Dessa forma, os lugares do contexto turístico em estudo começaram a despontar revelando novo papel e nova função dentro da nova contextualização definida pelo turismo. Essa dinâmica espacial promovida pela atividade acabou por interferir no modelo de ordenamento territorial da região. E tem-se a impressão de que tudo se desarranjou para posteriormente se organizar nos moldes do consumo do turismo moderno, ou seja, acrescido de valores para poder tornar o lugar em mercadoria atrativa aos olhos de seus consumidores, os turistas.

Para entendermos a posição que Guia Lopes da Laguna ocupa no espaço que compõe esse cenário turístico, acabamos por encontrar nas palavras de Santos (1997) uma explicação lógica e convincente, que diz:

Considerando-se as localidades turísticas da atualidade como parte de uma rede, os nós dessa rede são, invariavelmente, cidades cuja

função estratégica, do ponto de vista do turismo, não decorre apenas da infra-estrutura material de que dispõem e do papel que ocupam no espaço cognitivo, mas de sua localização – “um feixe de forças sociais se exercendo num lugar” (apud CRUZ, 2000, p. 33).

Coriolano (1998 p. 34) reforça a posição de Santos ao dizer que “a cada época, os lugares e os recursos disponíveis são direcionados a novas atividades ou usos, dependendo de sua aceitabilidade e variação na inserção do processo produtivo”. Em outras palavras, equivale dizer que o lugar pode se inserir continuamente no jogo das sucessivas modernidades, pois “na verdade não há uma só modernidade, existe uma sucessão de modernidades” (SANTOS, 1994 apud CORIOLANO, 1998, p. 38).

Cruz (2003, p. 23) informa que ao longo das últimas décadas o turismo tem se apropriado de rodovias que foram construídas com finalidades diversas do turismo. A autora, inclusive, faz menção aos editais de privatização de rodovias paulistas, onde, entre as obrigatoriedades exigidas pela concessionária, consta a criação de um serviço especial de atendimento ao usuário turista. Sobre esses serviços, se esclarece:

Ao longo dos espaços de deslocamento surgem e multiplicam-se infra-estruturas, como postos de abastecimento, equipamentos de restauração, meios de hospedagem, que atendem ao usuário de modo geral. Outros tipos de serviços, como, por exemplo, lojas de artesanato local, de *souvenirs* e infra-estruturas de lazer, colocadas às margens de rodovias, podem indicar a existência de alguma demanda turística nesses lugares (Idem, p. 24).

Portanto, “o turismo não apenas se apropria de rodovias preexistentes ao seu aparecimento no território, mas também pode criar seus espaços de deslocamento” complementa a autora (Ibid., p. 24).

A esses deslocamentos que fluem pelas vias de acesso com destino aos núcleos receptores, Beni (2001, p. 436) caracteriza e classifica como ‘fluxo turístico itinerante’ que, no seu entender, processa-se pelo deslocamento de turistas que se destinam a um ou mais núcleos receptores, não permanecendo nesses locais por mais de 12 horas, isto é, não gerando a possibilidade de pernoite. Considera-se que esse tempo de permanência seja suficiente para gerar a demanda de serviços específicos como alimentação, lazer, repouso, reparos mecânicos e outros.

Ainda como ponto principal dessas discussões, trouxemos novamente Boullón (2000), por tecer importantes considerações sobre a organização do espaço turístico

e a localização precisa deste no território. Para o autor, os espaços utilizados para deslocamentos de fluxos turísticos são denominados de 'corredor de traslado', que ele considera parte muito importante do equipamento turístico, por sua função estratégica para o desenvolvimento do turismo por estrada. Em suas ponderações, o autor critica o descaso com essa estrutura do turismo, assim se expressando:

Na América Latina, no entanto, as autoridades do turismo (por não leva-las em conta), as viárias (porque não lhes interessa) e as municipais (porque está fora da sua alçada), não se ocupam em fiscalizar o que será construído, muito menos em saber o que se fará e qual será a qualidade dos serviços que irão ser prestados [...] O problema do abandono do espaço que circunda as estradas é mais uma das expressões do subdesenvolvimento e da pobreza que predominam em nossos países (Idem, p. 1001).

Nessas colocações, o autor reforça a necessidade e a importância do planejamento para organizar e projetar o espaço que desejamos. Dessa forma, pressupõe-se que a Avenida Santa Terezinha, submetida às ações de um planejamento adequado, poderá se tornar em espaço próspero e força motriz de desenvolvimento local.

Os aportes teóricos possibilitaram o entendimento clareado sobre as transformações que estão ocorrendo na área urbana de Guia Lopes da Laguna, onde numerosas estruturas de serviços instaladas e que ainda se instalam, estão se adequando para atendimento aos turistas de passagem por seu território. Também se construiu base de conhecimentos suficientes para ousar a sugestão de algumas propostas no sentido de contribuir para a elaboração de um plano de gestão do turismo municipal na comunidade lagunense.

5.2.1 Os equipamentos urbanos e serviços de apoio ao turismo

Importante ressaltar, que a discussão em torno da dinâmica espacial do turismo no território em estudo está circunscrita no momento à Avenida Santa Terezinha, estrutura viária dos tempos mais recentes no conjunto urbano lagunense.

Entre as décadas de 1960/1970, essa estrutura inexistia no município, sendo que o volume de tráfego que afluía para a região se utilizava do sistema viário interno da pequena cidade para fluir aos seus destinos. Com o passar do tempo essa estrutura se tornou inoperante, provavelmente, por duas razões: a capacidade de carga das estruturas viárias em uso estava desatualizada em relação ao volume

do seu tráfego, e, ainda, os inconvenientes causados à segurança e à tranquilidade da população residente.

Com base nas pesquisas de campo, deduz-se que o novo traçado rodoviário para dar expansão ao curso da BR 060 e da BR 267, atraíram moradores para o novo espaço em busca de novas expectativas de trabalho e negócios. Como ocorre, normalmente, esse espaço indiciava novas oportunidades especulativas, o que despertou a sua valorização e a especulação imobiliária. Em consequência se formou longa faixa de terras, onde a especulação imobiliária valorizou de forma exagerada as áreas voltadas para as margens das rodovias, nas quais pessoas com maior poder aquisitivo puderam se instalar mais facilmente.

No entorno dessa faixa de terras, do lado da estrutura urbana pré-existente continuaram os antigos residentes, e do outro lado se fixaram os menos favorecidos que foram chegando e se estabelecendo desordenadamente, sem os critérios adequados para o uso do espaço urbano. Essa concentração de novos moradores expandiu o espaço urbano como a criação da Vila Marcelina dos Reis e Vila São Cristóvão, ambas correlacionadas com a BR 060. Por último, começou a se formar a Vila Jalú, correlacionada com a BR 382, conforme Figura 19.

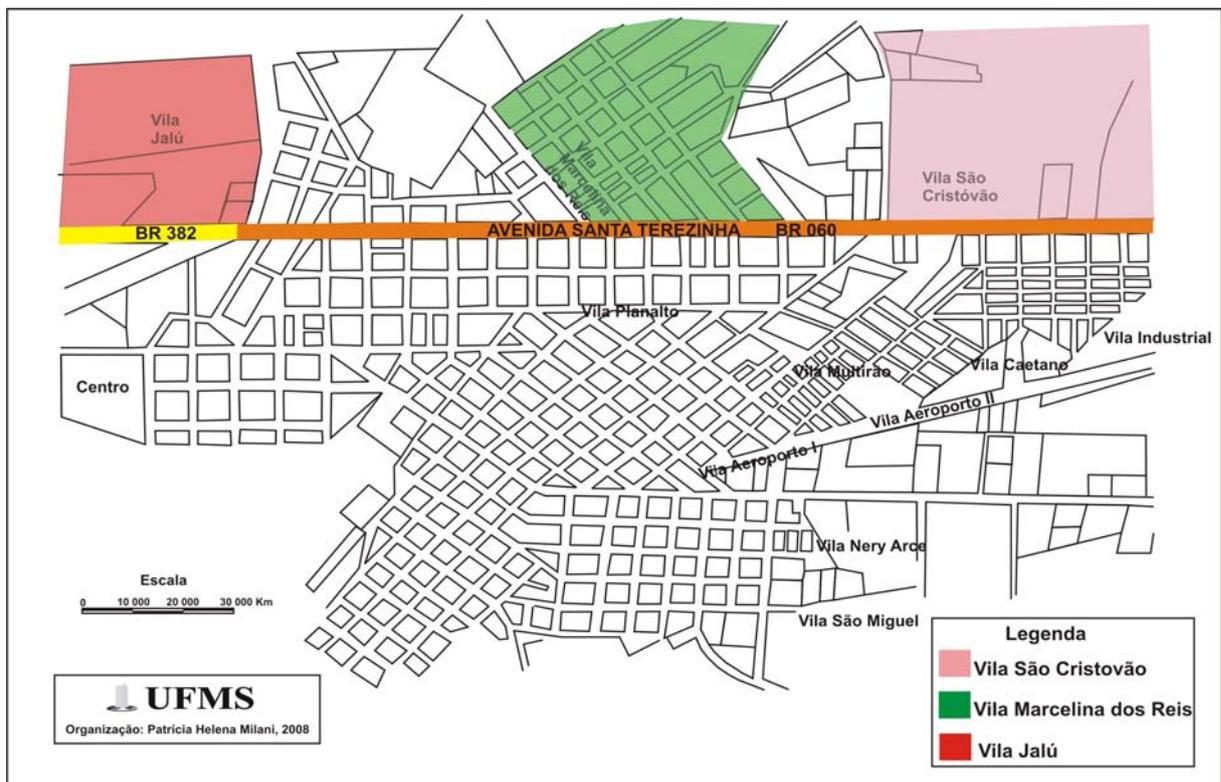


Figura 19: Guia Lopes da Laguna - expansão do espaço urbano.
Org.: Patrícia Helena Milani, 2008.

A princípio, tais ponderações parecem ilógicas, no entanto, estão vinculadas à nova espacialização da área urbana do município, principalmente no que diz respeito à formação de territorialidade turística na Avenida Santa Terezinha. Foram observados na localidade fortes indícios de segregação espacial causada pela valorização imobiliária, e que o turismo poderá reforçar se não houver intervenção adequada do poder público local.

É no espaço descrito que se instalaram novos equipamentos urbanos, na sua maioria constituídos de pequenos empreendimentos comerciais de vários setores. Aos poucos, o volume de serviços por eles prestados começou a evoluir e se especializar, principalmente no atendimento às necessidades básicas do turismo surgidas em detrimento dos fluxos itinerários, que por aí se deslocam na busca de seu destino final.

Realizou-se levantamento de todos os empreendimentos que prestam serviços de apoio ao turismo dispostos ao longo da Avenida Santa Terezinha, acompanhando o prolongamento da rodovia BR 060 após seu ponto de encontro com a BR 267. A Figura 20 ilustra, retratada em folha suplementar, ilustra onde estão instalados os serviços de apoio ao turismo na Avenida Santa Terezinha.

O Quadro 3 permite avaliar quantitativamente os serviços que estão sendo prestado no local.

Quadro 03: Avenida Santa Terezinha: estrutura urbana e serviços de apoio ao turismo.

ESTRUTURA – EMPREENDIMENTO	COMÉRCIO E SERVIÇOS
01. Churrascaria e Lanchonete Trevão	Alimentos e bebidas
02. Posto Trevão	Combustível e borracharia
03. Posto Rodoviário Polícia Federal	Fiscalização e segurança
04. Comercial Estrela	Gêneros alimentícios e bebidas
05. Comercial Vitória	Gêneros alimentícios e bebidas
06. Auto Car – Auto Peças	Comércio peças e oficina mecânica
07. Restaurante e Lanchonete da Paz	Alimentos e bebidas
08. Posto Candeias	Combustível e borracharia
09. Pike Motel	Hospedagem e lazer
10. Supermercado Estrela Guia	Gêneros alimentícios e bebidas
11. Motel Fazenda	Hospedagem e lazer
12. Hotel Uchoa	Hospedagem
13. FM Kadiwéu	Comunicação e lazer
14. Caraguatá Transportes – Escolar e Turismo	Transportes e agenciamento
15. Churrascaria e Lanchonete Laguna	Alimentos e bebidas
16. Vulcanização Mato Grosso	Pneumáticos e serviços
17. Hotel Reis	Hospedagem
18. Eletro Peças Mato Grosso	Comércio peças e serviços mecânicos
19. Toninho Auto Elétrica	Oficina reparos da autoelétrica
20. Supermercado Simão	Gêneros alimentícios e bebidas
21. Supermercado e Peixaria Rio Miranda	Gêneros alimentícios e de pesca
22. Radiadores Jandaia	Peças e reparos mecânicos
23. Borracharia Bom Jesus	Reparos de pneumáticos
24. Retífica Emanuel	Oficina e retífica de motores
25. Pesque Pague Isca Viva	Lazer e comércio de iscas
26. Centro Automotivo Fênix	Oficina mecânica
27. Pioneira Supermercado	Distribuidora de carnes e alimentos
28. Gráfica Laguna	Propaganda e serviços comunicação
29. Jornal Estado do Pantanal	Comunicação e informações
30. Restaurante Sabor Caseiro	Gastronomia Regional
31. Lokar – Locadora de veículos e guinchos	Transportes auto-socorro
32. Eletrocar	Peças e reparos autoelétrica
33. Nenê Auto Peças	Comércio peças automobilísticas
34. Auto Posto Tio João	Combustível e borracharia
35. Churrascaria e Lanchonete do Gaúcho	Alimentos e bebidas
36. Pousada da Gê	Hospedagem
37. Churrascaria e Lanchonete Querência	Alimentos e bebidas
38. Terminal Rodoviário	Serviços de transporte urbano
39. Ponto de Táxis da Rodoviária	Serviços de transporte urbano
40. Agência de Viagem – Viação Cruzeiro do Sul	Agenciamento e transportes

Fonte: Levantamento de dados na Avenida Santa Terezinha, jul. - ago. 2008.

Org.: Alaíde Brum de Mattos

Com a organização desses dados foi possível identificar os serviços prestados para o setor turístico, os quais contemplam os setores básicos da atividade como hospedagem, alimentação, transportes e agenciamento,

entretenimento e lazer, acrescidos de serviços complementares do comércio, da mecânica automobilística, da segurança, da comunicação, entre outros.

Segundo Barreto (1997, p. 39), esses serviços são tidos como infraestrutura turística, representada pela infraestrutura de acesso (estradas, portos, aeroportos, rodoviárias, estações de trem); pela infraestrutura básica urbana (sistema viário, saneamento básico, energia elétrica, etc.); pelos equipamentos turísticos (alojamentos, restaurantes e similares, agências de viagem, transportadoras, etc.) e pelos equipamentos de apoio, que são instalações que permitem a prestação de serviços de outros setores indispensáveis ao turismo.

Seguindo o pressuposto de Santos (2006, p. 129-141), a presença e a distribuição desses empreendimentos pela Avenida Santa Terezinha, indica uma divisão territorial do trabalho, criando uma hierarquia em virtude da sua distribuição espacial que, inevitavelmente, interferem no conjunto de ações humanas, firmas e instituições aí representadas. De acordo com a lógica desse raciocínio, a divisão de trabalho pressupõe a existência de conflitos que normalmente eclodem. Como exemplo pode-se tomar a realização das obras de duplicação e asfaltamento da Avenida Santa Terezinha, em fase final de conclusão (REVISTA VIA PANTANAL, 2009).

O propósito na antecipação de algumas abordagens visa alertar quanto aos quadros que a lógica espacial pincela de acordo com a interferência do homem no espaço. Apesar de o processo correr à revelia do planejamento urbano, essas sobreposições que o turismo e outras atividades promovem, pontualmente, nessa territorialidade urbana de Guia Lopes da Laguna, começa a mostrar de forma nítida os seus efeitos. Portanto, há necessidade de o poder público redirecionar o uso desse espaço em benefício de todos os cidadãos que aí residem, trabalham e desenvolvem suas atividades empreendedoras.

Todas as estruturas correlacionadas com a prestação de serviços ao turismo na Avenida Santa Terezinha foram inventariadas, mapeadas e documentadas com registro fotográfico, conforme Figuras 21 e 22 e Figuras 23 e 24.



Figura 21: Hotel Reis
Fonte: Alaíde Brum de Mattos, 2008.



Figura 22: Lanchonete e Churrascaria Trevão.
Fonte: Alaíde Brum de Mattos, 2008.



Figura 23: Locadora de veículos e guinchos
Fonte: Alaíde Brum de Mattos, 2008.



Figura 24: Serviços de reparos mecânicos
Fonte: Alaíde Brum de Mattos, 2008.

As informações registradas são recentes, pois, até então não se conhece nenhum outro estudo com abordagem da Avenida Santa Terezinha no sentido de discuti-la e analisá-la na perspectiva do turismo, nem mesmo quanto às imbricações espaciais que a atividade vem promovendo. Por essa razão se acredita que este estudo possa contribuir no sentido de desencadear uma série de outros.

Por outro lado, vislumbra-se que Guia Lopes da Laguna vive momento de possibilidades concretas para tentar sair da posição de município com dificuldades econômicas e sociais, podendo minorar esse quadro em benefício da sua população na maioria empobrecida e sem expectativas de produção e trabalho.

5.3 O Turismo na concepção dos lagunense

Ao se decidir pelo tema de abordagem deste trabalho, a primeira preocupação consistiu em conhecer a opinião dos residentes lagunense e dos empreendedores estabelecidos na Avenida Santa Terezinha, bem como a opinião dos turistas que por ali passam. Para contemplar esse propósito realizaram entrevistas, conforme questionários nos Anexos 1, 2 e 3.

Os resultados obtidos foram analisados e apresentados graficamente, ou seja, os dados quantitativos estão analisados qualitativamente, sob a luz dos pressupostos teóricos para validação da pesquisa.

Mesmo tendo conhecimento prévio da existência de parques recursos naturais para a exploração do turismo em Guia Lopes da Laguna, houve necessidade em saber o que os residentes lagunenses pensavam sobre o turismo, uma vez que o seu território é ladeado por áreas receptoras. Ao que se aliou, também, o interesse em conhecer a opinião formada da população sobre o uso diário e contínuo de seu território para os deslocamentos turísticos que nele ocorrem. E, por fim, avaliar a opinião dos turistas que, embora temporariamente, dispõem desse espaço para o uso de serviços indispensáveis durante o curso de sua viagem.

Portanto, os itens a seguir se basearam nas respostas obtidas entre os três universos, ou seja, residentes, empreendedores e turistas. Tal procedimento confere à pesquisa redobrada significância em razão das fontes fidedignas que possui.

5.3.1 O turismo para os residentes

Nesse momento se objetivou avaliar a opinião da população lagunense quanto ao uso do sistema viário da Avenida Santa Terezinha, que está sendo utilizada como área de suporte para a instalação de equipamentos e serviços turísticos, voltados ao atendimento dos fluxos turísticos que por aí se deslocam em direção às áreas receptoras do entorno de seu território.

Com base em Dencker (1998, p. 137-158), foram utilizadas como ferramenta de sondagem as técnicas da entrevista e do questionário, com as quais se elaborou o Formulário 1 - entrevista com residentes de Guia Lopes da Laguna, conforme Anexo 1.

Dessa forma se decidiu por formatar uma amostra constituída de 78 indivíduos residentes, abordados de forma a contemplar desde os moradores mais antigos aos mais recentes, representantes dos diferentes segmentos da comunidade local.

Acredita-se que esse procedimento de abordagem comunitária favoreceu a construção de um banco de dados com fontes seguras, onde os atores principais da comunidade foram os próprios informantes, sendo que na ocasião do contato se mostraram receptivos e interessados, procurando se inteirar sobre o assunto e emitir a sua opinião.

Os inquiridos sobre o uso de seu espaço para dar evasão aos fluxos turísticos, deixaram transparecer consciência de tal fato, reconhecendo que nele residem possibilidades concretas de os munícipes melhorarem seu perfil socioeconômico, cultural e ambiental no cenário sul-mato-grossense. Com vistas a proporcionar à população menos favorecida perspectiva digna de sobrevivência, inclusive, evitando-se o acentuado êxodo urbano que ocorre atualmente no município, conforme dados do IBGE (2008).

Considera-se assunto de relevância engajamento da população local no processo de discussões e futuras decisões no tocante ao desenvolvimento do turismo em seu território, notadamente no que se refere à organização e ordenamento do espaço para o uso e o desenvolvimento de atividades econômicas, sobretudo do turismo que, por sua fixidez, provoca diferentes sobreposições espaciais.

Concluída a sondagem de opinião entre os residentes, processaram-se os dados cujos resultados permitiram uma leitura aproximada do que pensa o cidadão lagunense sobre a forma como o turismo vem se apropriando do território. Os elementos foram escolhidos de acordo com a conveniência da pesquisa e os respectivos dados tabulados em forma de gráficos.

Em relação ao questionamento sobre a importância do turismo para a economia do município lagunense, o resultado foi surpreendente, visto que não se esperava tamanho otimismo por parte dos residentes em relação ao turismo. Na Figura 25 se expõe esse resultado.

A leitura da amostragem representada por 78 indivíduos constata que 90% desse público se manifestaram de forma favorável, afirmando que o desenvolvimento do turismo é muito importante para a economia do município. No

entanto, 6% dos questionados consideraram a atividade pouco expressiva para a economia do município, e outros 3% afirmaram que não tem importância nenhuma, enquanto 2% se abstiveram de responder.

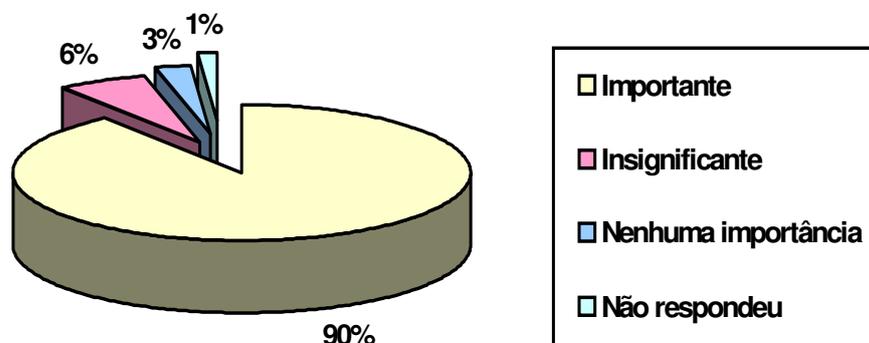


Figura 25: Guia Lopes da Laguna: importância do turismo
Org.: Alaíde Brum de Mattos, 2009.

Considera-se o quadro de resultados muito significativo por revelar que a atividade turística ocupa espaço na economia lagunense. Por outro lado, parte da própria população o anúncio alvissareiro de que o turismo está presente no seu território. Esse assunto, sem dúvida, remete ao crivo dos estudiosos, entre estes, Cruz (2003), que afirma: “nesse processo de apropriação dos espaços pela prática social do turismo está a gênese dos territórios turísticos” (Idem, p. 12).

Teoricamente, a afirmação da autora contribuiu para abrir um painel de referências teóricas no sentido de dar suporte ao debate e interpretação dos dados obtidos no processo de sondagem realizado na comunidade lagunense.

Quanto às possibilidades do território lagunense estar inserido nas territorialidades turísticas da Serra da Bodoquena e do Pantanal Sul, 83% dos entrevistados responderam positivamente, inclusive, alegando justificativas plausíveis que se optou por transcrevê-las na sua íntegra: “sim, situa-se na rota de dois destinos; faz a ligação entre as rotas através das rodovias; por ser considerado uma localidade de trânsito [...], estas, entre outras”.

Consultados quanto às estratégias para se consolidar esse processo, os lagunenses mais uma vez mostraram o nível de seu envolvimento com o assunto, e assim se posicionaram: “atendendo aos turistas que passam pela Avenida Santa Terezinha; instalando atrativos ao longo das rodovias; recepcionar o turista no seu trajeto pelo município; atendendo ao turista quando passa pela avenida, e, precisa almoçar, fazer lanches, abastecer o carro, [...]”, e outras de igual teor.

Essas informações revelaram que o residente lagunense tem noção de que para existir turismo, além do lugar têm que existir o turista, o produto e o mercado. Aliás, elementos considerados como exigências básicas para a atividade turística se desenvolver numa localidade. Portanto, o 'lugar turístico' não é apenas aquele que tem recursos naturais e culturais como normalmente se concebe.

Há vários fatores que se conjugam para possibilitar a manifestação turística e ocorrer a 'turistificação' dos lugares. Para Oliveira (2000), esses pilares podem ser resumidos em cinco itens: cama, caminho, compras, comida e carinho (Idem, p. 57-62). Ou seja, o destino turístico inclui o estabelecimento de hospedagem, acesso ao local, compra de souvenir, artesanato e produtos caseiros, degustação da culinária típica, e acolhida carinhosa. Por sua vez Knafou (1996) realizou outros estudos nos quais identificou três fontes de turistificação dos lugares e dos espaços, a saber: o turista, o mercado e os planejadores e promotores territoriais, sendo que ao último compete a distribuição do produto no mercado. Segundo ele "os turistas estão na origem do turismo", e ainda reafirma: "é a presença do turista que define a existência do lugar turístico". (KNAFOU, 1996 apud RODRIGUES, 1997, p. 62-73).

Com tais afirmações se ressalta a importância do turista para a atividade turística, e ao mesmo tempo se reafirma que o consumo do produto turístico é determinado pelas necessidades e pela satisfação do turista. Dessa forma, os equipamentos e serviços turísticos na Avenida Santa Terezinha foram se especializando para atender à ordem lógica do raciocínio que se expôs, ou melhor, especificamente em função do turista. Sendo assim, quanto maior se apresentarem as necessidades e o consumo dos turistas, maior será a densidade territorial delineada pelo turismo nessa área pois, conseqüentemente, aumentará o número de equipamentos, de serviços e de novas relações sociais, formando conjunto de sobreposições entre os elementos representados no espaço.

Propositadamente se questionou aos residentes sobre qual a porção do espaço urbano por onde o turismo vem incidindo suas práticas diárias. A Figura 26 mostra o resultado indicando o espaço cortado pelas rodovias BR 060 e BR 267 que, no perímetro urbano do município, se sobrepõem, formando a Avenida Santa Terezinha.

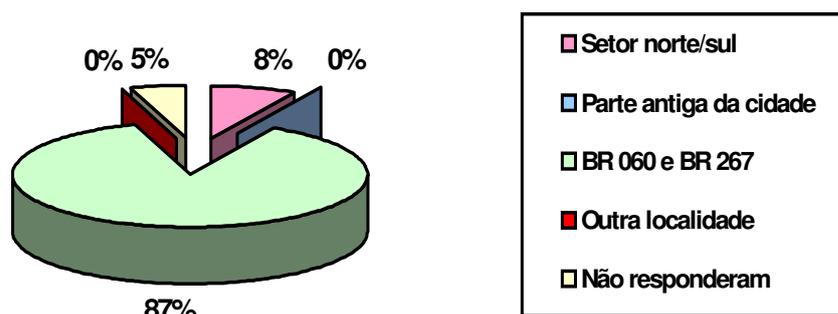


Figura 26: Guia Lopes da Laguna: área de interferência urbana do turismo
Org.: Alaíde Brum de Mattos, 2009.

Parte das entrevistas ocorreu em área com acentuado número de pessoas empobrecidas, o que desperta inquietudes quanto ao futuro dessa parcela da população, que o traçado da Avenida Santa Terezinha contribuiu para isolar na periferia da cidade, dando origem aos bairros da Vila Jalú, São Cristóvão e Vila Marcelina dos Reis.

A abordagem desse assunto objetivou averiguar se as autoridades locais veem a necessidade de se repensar o espaço lagunense, principalmente no entorno da Avenida Santa Terezinha, para que esse traçado urbano não tenha conotação de espaço de exclusão social, separando ricos e pobres, cidade velha e cidade feia, e outros ângulos da urbanidade lagunense, como se presencia em muitos municípios brasileiros.

Através da consulta feita aos representantes da população lagunense, 87%, disseram que apoiam a criação do Conselho Municipal de Turismo – COMTUR, para respaldar as ações turísticas no município, conforme se registrou na Figura 27.

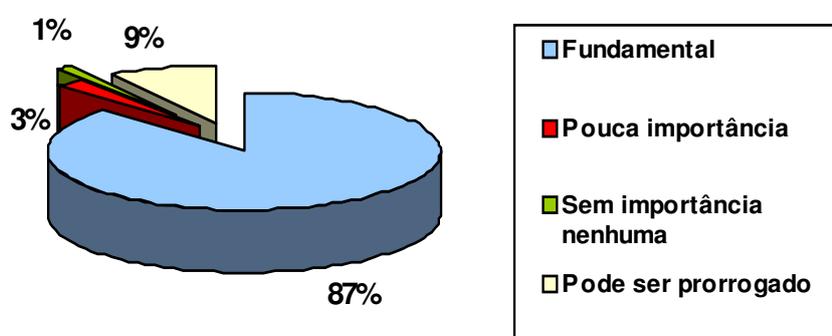


Figura 27: COMTUR – nível de importância
Org.: Alaíde Brum de Mattos, 2009.

Com isso surgiram preocupações da população local quanto à atividade turística, que vem ocorrendo de forma aleatória e desordenada, sem o devido controle dos órgãos gestores do turismo.

Além da criação do COMTUR, outros mecanismos podem ser utilizados para estabelecer os critérios desejáveis para o modelo de turismo ao longo de rodovias, semelhante ao da cidade de Guia Lopes da Laguna. Essa orientação nos leva a sugerir uma releitura da organização e ordenamento do espaço lagunense, estabelecendo-se novos critérios para seu uso.

Para essa ação o governo local pode e deve contar com o apoio da população através de seus representantes. Aliás, foi o que se afirmou quando indagados sobre o assunto, sendo que 81% dos entrevistados admitiram que a administração, planejamento e gestão desse espaço devem ser da responsabilidade do poder público local com o apoio e participação dos munícipes.

Também se percebeu elevada sensibilidade do povo lagunense quanto à origem de suas raízes históricas e de seu valores culturais. Com unanimidade, os entrevistados informaram que o turismo histórico (50%) e o gastronômico (26%) são os segmentos que poderão ser planejados para complementar a oferta turística local.

De acordo com a teoria de Boullón (2000) sobre o espaço turístico, há lógica nessa informação, permitindo supor a Avenida Santa Terezinha com o que o autor chamou de 'corredor turístico de traslado', uma das categorias de análise utilizada que, segundo ele, favorece o aparecimento de um 'corredor turístico de estada', uma vez que existe função combinada entre ambos. A diferença existente entre os dois elementos é determinada pela função e pela configuração física que cada um possui. Para o autor os corredores turísticos de traslado constituem a rede de caminhos de uma região, por meio dos quais se deslocam os fluxos turísticos para complementar seus itinerários. Em geral se dispõem no espaço de forma longitudinal, e seu raio de ação ocorre mediante procedimento diverso, estendendo-se por área entre 5 e 500 metros. Enquanto que os corredores turísticos de estada, geralmente se formam paralelos aos corredores de traslado que margeiam mares, lagos, rios ou rodovias. Neles a disposição dos atrativos turísticos e a função diferem dos corredores de traslado. Outra diferença está na permanência do turista, sendo que permanecem no máximo de 6 horas a 12 horas no corredor de traslado, e por tempo superior nos corredores de estada (Idem, pp. 94-103).

Sendo assim, o volume da oferta turística do município poderá contribuir para o turismo capturar novos espaços do território lagunense, o que poderá comprometer ainda mais o patrimônio cultural e ambiental do município. Daí a necessidade de se organizar e ordenar o espaço para o desenvolvimento do turismo na localidade.

Acredita-se que o registro das informações junto aos residentes a respeito do turismo enriqueceu a pesquisa, pelo volume considerável de informações, sem as quais seria difícil fundamentar os argumentos apresentados.

5.3.2 Os empreendedores e o turismo

Pela linha teórica adotada para este estudo, prevendo a multiciência de variáveis, julgou-se necessário identificar os atores sociais que atuam no processo de produção do território do turismo no município lagunense. Além de reconhecer os atores, deve-se verificar que papel cada um exerce no processo, bem como saber qual a hierarquia do poder desses atores na dinâmica espacial, produzida e reproduzida no território através das práticas sociais.

Para esclarecer esse questionamento, apoiou-se em Raffestin (1993) que, em seu estudo, demonstra qual o processo para o espaço se transformar em território, pontuando com ênfase, que primeiro vem o espaço e depois o território. As explicações do autor facilitam o entendimento do significado de território, esclarecendo como ocorre a sua manifestação, e qual a leitura que se pode fazer a respeito do jogo dos poderes que se estabelecem no território, uma vez que, para o autor: "O território, nessa perspectiva, é um espaço onde se projetou um trabalho, seja energia e informação, e que, por consequência, revela relações marcadas pelo poder". Em seu raciocínio lógico, o autor considerou o espaço como a 'prisão original' e o território como a "prisão que os homens constroem para si" (Idem, p.144).

Apoiou-se em Raffestin (1993) para conceber o território como elemento construído pelo próprio homem num dado espaço. Segundo o autor, essa construção é facilitada pelas práticas espaciais, que mesmo em estágio embrionário são induzidas pelo conjunto de ações humanas que propiciam a produção territorial, que, entre outras características, determina o grau de tessitura do sistema, suas malhas, nós e redes, que se organizam hierarquicamente, e cuja identificação

contribui para organizar e planejar o território. É como diz Raffestin (1993): “enfim, permitem realizar a integração e a coesão dos territórios”, pois, segundo ele esses sistemas constituem o invólucro no qual se originam as relações de poder (Idem, p. 150-151).

Ainda segundo Raffestin (1993), é a escala da tessitura formada no território que determina a escala dos poderes decisórios sobre ele, e que nenhuma sociedade por mais rudimentar que possa se apresentar, consegue fugir da necessidade de organizar o espaço de suas ações. Com isso, vislumbra-se que, mesmo não aparentando, o município lagunense se enquadra nos esclarecimentos elucidados quanto à territorialidade do turismo que aí vem se configurando.

Com base nos levantamentos e observações que se realizaram, o turismo como prática social vem definindo no espaço lagunense uma área de interferência que, igual a outros territórios turísticos, possui características e função específica, tendo um sistema de relações entre si, estabelecido conforme conveniência de cada um e a posição que desfruta no contexto dessa territorialidade.

Para estudar os agentes sociais produtores do turismo no espaço lagunense, além dos residentes, consideraram-se também os empreendedores, visto que o turismo consiste numa atividade eminentemente empresarial, que gera negócios, como afirma Oliveira (2000, p. 108), entre outros. De fato, na Avenida Santa Terezinha várias empresas estão instaladas, cada qual com seu ramo de especialização, prestando serviços aos turistas que se deslocam pela região de passagem para destinos receptores circunvizinhos. São empresas de agenciamento e viagens, de transportes turísticos, de hospedagem, de locação de veículos, de gastronomia, de lazer, de informação, estabelecimentos comerciais do ramo automobilístico e pneumático, e outras prestadoras de serviços ao turismo.

Utilizou-se da mesma estratégia adotada em relação aos residentes para obter dados e informações do grupo de atores envolvidos com a prática comercial do turismo na localidade. Primeiramente, foram realizadas inúmeras visitas aos estabelecimentos que prestam serviços para o setor, objetivando construir um canal de diálogo, que ao longo do trabalho se tornou muito frutífero e rico de informações que foram valiosas para este estudo.

Inicialmente se elaborou um levantamento de todos os prováveis estabelecimentos envolvidos com a prestação de serviços. Ao todo se contabilizaram 40 empresas de médio e pequeno porte. Entretanto, apenas 31

empresas representadas por seus proprietários participaram das entrevistas e questionamentos do Formulário 2 - entrevista com grupo de empreendedores da Avenida Santa Terezinha, conforme Anexo 2.

Os empreendedores informaram que, influenciados pela pecuária (31%) e pelo turismo (35%), instalaram seu empreendimento na Avenida Santa Terezinha. Destes, 86% justificaram esse procedimento em razão da existência de demandas consumidoras para os produtos oferecidos, como se observa na Figura 28.

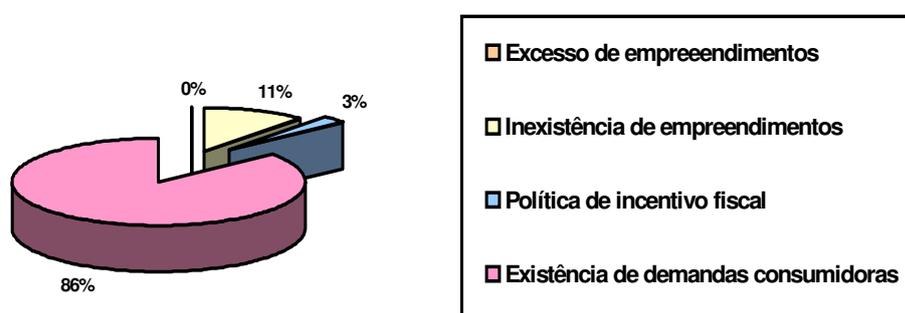


Figura 28: Guia Lopes da Laguna: fatores influenciadores do turismo
Org.: Alaíde Brum de Mattos, 2009.

A população residente reconheceu, ainda, que o turismo tem sido o segmento econômico que mais se beneficiou dos serviços oferecidos pelas respectivas empresas. E, quando abordados para identificar seus consumidores potenciais, 31% informaram que estão representados pela população residente, e outros 31% pelos turistas que se deslocam por essa área. Com esse resultado existem possibilidades para o turismo ocupar futuramente lugar de maior destaque no município.

Considerando-se o acentuado número de empresas instaladas na Avenida Santa Terezinha, os empreendedores alertaram quanto à necessidade de se criar uma associação para organizar e realizar discussões relacionadas às iniciativas públicas e privadas nessa área, como se observa na Figura 29.

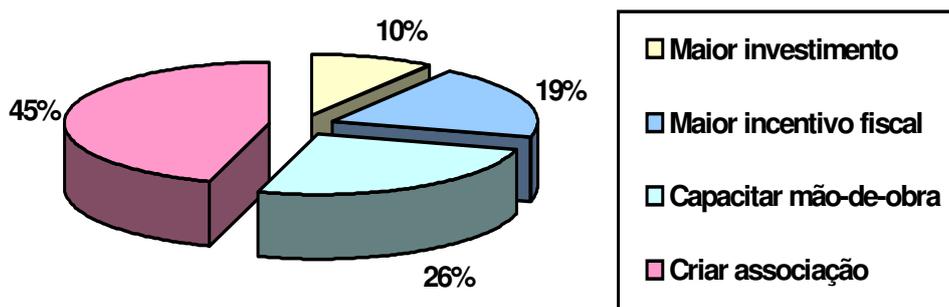


Figura 29: Associação Comercial: nível de importância
Org.: Alaíde Brum de Mattos, 2009.

Interrogados quanto ao papel que Guia Lopes da Laguna ocupa no contexto turístico regional, a maioria concordou que o lugar é um 'território turístico', pois presta serviço para o setor. Quanto ao desenvolvimento do turismo, 55% consideram o momento atual de expectativas com a atividade turística. E, ao se questionar quanto ao valor do empresário diante do poder local, 75% dos entrevistados responderam que existe entre ambos uma relação de confiança, faltando apenas aos dois segmentos 'ousar o lugar' como turístico. A Figura 30 mostra o resultado desse questionamento.

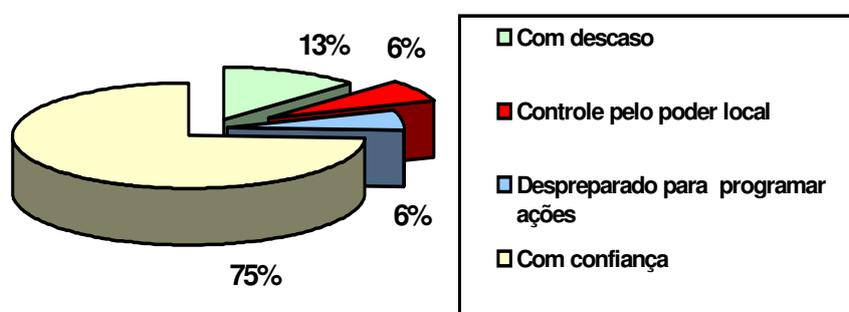


Figura 30: Guia Lopes da Laguna: postura poder empresarial local
Org.: Alaíde Brum de Mattos, 2009.

Quanto à organização do COMTUR - Conselho Municipal do Turismo, 65% do grupo de empreendedores consideram que esse conselho irá oportunizar ao setor privado participar e opinar sobre ações no setor.

5.3.3 O lugar para os turistas

Para essa discussão se decidiu não adotar os discursos introdutórios costumeiros que, eloqüentemente, se estendem, para falar do turismo como um bem de consumo disponível à parcela considerável da população mundial nas sociedades ditas pós-modernas, que via de regra se caracteriza pela acumulação flexível do capital, tendo no turismo, entre outros, significativo exemplar de consumo da vida cotidiana. Dessa forma, se optou por tratar diretamente do assunto, considerando-se 'lugar' como categoria de análise, para na seqüência se avaliar a concepção do lugar na ótica dos turistas.

É considerável o número de estudiosos que, como Knafou (1996), analisam a relação do turismo com o turista, os quais afirmam que sem o turista não haveria o turismo. Nos dias atuais, devido às transformações ocorridas no mundo, e que acabaram influenciando em todos os níveis das atividades humanas, inclusive na produção científica, surgiram novos posicionamentos e conceitos, inclusive relacionados com a temática neste estudo.

Há diversas formas de abordagem que se apresentam inovadoras, vez que se inspiram numa visão holística de mundo, no qual é possível vislumbrar outras faces do conhecimento humano, aliás, suscitantes de novas pesquisas e interpretações. Partindo dessa premissa de conhecer o mundo e o que está a sua volta, sem desprezar outras teorias de conhecimentos, pautou-se em Wainberg (2003) para embasar a discussão que se deseja concluir sobre a concepção que o turista possui do lugar, neste caso, de Guia Lopes da Laguna, foco deste estudo.

Quanto ao turismo e sua relação com o espaço, Wainberg (2003, p.35-37) entende que “há que se pensar o espaço turístico como uma cápsula, e como toda cápsula, uma região centrada em si mesma, que se basta. Uma espécie de nave na qual se entra e da qual se sai cruzando mundos”. O autor quis dizer com isso que o turista vai e volta rumo ao seu destino representado como a “ilha de suas fantasias e emoções”, mas que, na realidade, não passa de destino manipulado, que demanda arranjo espacial de diferentes ordens para que o sabor de seu consumo possa ser prazeroso. Sobre essas considerações, o autor faz a seguinte alusão:

Tais jornadas são espaciais em essência. Demanda-se território. Os sentidos desejam um retorno extenuado. Quer-se a agressividade do ambiente. Voltar ao enfado da rotina sem ter usufruído da benesse da caminhada, sem bebericar do encanto da atração que lhe fustiga a

curiosidade, é transformar o desconhecido em lar. Por isso mesmo, como ação cênica que é o turismo demanda palco e luzes, cenas, mesmo que elaboradas pela mão do ser humano (Idem, p.36).

Assim, durante o trajeto para o mundo do desconhecido, do inusitado, como o turista interpreta o seu destino, ele cruza diferentes fronteiras, descortina outras paisagens que fogem do seu cotidiano urbano, depara-se com outros elementos da natureza, degusta novos paladares e interage com outras culturas. Tudo isso, embalado como mercadoria, vende-se ao turista que paga pelo produto, acreditando existir na embalagem adquirida todos os conteúdos de que necessita para consumir o espaço na ida e na volta de sua viagem.

Essa atividade consome territórios e traços da excentricidade alheia, na maioria das vezes usufruídas aleatoriamente, sem interesse do turista em conhecer os aspectos natural, cultural e ambiental do espaço utilizado para o desfrute de seu lazer. Desses lugares, geralmente, o turista quer apenas usufruir os benefícios pelos quais pagou e utilizar aquilo de que necessita. Alguma coisa que se acrescentar fará parte dos ingredientes que compõem a satisfação que o turista costuma guardar até a realização do seu próximo roteiro, o que confere ao turismo um prazo de validade, portanto, um produto descartável.

No sentido de reforçar as colocações sobre a produção do espaço turístico como um perfeito simulacro, entre outros, recorreremos às considerações de Carlos (1999, p. 28-31), que adverte: “O espaço produzido pela indústria do turismo perde o sentido, é o presente sem espessura, quer dizer, sem história sem identidade; neste sentido é o espaço do vazio. Ausência. Não-lugares”. Para Carlos, o lugar é, em sua essência, produção do homem, forjada no trabalho e na produção de sua relação com a natureza, significando que o lugar tem uma identidade estabelecida por relações sociais vivenciadas no cotidiano, relações que constroem símbolos, significados e sentidos próprios, que permitem ao homem saber por que vive no lugar.

Portanto, no turismo o ‘lugar’ é artificial, produzido pela imitação, pela aparência imperfeita do mundo real. É momentâneo, construído e desconstruído, constantemente, conforme os interesses mercadológicos do mundo da simulação globalizada. A esse respeito, Carlos (2005) tem o seguinte posicionamento:

O turismo representa a conquista de uma importante parcela do espaço que se transforma em mercadoria (ou que entra no circuito da troca) e, nesse sentido, alguns lugares só têm existência real por causa de sua trocabilidade, isto é, enquanto mercadoria que se consome. (Idem, p. 180).

Outro aporte interessante com o objetivo de enriquecer o debate é o de Coriolano (1998), que considera o lugar como suporte da atividade turística, afirmando que “não há turismo sem lugares”. Para a autora, o lugar é também a base conceitual para a compreensão do fenômeno turístico. O turismo pode acontecer apropriando-se dos lugares, dos equipamentos urbanos e das estruturas próprias das atividades locais direcionadas aos moradores do local. (Idem, p.112).

Da mesma forma como foram questionados a população residente e os empreendedores da Avenida Santa Terezinha, questionaram-se os turistas que utilizam esse espaço para seus deslocamentos. Foram usadas as mesmas estratégias de sondagem, entrevistas e questionários, conforme Formulário 3 - entrevista fluxo itinerante da Avenida Santa Terezinha, conforme Anexo 3.

Considerou-se como tendo sido trabalhoso o processo de coleta de dados junto aos turistas, pois houve forte resistência por parte deles quanto às informações que se objetivou alcançar. Após inúmeras tentativas de uma amostra pretendida com 78 indivíduos, conseguiram-se apenas 58 com as quais foi possível encontrar pontos de semelhança com o que se discutiu, entre eles, o conceito de lugar que o turista entrevistado possui em relação ao espaço que utiliza para realizar seus sonhos e lazer.

Para cada abordagem recusada houve uma justificativa, comprovando que o lugar para o turista significava apenas o local que ele escolheu e comprou para os seus dias de lazer e descanso. Portanto, as informações solicitadas pelo interlocutor, ou vice-versa, eram desnecessárias, mesmo porque tinham se informado sobre o destino escolhido antes de deixar o lugar de origem. O momento era apenas de contemplação, de deslumbramento, momento único e íntimo com privacidade garantida pelos promotores do turismo. Quanto ao espaço percorrido para se chegar ao destino, foi considerado uma cortesia de tempo para regular as emoções e as expectativas da chegada ao seu paraíso de deleite.

Apesar das dificuldades encontradas para aplicar as entrevistas e questionários com os turistas, os resultados foram positivos, principalmente se levar em consideração as variáveis envolvidas, tais como procedência, idade, sexo, grau

de escolaridade, profissão, estado civil, tempo de permanência, roteiros escolhidos, entre outros. Houve de forma bem configurada flagrantes quanto ao turismo sexual, todavia, se optou por discutir esse assunto na pauta final deste estudo.

Da amostra obtida com os 58 turistas entrevistados, três resultados foram escolhidos e representados em gráficos, visto que trouxeram informações pontuais e de interesse para a pesquisa. Primeiro, quanto às cidades turísticas da Serra da Bodoquena e do Pantanal Sul, os visitantes confirmaram que Bonito continua no *ranking* dos roteiros turísticos da região. As demais preferências dos visitantes são conferidas na Figura 31.

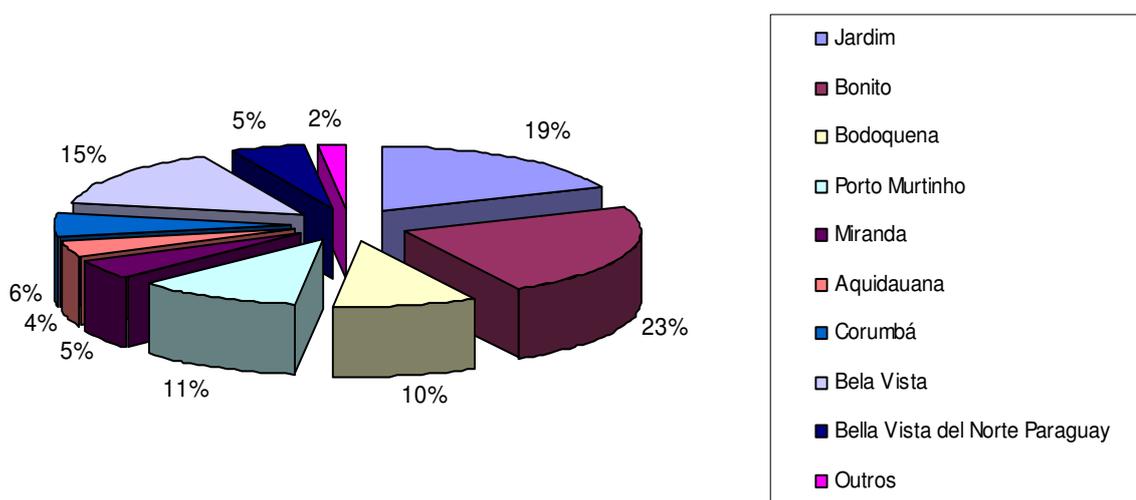


Figura 31: Serra da Bodoquena e Pantanal Sul: *ranking* turístico
Org.: Alaíde Brum de Mattos, 2009.

Foi informado, anteriormente, que um dos fluxos itinerantes observados na Avenida Santa Terezinha é o que se desloca em direção à cidade fronteiriça de Bela Vista, o que ocorre em virtude da pesca amadora que vem sendo largamente explorada no rio Apa. Essa informação se confirmou com os entrevistados, sendo que 15% destes preferem Bela Vista como destino turístico, o que confere à cidade posição de destaque no *ranking* regional do turismo pela serra da Bodoquena.

Seguindo os pressupostos de Boullón (2000), a Avenida Santa Terezinha é parte de um corredor turístico de traslado, onde os equipamentos de apoio ao turismo estão mais densamente concentrados, permitindo larga utilização dos

chamados turistas itinerantes. Por esse motivo se questionou aos visitantes, quais os serviços mais utilizados durante o percurso de seu deslocamento para a Serra da Bodoquena e o Pantanal Sul. A Figura 32 expõe o resultado obtido.

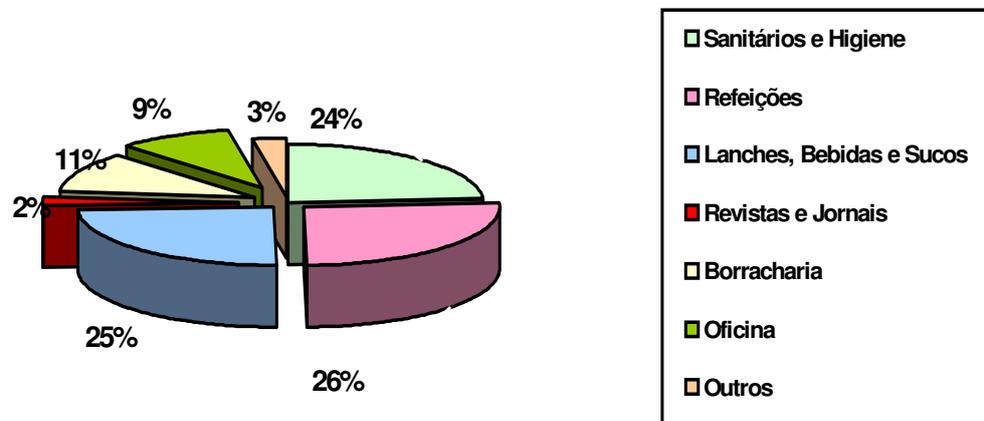


Figura 32: BR 060 e BR 267: serviços de apoio ao turismo
Org.: Alaíde Brum de Mattos, 2009.

O resultado revelou elementos importantes, primeiro por informar às empresas quanto ao volume e importância dos serviços que desenvolvem no local. Depois, ao se pressupor a necessidade de melhorias do setor desses serviços, conforme informaram os turistas na Figura 33.

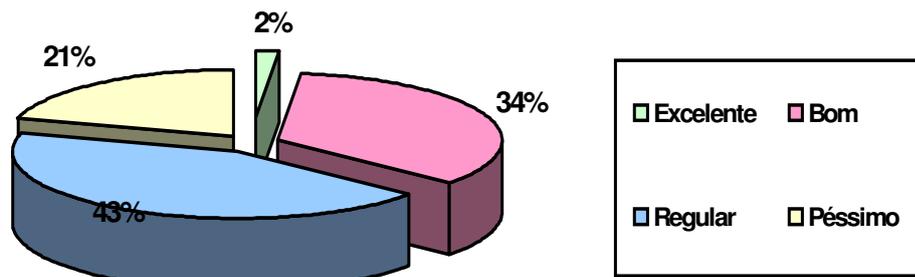


Figura 33: Avenida Santa Terezinha: qualidade serviços de apoio ao turismo
Org.: Alaíde Brum de Mattos, 2009.

Outro dado relevante que procede dos turistas entrevistados diz respeito à sua opinião sobre a criação do CEITUR – Centro de Informações Turísticas na Avenida Santa Terezinha. A Figura 34 confirma o resultado desse questionamento.

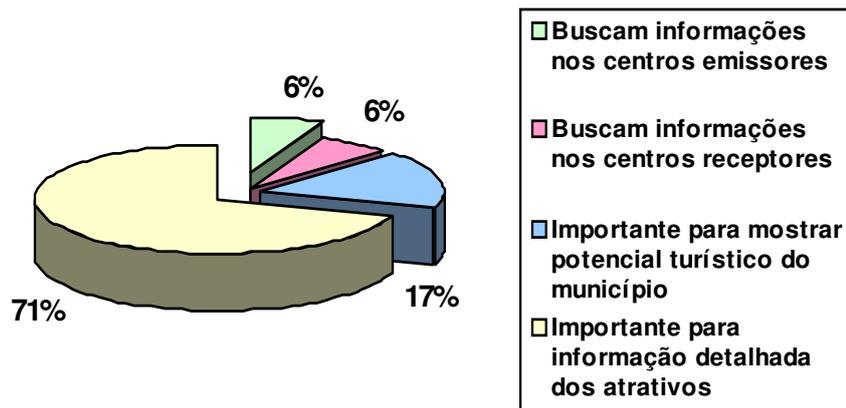


Figura 34: CEITUR: opinião turistas itinerantes
Org.: Alaíde Brum de Mattos, 2009.

Diante do exposto, a discussão quanto à importância do lugar sob a ótica do turista, pouco ou em quase nada contribui para as decisões sobre o setor. Isso evidencia que cabe aos residentes, ao poder político local e ao setor privado, tomar as decisões que poderão nortear e controlar o uso turístico do território lagunense, a fim de poder ofertar a forma de turismo de que os turistas itinerantes necessitam usufruir no lugar. Enfim, se o turismo floresceu auspiciosamente na região, também trouxe problemas que carecem de encaminhamentos e soluções para que possa beneficiar a população local.

6 PLANEJAMENTO E GESTÃO DO TURISMO NO ESPAÇO URBANO LAGUNENSE

Este capítulo traz para o campo da prática o conjunto de dados e informações que foram obtidos na área delimitada para a pesquisa. Por esse motivo se fortaleceu o debate teórico ao longo das discussões, objetivando fundamentar o conhecimento empírico.

O planejamento é, sem dúvida, resultado da decisão política de se organizar o desenvolvimento de uma região ou município, estando o turismo, como outros setores da economia, regidos por esse processo.

Segundo Oliveira (2000), três linhas de ação devem acompanhar o desenrolar da atividade turística implantada numa localidade: das decisões, de planejamento, e de recursos técnicos e financeiros. As decisões estão circunscritas ao poder público e ao poder privado. O planejamento é um eixo central que orienta a atividade e, quando é estruturado democraticamente, abre espaço para a participação da comunidade. A aplicação de recursos técnicos e financeiros é indispensável para subsidiar a atividade (Idem, pp. 136-145).

Porém, o foco nesse momento é o planejamento, que se pretende discutir pela oportunidade despontada pelo turismo no município de Guia Lopes da Laguna.

6.1 Planejamento: uma estratégia para a construção de novos cenários

Nas sociedades modernas, que vivem sob a égide do capitalismo flexível, igualmente, a produção e o consumo, atingiram volume jamais alcançado no mundo do capital. Entre os segmentos econômicos o turismo, indiscutivelmente, foi um dos que ganharam extraordinário espaço nesse cenário. Entre outros fatores, o progresso das técnicas, dos transportes, das comunicações, o aumento do poder aquisitivo das pessoas, as férias remuneradas, as novas conquistas salariais, o direito de usufruir o tempo livre, contribuíram para o homem romper os limites do seu cotidiano urbano centrado no trabalho.

A busca de novos lugares para o homem se refazer dos estresses diários das grandes cidades, facilitou o aparecimento do turismo e do lazer que, segundo críticos da atualidade, é o segmento que mais cresce no mundo, com a capacidade surpreendente de gerar negócios e divisas no mercado nacional e internacional.

Quanto à afirmação, Molina (2005) justifica que tal posicionamento se justifica pela capacidade que o turismo possui de agregar à sua matéria-prima outros insumos, que também se transformam e são oferecidos como produtos a uma demanda existente no mercado. Essa capacidade que a atividade turística possui, faz com que ela se utilize de uma gama enorme de artifícios e supérfluos do mundo contemporâneo para produzir, inovar e satisfazer os desejos de seus consumidores (Idem, p. 21).

Devido ao caráter de fixidez do produto, houve aumento considerável do fluxo de pessoas se deslocando em busca das mais variadas direções do planeta, bem como dos mais diferentes atrativos. Dessa forma, a matéria-prima do turismo, formada pelos recursos naturais e culturais, aliada às demandas consumidoras acabou provocando segmentação no seu mercado. Esse momento representou a fase de especialização do setor bem como a fase da sua espacialização como ocorre na economia globalizada.

Para atender às demandas consumidoras dos produtos turísticos, os países desenvolvidos montaram sofisticada estrutura de suporte para a prática da atividade turística, o que favoreceu sua posição no *ranking* mundial do turismo, como é o caso da França, Reino Unido, Espanha e Estados Unidos, entre outros.

Nos demais países como ocorre com os países da América Latina, o turismo passou a ser visto por muitos como uma alternativa econômica geradora de novas rendas, com capacidade para retirar áreas deprimidas e empobrecidas da situação caótica em que se encontram. Sabe-se que o turismo detém essa característica, pois em muitos estudos realizados se comprovou sua força como vetor de desenvolvimento de regiões e localidades com dificuldades para promover seu desenvolvimento. Igualmente, outros estudos comprovaram amplas possibilidades do turismo unido à questão ambiental para preservar o patrimônio natural de uma localidade ou região.

Contudo, é preciso trilhar os caminhos adequados que permitam desenvolver a atividade além do seu aspecto econômico, perpassando o viés social, cultural e ambiental e produzindo uma forma de turismo que possa melhorar a qualidade de vida das comunidades anfitriãs. Que nesse contexto, o turismo possa fortalecer o processo de inclusão social dos residentes, favorecendo a distribuição de renda de forma justa e solidária, e oportunizar aos atores envolvidos participação efetiva no processo de desenvolvimento que a atividade, porventura, possa desencadear.

Todavia, para que isso ocorra é preciso que o turismo esteja vinculado às ações planejadas, aliás, prática pouco utilizada, visto que o planejamento usado como ferramenta para nortear o desenvolvimento de uma região, normalmente tem sido considerado pelos privilegiados e detentores do poder, como poderosa arma para destruir seus interesses. Essa postura mostra o quanto se está vinculado no país às amarras do clientelismo, postura social crônica, cujo processo de extinção demanda tempo e mobilização dos interessados na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

A esse respeito, Molina (2005, p.30-31) diz que “é assim que o instrumento denominado planejamento chega a se configurar num contexto ideológico e político ao qual serve”, ou seja, o planejamento, como qualquer outro instrumento que possa promover o desenvolvimento, está a serviço de outros valores e propósitos, atendendo aos interesses de uma minoria social.

No Brasil, segundo Simão (2001), pouco se avançou da fase dos planejamentos tecnocráticos que dominaram as décadas de 1960 e 1970. Para a autora, na década de 1980, com o início do processo de abertura política, veio à tona o ‘planejamento participativo’, que careceu de profundas investigações teóricas para embasamento da prática. Depois de prolongado período de autoritarismo militar, o país passou a viver gradativo processo de democratização, possibilitando as unidades da federação e respectivos municípios agregarem o planejamento aos seus processos decisórios. Um grande avanço dessa época foi o Plano Diretor exigido pela Constituição Federal de 1988 para os municípios com mais de 20.000 habitantes (Idem, p. 78-80).

Decorridas duas décadas, a maioria dos municípios brasileiros sequer conseguiu definir o Plano Diretor de suas cidades, caracterizando não só resistência da sociedade, mas uma série de outros obstáculos considerados de ordem estrutural, que dificultam a adoção do planejamento ajustado aos novos paradigmas, que o momento atual impõe.

Falar de planejamento é falar de desenvolvimento, e mudar a tônica do desenvolvimento, como diz Coriolano (2006), não é tarefa fácil, sobretudo na América Latina: “onde os processos de desenvolvimento sempre privilegiaram marcadamente as grandes economias, foram centralizados, paternalistas e assistencialistas, onde se está acostumado a esperar passivamente”. Segundo a autora, o ‘desenvolvimento’ é uma construção social que exige o envolvimento de

toda a sociedade, uma revalorização da cultura e uma base ética. (QUEIROZ APUD CORIOLANO, 2006, p. 26).

A autora ainda sugere que neste momento marcado pelas crises, principalmente de ordem ambiental, de escassez de recursos públicos e de grandes demandas sociais, devem-se estimular as comunidades no sentido de ela própria dinamizar sua economia e buscar alternativas para solucionar os seus problemas como moradia, saúde, educação, cultura, lazer, emprego e renda.

O discurso de superação da pobreza, que Coriolano (2006) enfatiza, tem orientado os segmentos sociais menos prestigiados a buscar cooperação, solidariedade, criatividade, e explorar os recursos locais latentes, especialmente os recursos humanos, definindo, assim, estratégias para superar o modelo macroeconômico que rege as sociedades do mundo do capital. Mesmo assim, essa mudança requer a participação do poder público nas parcerias. Para Borja (1988, apud CORIOLANO, 2006, p. 27):

[...] a participação popular não pode substituir um setor público opaco e desfalecente, socialmente ineficaz, administrativamente improdutivo, organicamente caótico, economicamente perdulário e politicamente burocratizado como o que muitas vezes foi herdado. Que pelo contrário, uma administração justa e ativa, com programas ambiciosos destinados a melhorar o bem estar dos cidadãos são condições prévias ao desenvolvimento da participação. Sem este investimento político e econômico os chamados a participar estão condenados ao fracasso.

O modelo de planejamento sugerido pela autora parece contemplar as mudanças paradigmáticas que emergem naturalmente da profunda crise em que vive o mundo moderno, principalmente nas pequenas comunidades. No entanto, para trilhar esses caminhos é necessário abandonar a crença de que todos os povos estão seguindo a mesma direção para encontrar a porta de saída para o que consideram como desenvolvimento ideal, que seria o caminho dos que “corre a frente”. Proceder de forma diferente significa “abandonar os modelos postos e seguir os modelos construídos pela própria comunidade de acordo com suas reais necessidades e possibilidades, os chamados modelos localizados de desenvolvimento” (Idem, p. 27).

O planejamento concebido nessa ótica que muitos propõem, assim como Coriolano (2006), poderá criar efeitos mais coerentes com a realidade com a qual se

deparam muitas células comunitárias consideradas com menos desenvolvimento. Portanto, o que se enseja aos lagunenses é a oportunidade de construírem, eles próprios, o seu espaço, que representa o palco de suas experiências sociais, culturais e políticas, forjadas ao longo de sua própria história.

6. 2 A gestão do turismo na Avenida Santa Terezinha

Tomou-se a Avenida Santa Terezinha como ponto de referência para abrir esse novo painel de discussões, que se pretende centrar na organização e ordenamento do espaço urbano lagunense, notadamente no lugar onde o turismo constituiu territorialidade, lembrando que a identificação precoce desse processo desencadeou os estudos que motivaram a presente pesquisa.

Importante ressaltar que o objetivo principal em se discutir planejamento e gestão para o turismo na Avenida Santa Terezinha, tem apenas a conotação de contribuir com o ordenamento e a organização da atividade turística no espaço lagunense. Essa tarefa, na realidade, passou a ser um desafio, pois se concorda com Simão (2001), quando afirma que nem a fase dos planos tecnocráticos a maioria dos municípios brasileiros viveu. Segundo a autora, as pequenas e médias cidades não possuem o hábito de planejar, pois desconhecem essa necessidade e sua importância. Mesmo convivendo com a era globalizada, diz a autora, “caminham num ritmo e num cotidiano bastante diferenciado dos grandes centros” (Idem, p.79).

Para se discutir a tônica do planejamento na sua essência real, é indispensável analisar teoricamente o seu conceito. Nesse sentido Angeli (1991, p. 11) se reporta: “Quando trabalhamos com conceitos que se referem às leis sociais, o conteúdo pode ser transmitido de muitas formas”. Realmente, encontrou-se número considerável de conceitos, entre os quais o de Chiavenato (1987), que faz as seguintes alusões:

O planejamento costuma figurar como a primeira função administrativa, por ser exatamente aquela que serve de base para as demais. O planejamento é a função administrativa que determina antecipadamente o que se deve fazer e quais os objetivos que devem ser atingidos. O planejamento é um modelo teórico para a função futura. Visa dar condições para que o sistema seja organizado e dirigido a partir de certas hipóteses a cerca da realidade atual e futura. O planejamento é uma atividade desenvolvida para dar continuidade às atividades, e seu focus

principal é a consideração futura do objetivo (CHIAVENATO apud PETROCCHI, 2001, p. 67).

Embora os estudos de Chiavenato sejam mais direcionados para a área da Administração, o seu conceito de planejamento tem sido utilizado com frequência para respaldar outras áreas que desempenham tarefas administrativas, entre elas, a do turismo. Quanto ao turismo, Ruschmann (1997, p. 83) considera que, apesar de ser ampla, as bibliografias, nessa área do conhecimento, poucas são as obras que se referem especificamente ao planejamento do turismo, e, na sua visão, quando isso ocorre o planejamento é abordado de forma assistemática e fragmentada.

A afirmação de Ruschmann ganha expressão com as recomendações que Angeli (1991) faz:

Quando trabalhamos em planejamento de turismo especificamente, o cuidado precisa ser maior. Turismo implica não apenas dinheiro circulando, equipamentos sendo construídos e serviços de apoio sendo administrados. Implica pessoas se deslocando, comunidades recebendo pessoas (Idem, p.13).

Angeli ressalta, ainda, que o planejamento é uma atividade dinâmica e como tal exige um repensar constante. Portanto, devem-se repensar novas formas de envolvimento social e de gestão diante das atividades que se desenvolvem em pequenas comunidades, principalmente aquelas em que Simão (2001, p. 83) menciona: “vivem sob a ótica do dia-a-dia, do cotidiano, do varejo”, onde um dia sequer se submeteram às ações planejadas”.

Mudar essa realidade considera-se compromisso do cidadão que se empenha verdadeiramente em promover o bem-estar dos que sobrevivem em lugares de recursos insignificantes. Igualmente, é tarefa da Geografia e do geógrafo contribuir com estudos e pesquisas com o objetivo de modificar, ou pelo menos minimizar quadros deprimentes, dentre os quais, o da pobreza que resulta da falta de oportunidade aos menos favorecidos.

Para planejar nessa perspectiva é preciso conhecer muito bem o espaço, entender sua estrutura política, social, econômica, identificar quem são os atores que atuam nesse espaço, conhecer as relações que estabelecem entre si, identificar os potenciais recursos naturais e culturais do lugar, realizar amplo levantamento das dificuldades e enxergar as possibilidades factíveis do lugar.

Ainda é preciso envolvimento e entusiasmo, é preciso acreditar, confiar e se propor a realizar. Só assim, o planejamento possibilitará um futuro mais promissor. Essa ação demanda tempo, o que explica porque a tarefa do planejamento precisa ser imediata, pois, ao se retardar tais processos, mais irão se cristalizar as resistências e as dificuldades.

O primeiro passo que se deu foi no sentido de se identificar o segmento turístico que ocorre na Avenida Santa Terezinha. Com base no levantamento nos dados obtidos com os residentes, com os empreendedores e com os turistas, e revisão bibliográfica, pressupõe-se que esse segmento possa ser o chamado Turismo Itinerante ou Turismo de Estrada, pouco explorado e estudado no país.

Submeteu-se essa conclusão aos estudos bibliográficos realizados e o trabalho de campo *in loco*, que permitiram a formação de um banco de dados e informações, nos quais se evidenciaram os traços desse segmento do turismo. Apesar do empenho, do assunto sobre o turismo itinerante e/ou turismo de estrada não se logrou êxito, o que mostra que o assunto ainda é pouco ou nada discutido.

Com o respaldo teórico de Boullón (2000), Pearce (2003), Rodrigues (1997, 2001), Cruz (2000, 2003), Knafou (1996) e Beni (2001) a respeito do sistema territorial do turismo e os fluxos turísticos, pode-se inferir que o turismo impingido na Avenida Santa Terezinha é o Turismo Itinerante ou Turismo de Estrada, segmento provocado pelo volume de deslocamentos no entorno das regiões turísticas. Há, no entanto, necessidade de se esclarecer que esse segmento difere do chamado Turismo Rodoviário largamente praticado na Europa, Canadá e Estados Unidos, devido ao bom funcionamento dos equipamentos e das malhas rodoviárias dessas localidades.

Por se tratar de um segmento que possui especificidades no campo do turismo, obviamente precisa ser gerenciado e organizado com as mesmas particularidades. Por essa razão, empenhou-se em localizar sua área de ocorrência na cidade de Guia Lopes da Laguna, apontada como sendo a Avenida Santa Terezinha, microespaço urbano representado em toda a sua extensão pela sobreposição de duas rodovias federais – BR 060 e BR 267, ambas com acesso aos municípios sul-mato-grossenses que compõem a região Sudoeste do estado.

Nos espaços longitudinais que margeiam a Avenida Santa Terezinha estão concentrados os equipamentos e serviços de apoio ao turismo que os turistas utilizam por período temporário. Todos esses elementos se assentaram na avenida

desprovidos de um plano de orientação para estabelecer os critérios que cada equipamento deveria ocupar nesse espaço. O que não poderia ter sido diferente, pois, não se imaginava a passagem dos deslocamentos turísticos por essa área, sendo que na época em que as rodovias foram implantadas ainda não se cogitava o florescimento do turismo pela região.

Na década de 1980, ao longo da nova avenida se instalaram inicialmente empresas comerciais voltadas ao atendimento das atividades agropecuárias. Logo em seguida, instalaram-se postos de combustíveis, borracharias e estabelecimentos de mecânica pesada. Surgiram também os estabelecimentos de hospedagem, alimentação, entretenimento e lazer. Muitas residências foram construídas na avenida, e outras, no seu entorno. Em resumo, a direção da expansão da cidade de Guia Lopes da Laguna foi desviada para a nova avenida que gerou novos bairros e escondeu a antiga cidade e todos os seus problemas.

Na década de 1990 começaram a chegar os turistas, que foram aumentando gradativamente com a descoberta de numerosos atrativos naturais na região. Com o aumento dos fluxos turísticos, aumentaram também, os estabelecimentos e as prestações de serviços para o setor. Alguns equipamentos de comunicação que surgiram também se instalaram na nova avenida. Apesar ter ocorrido de forma espontânea, esse processo não escapou da especulação imobiliária, o que favoreceu a formação de bairros como a Vila Jalú, Marcelina dos Reis e Vila São Cristóvão, todos, na época, desprovidos de qualquer tipo de infraestrutura, o que favoreceu a sua ocupação por parte de pessoas em geral empobrecidas, vindas de outras localidades.

Esse é o microespaço urbano no qual a Avenida Santa Terezinha está contida, e que se procurou retratar com pormenores para facilitar a compreensão do leitor em relação à dinâmica espacial que se opera nesse contexto. Apesar de se pretender um recorte do ponto de vista geográfico e urbano turístico, esse espaço da cidade está conectado com um emaranhado de redes de comunicação, de informações, entre outras, que extrapolam o âmbito local e atingem outras dimensões.

Na sequência, entendeu-se a questão da infraestrutura desse espaço como algo passível de questionamento dentro das ações planejadas. Primeiro, considera-se que a expansão e a organização espacial se deram inicialmente com a infraestrutura existente na época, que na ocasião já denotava acentuada

precariedade. A sua modernização não ocorreu de forma planejada, portanto continuou defasada diante das reais necessidades que se impõe nesse contexto urbano.

Dessa forma, o quadro que se descortina ao trafegar a Avenida Santa Terezinha é pouco agradável, deixando transparecer que a paisagem configurada, não procede da intervenção de uma ação urbanística anteriormente discutida com a população local, para atender suas reais necessidades e funções.

Admite-se que essa postura precisa ser revista, pois o traçado da avenida escondeu significativo número de elementos considerados símbolos e ícones da cidade lagunense. Com isso, corre-se o risco de se escamotear a verdadeira identidade do lugar, que é expressa no cotidiano de seus habitantes através dos hábitos, costumes, tradições, e no jeito de ser do lagunense. Nesse sentido, Silva (2004, p.22) nos alerta: “Às vezes bairros inteiros ou pedaços da cidade são construídos para os turistas, desviando a atenção, e não raras vezes camuflando, a porção da ‘cidade comum’ sem atrativos para o turista-padrão, onde as pessoas moram, trabalham e também tem o seu lazer”.

Segundo Cruz (2000), a relação entre o turismo e o urbano, do ponto de vista de uma análise espacial, pode ser explicada por meio de três situações diferenciadas entre si, quais sejam: o urbano anteceder o aparecimento do turismo; o processo de urbanização ocorrer simultaneamente ao processo de urbanização turística do lugar; o processo de urbanização ocorrer depois do aparecimento do turismo ou decorrente dele.

Relacionando esse entendimento ao caso da Avenida Santa Terezinha, entendeu-se que o seu processo de urbanização ocorreu depois do aparecimento do turismo, o que Cruz reforça:

Há, por fim, situações em que a urbanização é um processo posterior à (e decorrente da) incorporação do lugar pelo turismo. São os casos de povoados que surgem como destinos turísticos “selvagens” e que, com o aumento dos fluxos turísticos, são submetidos a um acelerado processo de urbanização para o turismo, em geral caótico, porque não planejado (Idem, p. 26).

Embora Guia Lopes da Laguna não se configure entre os destinos turísticos da região, faz parte destes como área adjacente por onde os turistas se deslocam e permanecem temporariamente. O uso, ainda que momentâneo, desse espaço, provocou alterações na infraestrutura urbana da Avenida Santa Terezinha, sendo

todas decorrentes das atividades econômicas ali praticadas dentre elas o turismo. Por esse motivo, sugere-se que as iniciativas voltadas no sentido de urbanização devem passar por discussão com os que residem, trabalham e produzem nesse espaço.

Essa postura, além de descaracterizar os processos administrativos que atuam verticalmente, de cima para baixo, concede ao cidadão oportunidade para planejar o seu próprio espaço de acordo com suas expectativas e necessidades, em geral voltadas para o bem comum. Por outro lado, os gastos com obras e edificações de iniciativa pública, por vezes onerosa, quase sempre utilizada para simbolizar o poder, principalmente por ocasião das campanhas políticas, podem ser reduzidos com a construção e a instalação de estruturas simples e funcionais, realmente necessárias dentro da infraestrutura local.

O princípio é válido para as circunstâncias de iniciativa privada, que devem levar em consideração o limite da capacidade real dos equipamentos instalados e/ou edificados. Pode ocorrer, por exemplo, exagero de investimentos com estruturas aptas para atender as demandas acima da capacidade existente. Tal situação pode provocar descontentamento por parte do investidor, além de prejuízos irreversíveis para os que investem no turismo e áreas relacionadas, em virtude de ser o produto turístico altamente perecível, sem possibilidades de ser estocado.

No planejamento, a questão ambiental deve ocupar lugar de prioridade, pois ela reflete o compromisso ou descompromisso da comunidade com o ambiente. É preciso ressaltar que todas as atividades desenvolvidas pelo homem alteram o ambiente natural, inclusive o turismo. Com o abandono do ambiente, toda e qualquer atividade se torna insustentável, como afirma Irving (1998), “[...], no entanto, o desenvolvimento turístico só será sustentável a partir das comunidades locais centradas nas premissas de conservação ambiental, manutenção de identidade cultural, qualidade de vida, e se for norteado por parâmetros éticos” (Idem, p. 109).

Apesar de não ser o turismo o único e nem o maior responsável pela deterioração dos recursos naturais, é imprescindível que no planejamento turístico haja espaço para a discussão ambiental, bem como para a realização de ações que possam contribuir para amenizar seus efeitos impactantes do ponto de vista negativo, independente de terem sido causados ou não pelo turismo. A propósito, a cidade de Guia Lopes da Laguna é margeada pelos rios Miranda e Santo Antônio,

recursos hídricos que infelizmente estão seriamente comprometidos pela degradação ambiental que ocorre na região. O mesmo processo ocorre com outros recursos hídricos, como pequenos córregos que banham especificamente a cidade lagunense.

Em reportagem sobre meio ambiente, a Revista Pantanal publicou na edição abril/maio de 2008, matéria na qual ressaltou a desertificação do leito do rio Miranda. Pela relevância do assunto abordado decidiu-se por transcrever parte da reportagem: “o leito do Rio Miranda tem sido desertificado em função dos assoreamentos, onde grandes áreas foram antropizadas por proprietários rurais sem informações e sem preocupação com o nosso mais valioso alimento que é a água” (p. 30); [...] “além do assoreamento, outro grande problema que assola o rio Miranda é falta de consciência do homem, que usa o rio como depósito de lixo” (p.31). Igualmente se reportou ao assunto, como o visto na Figura 7.

A questão do lixo também se constitui num dos graves problemas dos lugares receptores. Inclusive, a comunidade lagunense se depara com esse problema de forma redobrada, pois, segundo informações, a cidade com certa frequência tem recebido depósitos volumosos de lixo oriundos da cidade vizinha de Jardim, óbvio, deixado por pessoas sem a devida consciência ambiental na tentativa de burlar a fiscalização ambiental de seu município. Um plano elaborado dentro dos princípios sustentáveis do turismo prevê a inclusão de projetos que possam trabalhar as questões ambientais como a população residente, com a comunidade vizinha e com os visitantes. Também devem ser incluídos nesses projetos a participação das autoridades ambientais do município e os órgãos gestores do meio ambiente encarregados de gerir questões pertinentes.

No que tange ao planejamento e sua relação com os impactos do turismo, deve-se dar ênfase aos impactos positivos e contribuir para atenuar as forças dos aspectos negativos. Não se pode responsabilizar o turismo por todos os males que ocorrem, todavia, eticamente, o desenvolvimento da atividade tem que ocorrer pautado em compromissos com a comunidade receptora para que o turismo possa ser sustentável.

Outro impacto provocado pelo turismo é a interferência no conjunto de valores morais dos núcleos receptores e áreas de sua influência. A esse respeito Ruschmann (1997) se manifesta:

As alterações da moralidade estão presentes em grande parte dos estudos sobre os impactos do turismo nas comunidades receptoras e indicam o aumento da prostituição, da criminalidade e do jogo organizado. Apesar de não se poder responsabilizar o turismo por esses males, constatou-se que eles intensificam com o desenvolvimento da atividade (Idem, p. 48).

Ao avaliar o perfil do turista itinerante da Avenida Santa Terezinha, entre os resultados, constataram-se evidências do turismo sexual, caracterizado principalmente pelo número acentuado de turistas do sexo masculino, representando 84% do público entrevistado. Essa suspeita ganha maior expressão ao se observar elevada porcentagem de turistas que viajam em grupo (47%) e sozinhos (24%), dados referentes ao mesmo público entrevistado.

Mediante as evidências de o turismo sexual ser praticado em Guia Lopes da Laguna e nas regiões turísticas ao redor, faz-se um alerta às autoridades públicas envolvidas no controle dessa questão, sugerindo a necessidade de se intensificarem as estratégias de repressão e combate ao problema, sob pena de se criar uma imagem desfavorável para o turismo nessas regiões, além, é claro, de incluir contingente significativo de pessoas como profissionais do sexo.

As ações programadas pelo planejamento também podem contribuir para potencializar ou minimizar os efeitos do turismo sobre o conjunto de valores culturais de comunidades que recebem visitantes. Em relação a esse aspecto, por mais uma vez citamos Ruschmann (1997):

É impossível desconsiderar a cultura como uma das mais importantes motivações das viagens turísticas [...] entretanto, o desejo de conhecer os modos de vida de outros povos nem sempre vem acompanhado do devido respeito, da devida consciência e do legítimo interesse por parte dos visitantes (Idem, p. 50).

O artesanato, a gastronomia, as festas religiosas e populares, a história regional são potenciais latentes na comunidade lagunense, e, se organizadas, podem atrair futuras demandas. Nesse aspecto a comunidade conta com expressivos valores, como as festas de São José, de Nossa Senhora da Guia e do Clube do Laço Comprido, às quais se inclui o patrimônio histórico da cidade, que se destaca pela sua origem e formação. Ao que se acresce a Retirada da Laguna, episódio histórico ocorrido por ocasião da Guerra do Paraguai, que imortalizou a figura de José Francisco Lopes, conhecido na história como o “Guia Lopes”. A

herança cultural são valores que elevam o orgulho e a auto-estima de uma comunidade.

O que se pretendeu com esta abordagem sobre o planejamento e sua interface com o turismo, tomando como exemplo de estudo a comunidade lagunense, foi no sentido de contribuir com aqueles que se empenham na busca de novos caminhos para estimular o crescimento das pequenas comunidades, preferencialmente as economicamente deprimidas. Concretamente, essa intenção se traduz nos dizeres de Cavaco, para quem “o desenvolvimento depende não tanto da combinação ótima de recursos e fatores de produção como de fazer aflorar e mobilizar recursos e capacidades escondidas, dispersas ou mal utilizados”, que a autora, por sua vez, interpretou com outras palavras: “não há territórios condenados, mas apenas territórios sem projetos” (CAVACO apud RODRIGUES, 1996, p. 96).

6.3 Propostas e diretrizes para o turismo lagunense

Entusiasmados com as possibilidades do desenvolvimento turístico de um município ou até mesmo de uma pequena localidade, responsáveis pela administração pública, aliados aos interessados no empreendimento, contratam os serviços técnicos de uma empresa de planejamento para elaborar um plano de desenvolvimento do turismo municipal ou local. No entanto, procedimentos dessa natureza geralmente são fadados ao insucesso, em virtude de que a tarefa de estrutura aparentemente fácil é mais complexa do que se possa imaginar, porque o turismo envolve o conhecimento de outras áreas do conhecimento.

O turismo, como qualquer outro setor da economia, está vinculado aos planos de políticas públicas para promover o seu desenvolvimento. Portanto, existe um centro de decisões na esfera governamental que confere ao Estado a responsabilidade de definir metas, programas e formas de incentivo para o setor. Esse conjunto de decisões é norteado política e ideologicamente para o tipo de desenvolvimento que se deseja estimular no país, nas regiões e nos municípios. Isso explica porque a Política Nacional do Turismo foi centralizadora por bom tempo, fato que contribuiu para deixar ranços difíceis de serem eliminados, com muitos dos quais ainda convivemos nos dias atuais.

A cada onda do turismo pelo mundo, a sua repercussão no Brasil provocava interferências no sistema de políticas públicas para o setor, cujos projetos estiveram

sempre carregados da mesma ideologia econômica e social presentes nos planos de desenvolvimento do país. Segundo Cruz (2000, p. 42), a história das políticas nacionais do turismo no Brasil compreende três fases distintas: a primeira fase, que a autora chama de 'pré-história' (1938/1966), fase jurídico-institucional das políticas nacionais de turismo; a segunda fase, destacada pela definição da primeira política nacional de turismo (1966/1991); e a terceira fase, de 1991 aos dias atuais, que se destaca pela criação do Ministério do Turismo no ano de 2003.

Essa retrospectiva do turismo no Brasil até os nossos dias facilita o entendimento dos percalços da sua gestão por parte do poder público. Aliás, a esse respeito Cruz faz minucioso balanço das políticas de turismo instituídas nas três diferentes fases por ela consideradas, o que facilitou o entendimento do papel do turismo nos diferentes programas nacionais de desenvolvimento econômico.

Nessa trajetória que se estendeu desde a década de 1940 até hoje, os assuntos referentes ao turismo estiveram sob a responsabilidade dos mais diferentes setores da administração pública, tais como: Departamento Nacional de Informações, vinculado ao Ministério da Justiça e Negócios Interiores; Departamento Nacional de Imigração, posteriormente Instituto Nacional de Imigração e Colonização, vinculado ao Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio; Comissão Brasileira de Turismo – COMBRATUR, subordinada diretamente à Presidência da República; Divisão de Turismo e Certames, ligada ao Departamento Nacional do Comércio, vinculado ao Ministério da Indústria e do Comércio; Secretaria do Desenvolvimento Regional da Presidência da República, passando a fazer parte da EMBRATUR – Empresa Brasileira de Turismo. E, finalmente, ao Ministério do Turismo, criado em 29/04/2003 por Luís Inácio Lula da Silva, então Presidente da República (CRUZ, 2000).

Ao ser inaugurado, o Ministério do Turismo implantou o Plano Nacional do Turismo, novo conjunto de regras, normas e iniciativas discutidas coletivamente por todos os setores representativos do turismo nas diferentes regiões do país, estando baseado na gestão descentralizada e na força das parcerias.

Apesar das medidas inovadoras da política criada para gerir o turismo, concorda-se com a autora, quando afirma que “Desenvolvimento turístico não é – como não poderia ser – sinônimo de desenvolvimento econômico social” (p. 153). Segundo a autora, nenhuma atividade econômica setorial pode promover esse desenvolvimento, pois representa apenas uma parte das relações que comanda

esse processo. Cruz questiona ainda o modelo de desenvolvimento adotado no país, do qual o turismo faz parte, e considera: “é concentrador de renda, excludente e perpetuador das desigualdades socioespaciais”, e segundo ela, estando o turismo inserido nesse modelo, reproduz contradições do sistema, da mesma forma que ocorre em relação às demais atividades econômicas (Idem, p. 150).

Portanto, mudar esse quadro é um desafio que requer do geógrafo, do administrador, do economista, do ambientalista, do turismólogo e de outros profissionais da área do planejamento, sensibilidade para projetar um modelo que possa se adequar aos chamados ‘territórios turísticos’, espaços por onde o turismo se expandiu na modernidade. A tarefa requer habilidade por parte dos que planejam, e uso de criatividade para construir coletivamente o conjunto de normas jurídicas e políticas adequadas para a gestão turística do espaço que se pretende organizar.

Com base nesses pressupostos é que se decidiu apresentar algumas propostas apontadas pelos lagunenses como medidas indispensáveis para iniciar o ordenamento da atividade turística no município.

a) Criação do Conselho Municipal do Turismo – COMTUR, que se trata de um órgão superior de consulta vinculado à Administração Municipal, criado por lei e previsto na Constituição Federal. O COMTUR tem caráter consultivo e deliberativo, sendo o mecanismo pelo qual o Poder Público e a sociedade civil se interligam no sentido de assessorar o município nas questões referentes ao turismo.

É no Conselho Municipal do Turismo que a comunidade deverá estar representada pelos vários segmentos organizados da sociedade, tais como associações, cooperativas, sindicatos, organizações governamentais e não governamentais, participando e se fortalecendo para tomar as decisões que o desenvolvimento do turismo requer em seu município (EMBRATUR, 1999).

b) Criação do Centro de Informações Turísticas – CEITUR, que corresponde a uma estrutura instalada de forma organizada, que conta com recursos disponíveis (estrutura física, organizacional, recursos material e humano), destinada a concentrar informações e banco de dados com a finalidade de orientar turisticamente os visitantes da região.

A sua gestão deve ser conduzida por pessoas qualificadas para o exercício de atividades turísticas, visto que possuem formação específica para a área. Esse

local deve ser ponto de referência da localidade, nele refletindo o modo de ser do lagunense e a qualidade de atendimento que oferece ao visitante. O seu ambiente deve ser preparado para que em pouco tempo de contato o turista possa fazer uma leitura completa do lugar. A sua instalação deve ser de iniciativa da Administração Municipal, que deve respaldar e custear as ações que possam retratar a imagem do município.

c) Criação da Associação Comercial de Guia Lopes da Laguna – nas entrevistas e questionamentos realizados com os empreendedores da Avenida Santa Terezinha, 45% destes se manifestaram favoráveis em relação à criação de uma associação comercial, à qual os empreendimentos ligados à prestação de serviços ao turismo possam filiar-se unir-se aos demais empresários da área comercial de outros segmentos do comércio. Acreditam que só dessa forma podem organizar o setor e fortalecer ações conjuntas em prol de suas atividades.

Guia Lopes da Laguna não dispõe de uma associação para o setor, o que prejudica o desenvolvimento do comércio como atividade econômica que responde de forma significativa pelo quadro econômico do município.

d) Capacitação de Recursos Humanos para o Turismo – entre os proprietários dos empreendimentos que estão prestando serviços de apoio ao turismo, 26% dos entrevistados confirmaram que carecem de mão-de-obra qualificada para prestação de serviços no setor. Sem dúvida, esse problema tem sido um dos gargalos nas comunidades receptoras. Sabe-se que pessoas bem preparadas para atender o público fazem tamanha diferença no empreendimento, podendo até dobrar o volume de seus clientes. Entretanto, a ética sugere priorizar o bom atendimento e a satisfação dos clientes.

Acredita-se que esse problema possa em parte ser resolvido com o apoio da UEMS, que na Unidade de Jardim possui, entre outros, o Curso de Turismo. Uma parceria da Prefeitura Municipal de Guia Lopes da Laguna com a UEMS poderá contribuir para atenuar essa carência de mão-de-obra qualificada para o setor do turismo, especialmente nas áreas de agenciamento e transportes, gastronomia e bebidas, hotelaria, entretenimento e lazer e noções administrativas de pequenos empreendimentos turísticos.

O encaminhamento para soluções ou pequenas contribuições está sempre presente, de alguma forma, nos lugares. O que falta, segundo o nosso entendimento, são articulações bem propositadas e interesses definidos, que tanto podem estar partindo de onde existem as necessidades, e/ou de onde existem os recursos que possam suprir as necessidades. Admite-se que, por uma questão de lógica, a iniciativa deve partir dos que possuem os recursos, principalmente recursos humanos, como os que normalmente existem numa instituição do Ensino Superior.

A apropriação pelo turismo de uma via do espaço urbano lagunense originou territorialidade turística diferenciada quanto a sua especificidade, que acabou por inserir naturalmente o município de Guia Lopes da Laguna no contexto das territorialidades turísticas do Pantanal Sul e da Serra da Bodoquena.

Considerando-se as orientações de Gândara (2005), formularam-se diretrizes com o propósito de contribuir para o desenvolvimento socioeconômico do município de Guia Lopes da Laguna, apostando no turismo como agente de produção espacial, sem comprometer o meio ambiente e o patrimônio cultural, assegurando à comunidade lagunense melhores condições de vida e preservação dos recursos para as gerações futuras.

- a) Oportunizar à comunidade local o envolvimento nas discussões e decisões pertinentes ao turismo;
- b) Trabalhar com a comunidade o rico patrimônio histórico existente na localidade, utilizando-se de recursos como palestras, reuniões, seminários e oficinas;
- c) Despertar na população lagunense, através de projetos de Educação Ambiental, a formação de uma consciência preservacionista;
- d) Estabelecer, por meio dos órgãos municipais gestores do meio ambiente, critérios de uso e proteção ambiental dos recursos hídricos do município;
- e) Desenvolver, juntamente com a comunidade, iniciativa privada e órgãos governamentais, programas de utilização racional dos recursos naturais existentes no município e áreas de proximidade;
- f) Despertar, através de campanhas ambientais, a consciência ambiental dos agricultores, pecuaristas e a população rural em geral, quanto à importância e preservação do verde, incentivando ações de recuperação de áreas degradadas;
- g) Incentivar e valorizar a produção caseira de produtos regionais e o artesanato local;

- h) Estabelecer critérios para a utilização dos espaços urbanos e rurais do município (assentamentos e colônias rurais), levando-se em consideração suas características e fragilidades dos mesmos;
- i) Definir critérios para o uso do espaço urbano com atividades correlacionadas com o turismo;
- j) Monitorar os efeitos do turismo itinerante ou turismo de estrada, que ocorre na Avenida Santa Terezinha, principalmente no que se refere à instalação de novos equipamentos de apoio e serviços ao turismo e à qualidade de serviços prestados;
- k) Melhorar a infraestrutura básica dos bairros periféricos da Avenida Santa Terezinha (Vila Jalú, Vila Marcelina dos Reis, Vila São Cristóvão, Vila Industrial, Vila Mutirão e Vila Caetano), considerando-se como prioridade o tratamento de água, rede de esgoto, limpeza pública, assistência médica e hospitalar, educação e segurança pública;
- l) Readequar o Terminal Rodoviário Municipal que se apresenta precário para o atendimento dos usuários;
- m) Definir roteiros culturais, possibilitando aos visitantes interagir com o modo de vida, hábitos e costumes dos residentes lagunenses;
- n) Discutir com a comunidade o tombamento do “Centro Histórico” ou “Centro Velho” da cidade e estabelecer critérios para uso e preservação do mesmo;
- o) Criar espaço de pesquisa e estudos voltado ao cultivo da memória do personagem histórico José Francisco Lopes, o “Guia Lopes”, e fortalecer sua relação com o episódio da Retirada da Laguna.

Gândara (2005), em estudos em que analisa a participação dos “atores” (Stakeholders) no processo turístico, defende que eles devem participar do planejamento, da implementação do projeto, do desenvolvimento, da gestão e do controle da atividade. Considera de extrema importância que os atores sociais tenham e assumam benefícios e responsabilidades no processo de decisões. Na visão de Gândara, a participação de todos os atores é interpretada como instrumento de sustentabilidade, e admite que, além da comunidade local, existem vários atores, cuja presença é indispensável no processo de planejamento. Assim, o setor público, o setor privado, os recursos humanos, a sociedade civil organizada, e os próprios turistas, na sua concepção, são peças do processo (Idem, p. 35-36).

Acredita-se que o turismo, sob essa perspectiva, possa representar para a população lagunense, sobretudo para a de baixa renda, uma alternativa de desenvolvimento sustentável.

Oxalá a Avenida Santa Terezinha não represente no futuro apenas uma cicatriz de exclusão do espaço urbano lagunense. Que por toda a sua extensão, além das formas materializadas do capitalismo representadas pelos equipamentos e empreendimentos turísticos, possam, também, se instalar homens e mulheres que buscam retirar do turismo pequenas receitas para aliviar as necessidades de suas famílias.

As mulheres e os homens que vendem salgados, doces, pães e biscoitos caseiros, frutos e produtos silvestres, os artesãos, e tantos outros que precisam garantir com dignidade a própria sobrevivência, possam ter a Avenida Santa Terezinha como espaço democrático e de uso igualitário, organizado para atender as suas necessidades. E, para isso requer sensibilidade, vontade e decisão política!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se que este estudo alcançou os propósitos que o fundamentaram desde o seu início, qual seja o estudo da dinâmica territorial provocada pela apropriação do turismo de espaços sul-mato-grossenses, particularizando-se o município de Guia Lopes da Laguna, contextualizado nas territorialidades turísticas mais expressivas do estado: Serra da Bodoquena e Pantanal Sul.

O estado sul-mato-grossense demonstra necessidades prementes de estudos referentes à territorialidade impingidas pelo turismo, pesquisas que investiguem e analisem os efeitos da dinâmica espacial causada por essa particularidade que o turismo possui em aprisionar espaços para a sua prática. Essas necessidades pelo fato de a atividade se encontrar em estágio de desenvolvimento recente no estado de Mato Grosso do Sul, aumenta pela falta de maior apoio e incentivo à pesquisa de cunho científico.

Constatou-se que existem poucas informações sobre a formação dos territórios turísticos de Mato Grosso do Sul, embora eles estejam aparecendo em várias direções do estado. Convém lembrar que os espaços produzidos pelo turismo provocam mudanças, transformações, adaptações e novas relações, motivo pelo qual se preocupa com o seu ordenamento espacial. Por outro lado, as territorialidades turísticas diferem entre si, possuindo cada uma sua especificidade, motivando estudos particularizados quanto a sua origem, função e imbricações que porventura possam provocar.

Portanto, o conhecimento dessa temática de forma detalhada e criteriosa tem oferecido espaço para o geógrafo, em particular, desenvolver pesquisas com o objetivo de clarear as implicações territoriais do turismo e estabelecer a margem de escala de sua ocorrência. A Geografia, além de observar, estuda as formas de apropriação do espaço para e pelo turismo, interpreta os seus efeitos na dinâmica dos espaços produzidos ou reproduzidos e procura entender o seu papel nos novos arranjos territoriais em que se inserem na economia globalizada.

Mato Grosso do Sul, sob o ponto de vista econômico, é um exemplar típico entre os estados da federação que se caracterizam por um modelo altamente

concentrador de renda, de capital e de terra. Esse sistema capitalista de produção, aliado à vocação natural do território sul-mato-grossense para a prática da pecuária e de agricultura, originou os extensos latifúndios no estado. Portanto, há muitas riquezas concentradas nas mãos de uma minoria. Assim, entender a prática turística dentro dessa ordem econômica de produção é realmente desafiante, uma vez que o turismo é fruto do capitalismo moderno, cuja essência é auferir lucros, portanto, dentro da lógica reportada, o turismo é igualmente excludente como as outras duas atividades pilares da economia sul-mato-grossense.

Para entender o modelo turístico do estado, basta lembrar que o turismo floresceu por aqui nas mãos dos grandes latifundiários, como alternativa para enfrentar a crise que sobreveio nos setores da pecuária e da agricultura. Momentaneamente, outros setores da economia se beneficiaram até que a lógica do próprio capital definisse o jogo da nova atividade no contexto socioeconômico do estado. Dessa forma os grandes estabelecimentos e empreendimentos turísticos sul-mato-grossenses estão concentrados nas mãos dos que detêm o capital e o território. Para estes, as ações planejadas devem seguir a filosofia do seu próprio negócio, ou seja, prosperar com o mínimo de custos e obter o máximo de lucros.

A tão propalada divulgação do turismo como vetor de desenvolvimento distribuidor de rendas, melhoria de vida das comunidades receptoras, preservação do meio ambiente, valorização da cultura e do patrimônio histórico, é um capítulo por se construir na página das opções econômicas do estado que possam promover regiões e municípios de economias estagnadas e comunidades onde sobrevive parcela considerável dos menos favorecidos.

Diante desse quadro, percebe-se uma inoperância do Estado quanto as suas políticas públicas voltadas para o setor. Por vezes outros setores da economia voltam seu olhar para o turismo, apostando na sua capacidade de gerar renda complementar para melhorar a qualidade de vida da população empobrecida, que vive nas localidades turísticas. A carência de projetos na área, poucos recursos humanos e materiais, falta de técnicos devidamente preparados, gestores públicos e planejadores descompromissados, são alguns dos entraves que vêm atrasando o encaminhamento de soluções para o setor do turismo no estado de Mato Grosso do Sul.

Muitos municípios brasileiros que apostaram na possibilidade de reativar sua economia com base no turismo, tiveram suas expectativas malogradas e desistiram

do intento. No nosso estado ocorreu o mesmo processo, notadamente por ocasião do lançamento do PDTUR (1999), quando vários municípios, entusiasmados com a sua alta potencialidade turística, apostaram em igual possibilidade, ou seja, adotar o turismo como alternativa para vigorar sua economia.

É natural se questionar quanto ao motivo que leva um estado detentor de tantas potencialidades para o turismo, possuir dificuldades para desenvolver o setor em sintonia com o pensamento que contemple uma filosofia desenvolvimentista. Obviamente que esse obstáculo se encontra no modelo de desenvolvimento posto na sociedade sul-mato-grossense, também em vigor em outras sociedades do país. Somente a mudança de postura e a confiança de se apostar em modelos alternativos de desenvolvimento para o estado, poderão mudar essa realidade que em muito retrata o quadro sócioeconômico brasileiro.

Aguarda-se que essa temática de estudo possa ser apreciada, dada a sua relevância para o Município de Guia Lopes da Laguna - MS, onde inúmeras tentativas de se implementar o turismo encontraram fortes impeditivos, causados notadamente pela falta de conhecimentos na área do planejamento e organização da atividade em consonância com os recursos de que realmente dispõe em seu território.

Portanto, a oportunidade da apresentação deste trabalho contempla dois propósitos. Em primeiro lugar, ousar uma contribuição na construção do espaço sul-mato-grossense através de uma amostra de sua territorialidade, e, em segundo, ousar o mérito de uma produção científica, que possa suscitar novos estudos nessa área de forma mais aprofundada.

Também se deposita expectativa no fato de que este trabalho possa contribuir para alertar os dirigentes públicos e administradores da municipalidade lagunense, no sentido de promover ações planejadas quanto ao uso de seu território para o desenvolvimento das atividades turísticas. E, sobretudo, entender que os lugares vão aos poucos assumindo o seu papel no novo cenário globalizado do turismo, lembrando que Guia Lopes da Laguna ocupa uma posição nesse contexto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, N. P. **Segmentação do turismo no Pantanal brasileiro**. Campo Grande (MS): UFMS, 2007.

AGÊNCIA ESTADUAL DE GESTÃO DE EMPREENDIMENTO – AGESUL. **Mapa Político Rodoviário**. Campo Grande, 2008.

ANGELI, M. N. B. **Planejamento e organização em turismo**. Campinas (SP): Papirus, 1991.

ANDRADE, J. V. **Turismo: fundamentos e dimensões**. São Paulo: Ática, 1992.

ARANHA-SILVA, Edima. **Potencial e sustentabilidade do turismo na RT Turística Costa Leste em MS**. Três Lagoas: UFMS, 2005. (Relatório de Pesquisa)

BAPTISTA, M. **O turismo na economia: uma abordagem, teórica, econômica, social e cultural**. Lisboa: Instituto Nacional de Formação Turística, 1990.

BANDUCCI JÚNIOR, A.; MORETTI, E. C. (org.) **Qual paraíso? Turismo e ambiente em Bonito e no Pantanal**. São Paulo: Chronos; Campo Grande: UFMS, 2001.

BARRETO, M. A. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. Campinas (SP): Papirus, 1997.

BENI, M. C. **Análise estrutural do turismo**. São Paulo: SENAC, 2001.

BENEVIDES, I. P. Para uma agenda de discussão do turismo como fator de desenvolvimento local. IN: RODRIGUES, A. B. (org.). **Turismo e desenvolvimento local**. São Paulo: Hucitec, 1997.

BERNARDI, R. Problemas ambientais e o que você tem a ver com isso: a desertificação do leito do rio Miranda e impactos ambientais e socioeconômicos no Pantanal. **Revista Pantanal**. Ano 8, n 34. Jardim: Rakaal Editora, mar.-abr., 2008.

BOULLÓN, R. C. **Planificación del espacio turístico**. México: Trilías, 2000

CAMPESTRINI, H.; GUIMARÃES, A. C. **História de Mato Grosso do Sul**. Campo Grande (MS): Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 1995.

_____. **Santana do Paranaíba (de 1700 a 2002)**. Campo Grande (MS): Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2002.

CARAS, R. B. El turismo y los procesos de transformación territorial. IN: RODRIGUES, A. B. (org.). **Turismo e Geografia: reflexões teóricas e enfoques regionais**. São Paulo: Hucitec, 1996.

CARLOS, A. F. A. **A reprodução do espaço urbano**. São Paulo: EDUSP, 1994.

_____. O consumo do espaço. IN: CARLOS, A. F. A. (org.) **Novos caminhos da geografia**. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. O turismo e a produção do não-lugar. IN: YÁZIGI, E.; CARLOS, A.F.A.; CRUZ, R. C. A. (org.). **Turismo: espaço, paisagem e cultura**. São Paulo: Hucitec, 1999.

CASTROGIOVANNI, A. C. Por que geografia no turismo? IN: GASTAL, S. (org.). **Turismo: 9 propostas para um saber-fazer**. Porto Alegre: EDIPURS, 2002.

CAVACO, C. Turismo rural e desenvolvimento local. IN: RODRIGUES, A. B. (org.). **Turismo e Geografia: reflexões teóricas e enfoques regionais**. São Paulo: Hucitec, 1996.

CIDEMA. **Consórcio Intermunicipal para o Desenvolvimento Integrado das Bacias dos Rios Miranda e Apa**. Disponível em: <<http://www.cidema.org.br>> Acesso em: 10 jul. 2008.

CORIOLOANO, L. N. M. T. **Do local ao global: o turismo litorâneo cearense**. Campinas (SP): Papirus, 1998.

_____. Bases conceituais do desenvolvimento e do ecoturismo. IN: QUEIROZ, O. T. M. M. (org.). **Turismo e ambiente: temas emergentes**. Campinas (SP): Alínea, 2006.

_____. MELLO SILVA, S. C. B. **Turismo e geografia: abordagens críticas**. Fortaleza, Ed. UECE, 2005.

CORRÊA FILHO, V. **Fazendas de gado no Pantanal mato-grossense**. Rio de Janeiro: Ministério de Agricultura - Serviço de Informação Agrícola, 1955.

CORRÊA, L. S. **História e fronteira: o sul de Mato Grosso 1870 - 1920**. Campo Grande: UCDB, 1999.

CORRÊA, R. L. Espaço, um conceito-chave da geografia. IN: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. ; CORRÊA, R. L. **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

CRUZ, R. C. **Política de turismo e território**. São Paulo: Contexto, 2000.

CRUZ, R. C. A. **Introdução à geografia do turismo**. São Paulo: Roca, 2003.

CUNHA, E. N. **Análise do potencial turístico e planejamento da estrutura física do Santuário rio da Prata no município de Jardim - MS**. Trabalho de Conclusão de Curso. Jardim: UEMS/Curso de Turismo, 2007.

DALMOLIN, J. V. **Guia Lopes da Laguna: nossa terra, nossa gente, nossa história.** Guia Lopes da Laguna (MS), 2005. (No prelo)

DE LA TORRE, O. **El Turismo: fenómeno social.** México: Fondo de Cultura Económica, 1994.

DENCKER, A. F. M. **Métodos e técnicas de pesquisa em turismo.** São Paulo: Futura, 1998.

DOLLFUS, Olivier. **O espaço geográfico.** Trad. Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: DIFEL, 1982.

EMBRATUR. **Procedimentos do Programa Nacional de Municipalização do Turismo.** Brasília: EMBRATUR, 1999.

ENCICLOPÉDIA dos Municípios Brasileiros. Rio de Janeiro: IBGE, 1958.

FOLDER EXPLICATIVO DO CIDEMA. Consórcio Intermunicipal para o Desenvolvimento Integrado das Bacias dos Rios Miranda e Apa. S. n. t.

FUSTER, F. **Teoria y técnica del turismo.** Madri: National, 1974.

GÂNDARA, J. M. G.; TORRES, E.; LEFROU, D. A participação de todos os atores no processo turístico. **IBCTur – Revista Virtual de Direito e Turismo**, v. 5, p. 35-36, 2005. Disponível em: <<http://www.ibcdtur.org.br>> Acesso em: 14 mar. 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 1996.

GRESSLER, L. A.; VASCONCELOS, L. M. **Mato Grosso do Sul: aspectos históricos e geográficos.** Dourados (MS): L. Gressler, 2005.

_____. SWENSSON, L. J. **Aspectos históricos do povoamento e da colonização do Estado de Mato Grosso do Sul: destaque especial ao município de Dourados.** Dourados (MS): L. Gressler, 1988.

GUIMARÃES, A. V. **Seiscentas léguas a pé: a campanha do Apa.** Campo Grande (MS): Tribunal de Justiça de Mato Grosso do Sul, 1988.

_____. **Mato Grosso do Sul: história dos municípios.** Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 1992.

_____. **Mato Grosso do Sul, sua evolução histórica.** Campo Grande (MS): UCDB, 2001.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização: do fim dos territórios à multiterritorialidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

IBGE. **Setor de documentação e disseminação de informações.** Campo Grande, 2008.

IRVING, M. A.; RODRIGUES, C. G. O.; NEVES FILHO, N.C. Construindo um modelo de planejamento turístico de base comunitária – um estudo de caso. IN: IRVING, M. A.; AZEVEDO, J. (org.). **Turismo: o desafio da sustentabilidade**. São Paulo: Futura, 1998.

ISNARD, H. **O espaço geográfico**. Trad. João Victor G. da Silva Pereira. Coimbra: Livraria Almedina, 1982.

KNAFOU, R. Turismo e território: por uma abordagem científica do turismo. IN: RODRIGUES, A. B. (org.). **Turismo e geografia: reflexões teóricas e enfoques regionais**. São Paulo: Hucitec, 1996.

LUCHIARI, Maria Tereza D. P. Urbanização turística: um novo nexos entre o lugar e o mundo. IN: LIMA, Luiz Cruz (org.). **Da cidade ao campo: a diversidade do fazer turístico**. Fortaleza: UECE, 1998.

MAPA DA REGIONALIZAÇÃO DO TURISMO. **Regiões turísticas do Brasil**. Ministério do Turismo – Secretaria Nacional de Políticas do Turismo: Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico. Brasília – DF, 2004.

MATO GROSSO DO SUL. **Cenários e estratégias de longo prazo - MS 2020**. Campo Grande (MS), 2000.

MATTOS, Alaíde Brum de. **Diagnóstico e diretrizes turísticas para o município de Guia Lopes da Laguna – MS**. Jardim (MS): UEMS, 2007. (Relatório de Pesquisa)

MARIANI, M. A. P. **Turismo e meio ambiente no paraíso das águas**. Campo Grande: UCDB, 2003.

MEDEIROS, S. X. **Senhorinha Barbosa Lopes: uma história da resistência feminina na Guerra do Paraguai**. Campo Grande (MS): Gibim, 2007.

MINISTÉRIO DO TURISMO. **Mapa da Regionalização do Turismo**. Secretaria Nacional de Políticas Públicas de Turismo. Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico. Brasília – DF, 2004.

MOESCH, M. M. **A produção do saber turístico**. São Paulo: Contexto, 2000.

MOLINA, S. **Turismo: metodologia e planejamento**. Bauru (SP): EDUSC, 2005.

MOREIRA DA SILVA, R. C. **Descrição do espaço urbano do município de Guia Lopes da Laguna para uso turístico**. Jardim (MS): Trabalho de Conclusão de Curso, 2005.

NICOLÁS, D. H. Elementos para um análisis sociogeográfico del turismo. IN: Adyr B. Rodrigues (org.). **Turismo e Geografia: reflexões teóricas e enfoques regionais**. São Paulo: HUCITEC, 1996.

OLIVEIRA, A. P. **Turismo e desenvolvimento: planejamento e organização.** São Paulo: Atlas, 2000.

PAIXÃO, R. O. **Turismo na fronteira: identidade e planejamento de uma região.** Campo Grande (MS): UFMS, 2006.

PEARCE, D. G. **Geografia do turismo: fluxos e regiões no mercado de viagens.** Trad. Saulo Krieger. São Paulo: Aleph, 2003.

PETROCCHI, M. **Gestão de pólos turísticos.** São Paulo: Futura, 2001.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder.** São Paulo: Ática, 1993.

REGINA, Helder Rafael. Na rota da recuperação - boas notícias começam a chegar a Guia Lopes da Laguna: obras na BR 267 serão concluídas até agosto. **Revista Via Pantanal.** Jardim (MS): Rakaal Editora, n. 37, p. 8-9, fev.- mar. 2009.

REJOWSKI, M. **Turismo e pesquisa.** Campinas: Papirus, 1996.

Revista Via Pantanal. Jardim (MS): Rakaal Editora, n. 37, p. 8-9, fev-mar. 2009.

Revista Via Pantanal. Jardim (MS): Rakaal Editora, n. 34, p. 26-37, mar-abr. 2009.

RODRIGUES, A. B. **Turismo e Geografia: reflexões teóricas e enfoques regionais.** São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. **Turismo e desenvolvimento local.** São Paulo: Hucitec, 1997.

_____. **Turismo e espaço: rumo a um conhecimento transdisciplinar.** São Paulo: Hucitec, 2001.

RUSCHMANN, D. M. **Turismo e planejamento sustentável: a proteção do meio ambiente.** Campinas (SP): Papirus, 1997.

SANTOS, M. **Espaço e sociedade.** Petrópolis: Vozes, 1982.

_____. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** São Paulo: Hucitec, 2006.

_____; SILVEIRA, M. L. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI.** Rio de Janeiro: Record, 2005.

SESSA, A. **Turismo e política de desenvolvimento.** Porto Alegre: Uniontur, 1983.

SILVA, J. M. **Canaã do Oeste.** Campo grande, MS: Tribunal de Justiça de Mato Grosso do Sul, 1989.

SILVA, M. G. L. da. **Cidades turísticas: identidades e cenários de lazer.** São Paulo: Aleph, 2004.

SIMÃO, M. C. R. **Preservação do patrimônio cultural em cidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SOUZA, M. J. L. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. IN: CASTRO, Iná Elias de et al. (org.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

TAUNAY, Alfredo d'Escragnole (Visconde de). **A Retirada da Laguna**. São Paulo: Melhoramentos, 1935.

VARGAS, I. A. A gênese do turismo em Bonito. IN: Banducci Júnior, Álvaro; MORETTI, Edvaldo César (org.). **Qual paraíso?** Turismo e ambiente em Bonito e no Pantanal. São Paulo: Chronos - Campo Grande: UFMS, 2001.

WAINBERG, J. A. **Turismo e comunicação: a indústria da diferença**. São Paulo: Contexto, 2003.

ANEXO 1

FORMULÁRIO ENTREVISTA COM OS RESIDENTES DE GUIA LOPES DA LAGUNA- MS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL – CAMPUS DE
AQUIDAUANA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM GEOGRAFIA

**PROJETO: IDENTIFICAÇÃO E FORMAÇÃO DE TERRITÓRIO TURÍSTICO NA
ÁREA URBANA DE GUIA LOPES DA LAGUNA/MS: O CASO DA AVENIDA
SANTA TEREZINHA**

FORMULÁRIO 1 – RESIDENTES DE GUIA LOPES DA LAGUNA

Estamos coletando dados e informações para o projeto acima especificado. Por esse motivo solicitamos o preenchimento deste questionário:

Nome: _____

Idade: _____ **Profissão:** _____

Há quanto tempo reside na localidade? Resposta: _____

01) Qual a importância do Turismo para o município de Guia Lopes da Laguna?

- a) muito importante ()
- b) importância insignificante ()
- c) nenhuma importância ()

02) O município lagunense possui atrativos naturais expressivos para o turismo (cachoeiras, cavernas, dolinas, e outros), capazes de atrair demandas a exemplo de Bonito - Serra da Bodoquena, e Porto Murtinho - Pantanal Sul?

- a) Sim ()
- b) Não ()

03) Você acha que seu município tem possibilidades de integrar os territórios turísticos da Serra da Bodoquena e do Pantanal Sul?

- a) Sim ()
- b) Não ()

04) Os visitantes que afluem para os destinos turísticos da Serra da Bodoquena e do Pantanal Sul utilizam o território de seu município para realizar seus deslocamentos?

- a) Sim () b) Não ()

05) Precisamente em que área do espaço urbano do município lagunense esse fenômeno vem ocorrendo?

- a) na porção mais antiga da cidade ()
b) na porção nova da cidade ()
c) no espaço cortado pelas rodovias (BR 060 e BR 267) ()
c) outra localidade () Qual? _____

06) Quais os pontos de referência mais significativos desse espaço? Indicar dois pontos.

- a) estrada velha que liga Guia Lopes da Laguna à cidade de Jardim ()
b) Avenida Santa Terezinha ()
c) tronco rodoviário que dá acesso a vários destinos turísticos da região ()
d) terminal rodoviário do município ()

07) Na sua interpretação, o espaço urbano do município de Guia Lopes da Laguna por onde se deslocam turistas está se convertendo em:

- a) espaço urbano utilizado apenas para a passagem dos turistas ()
b) espaço urbano utilizado como área exclusivamente residencial ()
c) espaço turístico utilizado como núcleo anfitrião ()
d) espaço turístico para prestação de serviços ao turismo itinerante ()

08) O fluxo de turistas que ocorre em Guia Lopes da Laguna, interligando duas rotas turísticas da região: Serra da Bodoquena e Pantanal Sul, poderá:

- a) promover o município lagunense turisticamente ()
b) oportunizar a inserção do município nos territórios turísticos da região ()
c) comprovar por definitivo a falta de vocação turística do município ()

09) Em sua opinião, essa área turística em formação no espaço urbano de Guia Lopes da Laguna, deve continuar acontecendo:

- a) aleatoriamente - sem intervenção do poder local ()
- b) administrada apenas pelos residentes que atuam nesse espaço ()
- c) administrada pelas agências e operadoras turísticas dos destinos Serra da Bodoquena e Pantanal Sul ()
- d) administração, planejamento e gestão por parte do poder público local com a participação dos munícipes ()

10) O turismo 'itinerante' ou 'turismo de estrada', como é chamado o segmento causado por deslocamentos de turistas, poderá provocar em seu município o desenvolvimento de outros segmentos turísticos, tais como:

- a) Turismo Cultural ()
- b) Turismo Gastronômico ()
- c) Turismo de Eventos ()
- d) Turismo Histórico ()
- e) Ecoturismo ()

11) A criação do Conselho Municipal de Turismo em Guia Lopes da Laguna no momento atual se constitui em estratégia:

- a) fundamental para orientar e respaldar as ações turísticas no município ()
- b) de pouca importância para o turismo local ()
- c) sem importância nenhuma para o turismo local ()
- d) que pode ser prorrogada para momento considerado oportuno ()

12) As questões pertinentes ao turismo em seu município:

- a) são discutidas amplamente pela população local ()
- b) têm sido tema de debate entre vários segmentos da localidade ()
- c) têm sido tema de preocupação apenas do poder público local ()
- d) a comunidade local não se interessa pelo assunto ()

Agradeço sua contribuição! Sem dúvida será muito valiosa para a pesquisa.

ANEXO 2

FORMULÁRIO ENTREVISTA COM GRUPO DE EMPREENDEDORES DA AVENIDA SANTA TEREZINHA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL – CAMPUS DE
AQUIDAUANA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM GEOGRAFIA

**PROJETO: IDENTIFICAÇÃO E FORMAÇÃO DE TERRITÓRIO TURÍSTICO NA
ÁREA URBANA DE GUIA LOPES DA LAGUNA/MS: O CASO DA AVENIDA
SANTA TEREZINHA**

Estamos coletando dados e informações para o projeto acima especificado. Por esse motivo solicitamos o preenchimento deste questionário:

Nome: _____ **Idade:** _____

Ramo da atividade comercial: _____

Ramo da prestação de serviços: _____

Tempo do empreendimento na localidade? Resposta: _____

FORMULÁRIO 2 – GRUPO DE EMPREENDEDORES DA AVENIDA SANTA
TEREZINHA

01) Com base na economia regional, qual a atividade econômica que influenciou de forma decisiva para a instalação do seu empreendimento na Avenida Santa Terezinha?

- a) Agricultura () b) Pecuária () c) Comércio ()
d) Indústria () e) Turismo () f) Empresas públicas ()

02) Quanto à escolha da Avenida Santa Terezinha para instalar sua empresa, o motivo principal foi por:

- a) excesso de empreendimentos do mesmo ramo no centro da cidade ()
b) inexistência de empreendimentos dessa natureza no município ()
c) política de incentivo fiscal da municipalidade lagunense ()
d) existência de demandas consumidoras para os produtos oferecidos ()

03) Qual o segmento econômico que mais tem se beneficiado dos serviços oferecidos pela sua empresa?

- a) Agricultura () b) Pecuária () c) Comércio ()
d) Indústria () e) Turismo () f) Empresas públicas ()

04) O estabelecimento de empresas comerciais e prestadoras de serviços na Avenida Santa Terezinha tem contribuído para:

- a) modificar a paisagem local ()
b) provocar alterações de pouca relevância no espaço lagunense ()
c) fortalecer relações socioeconômicas entre os que aí residem e produzem ()
d) atrair novos empreendedores para o município ()

05) Do ponto de vista urbanístico, a tendência da Avenida Santa Terezinha é se transformar em:

- a) espaço prestador de serviços especializados na agropecuária ()
b) espaço para a instalação de complexo industrial e comercial ()
c) espaço para a prestação de serviços turísticos e de lazer ()
d) espaço para a instalação de instituições financeiras ()

06) Quais são os consumidores potenciais de sua empresa?

- a) a população residente em Guia Lopes da Laguna ()
b) as populações residentes nas cidades vizinhas de Guia Lopes da Laguna ()
c) os turistas que se deslocam por essa área ()
d) os pecuaristas e agricultores da região ()

07) Em virtude do acentuado número de empresas instaladas na Avenida Santa Terezinha, é necessário:

- a) maior investimento empresarial para os setores aí representados ()
b) maior incentivo fiscal do poder público local ()
c) capacitar mão-de-obra especializada para atendimento ()
d) criar associação para discutir as ações públicas e privadas nessa área ()

08) Entre duas rotas turísticas – Serra da Bodoquena e Pantanal Sul, os lugares vão aos poucos assumindo seu papel nesse novo cenário turístico. Em sua opinião, qual a posição de Guia Lopes da Laguna nesse contexto?

- a) ficará marginalizado em virtude de seus poucos recursos naturais ()
- b) com o tempo poderá ser inserido no roteiro turístico da região ()
- c) é um 'território turístico', pois presta serviços para o setor ()
- d) terá o seu papel turístico ameaçado pela vizinha cidade de Jardim/MS ()

09) Turisticamente falando, Guia Lopes da Laguna atravessa:

- a) momento único quanto a sua inserção no roteiro turístico da região ()
- b) momento do encontro com a '**galinha de ovos de ouro**' do turismo ()
- c) momento de expectativas futuras com a atividade turística ()
- d) momento de retração econômica, vendo o turismo como porta de saída ()

10) A classe empresarial representa fator decisivo para o desenvolvimento de uma localidade. Em relação ao turismo, como o poder local enxerga o poder e o papel do ator empresarial no processo?

- a) com desdém, por entender que pouco ou nada sabem sobre o setor ()
- b) com desdém, por entender que o controle do setor é do poder local ()
- c) com confiança, todavia está despreparado para programar ações ()
- d) com confiança, faltando apenas ousar o 'lugar' como turístico ()

11) Em sua opinião, a criação do Conselho Municipal do Turismo em Guia Lopes da Laguna:

- a) poderá contribuir, todavia a sua ausência não prejudica o setor ()
- b) poderá contribuir, se a comunidade estiver preparada para constituí-lo ()
- c) oportuniza ao poder privado participar e opinar sobre ações no setor ()
- d) não é necessário, pois seu fluxo é de turistas itinerantes ()

Agradeço sua contribuição! Sem dúvida, ela será muito valiosa para esta pesquisa.

ANEXO 3

FORMULÁRIO ENTREVISTA FLUXO ITINERANTE DA AVENIDA SANTA TEREZINHA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL – CAMPUS DE AQUIDAUANA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM GEOGRAFIA

PROJETO: IDENTIFICAÇÃO E FORMAÇÃO DE TERRITÓRIO TURÍSTICO NA ÁREA URBANA DE GUIA LOPES DA LAGUNA/MS: O CASO DA AVENIDA SANTA TEREZINHA

FORMULÁRIO 3 - FLUXO ITINERANTE TURISTA DA AVENIDA SANTA TEREZINHA

Estamos coletando dados e informações para o projeto acima especificado. Sua colaboração contribuirá para a melhoria dos produtos e serviços turísticos oferecidos na Avenida Santa Terezinha.

1) Procedência

() do estado () outro estado UF ()

() outro país: Qual?

Município brasileiro: Qual?

2) Profissão: Qual?

3) Sexo

() feminino () masculino

4) Idade

() 18 a 25 () 26 a 34 () 35 a 50

() 51 a 65 () Mais de 65

5) Estado Civil: Qual?

6) Escolaridade

() 1º Grau () 2º Grau () Superior – Qual?

15) Tempo de permanência

- dois a três dias três dias a cinco dias cinco dias a sete dias
 mais de uma semana

16) Previsão de gastos: R\$.....**17) Quantas pessoas estão incluídas nesse gasto?****18) Qualifique os serviços de apoio ao turismo oferecidos na Avenida Santa Terezinha – município de Guia Lopes da Laguna/MS**

- Excelente Bom Regular Péssimo

19) Durante a sua viagem de deslocamento para os roteiros Serra da Bodoquena e/ou Pantanal Sul, quais os serviços que foram mais utilizados?

- sanitários e higiene refeições lanches, bebidas e sucos
 revistas e jornais borracharia oficina
 outro Qual?

20) Qual a sua opinião sobre a criação e instalação de um Centro de Informações Turísticas (CEITUR) na Avenida Santa Terezinha?

- sem relevância – os turistas buscam informações nos centros emissores
 sem relevância – os turistas encontram informações nos centros receptores
 importante para mostrar o potencial turístico do município lagunense
 importante para o turista que poderá obter informações detalhadas de todos os atrativos naturais e culturais da região.

Agradeço sua contribuição! Sem dúvida será muito valiosa para a pesquisa.